

FRAGMENTOS ARTURIANOS
do Manuscrito 116 da Biblioteca Nacional de Paris, ff. 673r-678r
Edição e análise

Simona Ailenii
Faculdade de Letras da Universidade do Porto
2007

Dissertação de Mestrado do Curso Integrado de Estudos Pós-Graduados em Literaturas Românicas apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em Julho de 2006, sob a orientação do Prof. Doutor José Carlos Ribeiro Miranda

Nota Prévía

Não poderei deixar de agradecer

aos meus colegas e amigos, Elsa, Isabel, Joana, Rita, Filipe, Laura e Álvaro, tanto apoio e tanta amizade,

à Professora Doutora Ana Sofia Laranjinha, a orientação preciosa, pelo cuidado posto na revisão da edição,

à Professora Doutora Cristina Marinho, a inestimável compreensão, amizade e atenção paciente com a minha aprendizagem da Língua Portuguesa que quero minha,

às Professoras Doutoradas Clara Barros, Fátima Outeirinho, Maria de Nascimento, Luísa Malato, os ensinamentos pacientes e marcantes

e ao Professor José Carlos Miranda a quem sempre agradecerei a oportunidade de me integrar nos estudos da FLUP e de prosseguir a minha formação sob a sua preciosa e paciente orientação que contribuíram também para a conclusão deste trabalho.

Introdução

O presente trabalho tem duas vertentes, uma editorial e outra centrada na análise da matéria narrativa de vários textos medievais, incluindo, evidentemente, a que se encontra na parte editorial referida. Trata-se, em primeiro lugar, da edição semi-paleográfica dos fólios 673r-678r do manuscrito de Paris, Bibliothèque Nationale, fonds fr. 116, datado nos finais do século XV (1460-1470). O histórico deste manuscrito em quatro livros atesta que foi transcrito por ordem de Jacques d'Armagnac, conde “de la Marche”, cujo emblema se encontra no fólio 678r, e depois passou pelas mãos de Jehan de Chabannes e do seu filho, Jacques de Coligny, senhor de Châtillon-sur-Loing, assim como se especifica, também, numa inscrição do último fólio¹. Em segundo lugar, o presente trabalho propõe um estudo comparativo de vários testemunhos medievais, cinco franceses e um português. Trata-se, mais especificamente, por um lado da interpretação do conjunto do arranjo textual, organização interna, partes novas, intervenções do narrador, inserção na parte final de uma *Queste* e um início da *Mort Artu* com a contemplação de um episódio tristaniano, estas todas, nos fólios 673r-678r do ms. B.N. fr. 116 e, por outro, do confronto textual de quatro narrativas (morte de Galaad e Perceval, combate entre Tristan e Lancelot no Perron Merlin, os sonhos de Lancelot, o regresso de Boorz à corte do rei Artur) incluídas no mesmo manuscrito com as versões correspondentes das seguintes obras: *La Queste del Saint Graal* (ed. Pauphilet, 1923), *A Demanda do Santo Graal* (ms. 2594 B.N.Viena²), *Le Roman de Tristan en prose* (dir. Ménard, Genève, Droz, 1987-1997), *Le Roman de Tristan en prose* (dir. Ménard, Paris, Champion, 1997-2004), e também o ms. B.N. fr. 112 incluído na *Version Post-Vulgate da Queste del Saint Graal e de la Mort Artu, troisième partie du Roman du Graal* (ed. Bogdanow, 1991).

A organização dos fólios 673r-678r do ms. B.N. fr. 116 apresenta características de uma cópia típica do séc. XV: duas colunas da mesma largura, separadas por uma entrecoluna; cinquenta linhas; a densidade da página é dada pela letra gótica muito regular. Na parte superior da página regista-se constantemente o título do livro (*Le tiers*

¹ PICKFORD, C. E., *L'évolution du roman arthurien en prose vers la fin du Moyen Age d'après le manuscrit 112 du fonds français de la Bibliothèque National de Paris*, Paris, A. G. Nizet, 1960, p. 274; BOGDANOW, Fanni, *La Version Post-Vulgate de la Queste del Saint Graal et de la Mort Artu, troisième partie du Roman du Graal*, Tome I, *Introduction*, Paris, Société des Anciens Textes Français, 1991, pp. 120-121.

² O fac-símile do ms. 2594 B.N.Viena, vol. 2, ed. Augusto Magne, *A Demanda do Santo Graal*, Rio de Janeiro, INCM, 1955-1971.

Livre du messire Lancelot du Lac) ou da *branche* (*Cy finist la premiere branche du tiers Livre de messire Lancelot du Lac, Cy commence la seconde branche du tiers et derrenier Livre de messire Lancelot du Lac*). Destaca-se a exposição dos períodos marcada com capitais ou assinalada com pontuação. As capitais são consideravelmente elaboradas por três, quatro ou mesmo cinco linhas e apresentam uma decoração muito rica. O texto expõe também uma ornamentação para completar a linha vazia (ff. 673r, 678r), muitas iluminuras com o enquadramento da coluna (ff. 674r, 676r, 676v, 678r). Para além de introduzir um novo capítulo, os títulos marcados em tinta vermelha têm a função de explicar as iluminuras (f. 674r: *Comment Lancelot et Tristan se combatent au Perron Merlin*). As iluminuras dos fólhos 673r-678r ilustram os momentos centrais da história aqui contada. Assim sendo, no fólho 674r aparece uma iluminura mostrando dois cavaleiros a combater, isto é, Lancelot e Tristan no Perron Merlin; no fólho 676r, estão representados Lancelot a pedir ao rei Artur e aos outros cavaleiros aí presentes para investir Tristan cavaleiro da Mesa Redonda; no fólho 676v encontra-se uma das mais belas iluminuras da morte dos amantes de Cornualha, Tristan, a morrer, abraçando Yseut, e o rei Marc com a *glaive* que feriu mortalmente seu sobrinho e, finalmente, no fólho 678r, onde se encontra também o emblema de Jacques d'Armagnac, conde “de la Marche”, a decoração minuciosa e extremamente bela da iluminura ilustra a recepção de Boorz na corte do rei Artur.

Repare-se na inserção de uma continuação explícita da matéria na parte inferior da iluminura que se continua na primeira linha de cada coluna. Portanto, o texto do fólho 677v/col. II anunciando o início da matéria da segunda *branche* do livro: *Cy commence la seconde branche du tiers livre de messire Lancelot du Lac et parlera de la mort le roy Artus et du desfinement de la Table Ronde et comment le roy Artus fit grant chere a Boorz qui luy compta le trespasement de Galaad* continua no fólho 678r na parte inicial das colunas: *de Galaad et de Perceval et comment Gauvain ot // occis XXIII chevaliers en la queste du Saint Graal*. Esta disposição poderia dar conta de uma inserção ulterior dos títulos no corpo do texto.

Uma descrição importante do manuscrito 116 da Bibliothèque Nationale de Paris encontra-se no estudo de C. E. Pickford. Em primeiro lugar o autor chama a atenção para este manuscrito do *Lancelot-Graal* como sendo também um testemunho de fragmentos e resumos dos principais episódios tristanianos¹. Em segundo lugar, de

¹ PICKFORD, C. E., *L'évolution du roman arthurien...*, p. 11.

especial relevo torna-se a atenção que C. E. Pickford concede à iconografia, que se prova superior a do ms. 112¹ e a técnica da escrita deste testemunho do século XV.

Os trabalhos de A. Micha² permitem ter uma visão global sobre o lugar que o manuscrito 116 ocupa na tradição manuscrita do *Lancelot en prose*.

Tal como refere Fanni Bogdanow, com o conjunto dos manuscritos 113-116 da Bibliothèque Nationale de Paris estamos perante uma cópia inteira do ciclo da *Vulgate*, ou seja, *Estoire del Saint Graal*, *Estoire de Merlin sans suite*, *le Lancelot propre*, *la Queste* e *la Mort Artu*³. A problemática da tradição manuscrita do ciclo da *Vulgate* e do ciclo *Pseudo-Boron* (ou *Post-Vulgate*, segundo Bogdanow) foi objecto de vários estudos. O manuscrito B.N. fr. 116, avaliado por Fanni Bogdanow na *Introdução* à sua edição *La Version Post-Vulgate de la Queste del Saint Graal et de la Mort Artu*, levanta questões importantes no que diz respeito às fontes nela contempladas. Distinguímos a tese da erudita inglesa, segundo a qual o “ciclo da Post-Vulgata” ou “Roman du Graal” se situa, cronologicamente, entre 1230 e 1240⁴ e tem a seguinte organização textual: *Estoire del Saint Graal*, *Merlin* (prosificação do de Robert de Boron), seguida da *Suite du Merlin* do Pseudo-Robert de Boron, *Folie Lancelot* e a *Queste* Post-Vulgata seguida da *Mort Artu*. Assim como refere Fanni Bogdanow⁵, o conjunto textual da *Queste* e da *Mort Artu* Post-Vulgate, constituindo a terceira parte do *Roman du Graal*⁶, não sobreviveu num manuscrito francês único, encontrando-se o seu melhor testemunho na versão portuguesa da *Demanda do Santo Graal*.⁷ A colação dos vários textos, efectuada por esta investigadora britânica e que reconstitui uma versão desta parte do “ciclo do Pseudo-Boron”, (designação que preferimos à de “ciclo da Pós-

¹ Idem, p. 16.

² MICHA, A., “La tradition manuscrite du *Lancelot en prose*”, ROMANIA, LXXXV (1964), pp. 293-318 e 478-517; LXXXVI (1965), pp. 330-359; “Les manuscrits du *Lancelot en prose*”, ROMANIA, 81 (1960), pp. 151-156.

³ BOGDANOW, Fanni, *La Version Post-Vulgate...*, Tome I, p. 121.

⁴ BOGDANOW, Fanni, *The Romance of the Grail. A study of the structure and genesis of a thirteenth-century Arthurian prose romance*, Manchester / New York, Manchester University Press / Barnes & Noble Inc., 1966, p. 222.

⁵ BOGDANOW, Fanni, *La Version Post-Vulgate...*, Tome I, p. 1.

⁶ «The Post-Vulgate Roman du Graal (...) consists of three parts, the first one including the *Estoire del Saint Graal* and the prose rendering of Robert de Boron’s *Merlin*, followed by the first portion of the Post-Vulgate *Suite du Merlin*. The second part includes the remainder of the *Suite du Merlin* and a continuation of the latter preserved in part by the *Folie Lancelot*, while the third part consists of revised versions of the *Queste del Saint Grial* and *Mort Artu*. (BOGDANOW, Fanni, «The Madrid Tercero libro de don Lançarote...», *Bulletin of Hispanic Studies*, LXXVI, 1999, p. 441.)

⁷ LARANJINHA, Ana Sofia, *Artur, Tristão e o Graal. A escrita romanesca no ciclo do Pseudo-Boron* (Tese policopiada), Porto, Universidade do Porto, 2005, p. 14.

Vulgata” utilizada por Fanni Bogdanow¹), torna-se inquestionável. Para além da edição semi-paleográfica dos fólhos 673r-678r do ms. 116, o nosso trabalho integra a análise da matéria destes mesmos fólhos, que encerram parte do ciclo avaliado por Fanni Bogdanow e acima referido.

As conclusões da tese de José Carlos Miranda colidem com as de Fanni Bogdanow no que diz respeito a organização do ciclo da Vulgata e estabelecem, desta forma, outra perspectiva sobre a relação entre este ciclo e o do Pseudo-Boron. Assim sendo, recorrendo a uma diferente argumentação, Miranda considera que a versão portuguesa da *Demanda do Santo Graal* não resultaria de uma refundição da *Queste* do ciclo da Vulgata, os dois textos sendo descendentes de um original comum, uma *Queste* primitiva, hoje desaparecida. Desta forma, a configuração do primeiro ciclo em prosa do Graal integraria os seguintes testemunhos: *Estoire del Saint Graal*, *Lancelot en Prose* e a perdida *Queste-Galaad* e *Mort Artu*². O ciclo do Pseudo-Boron, constituindo uma expansão do ciclo primitivo integraria a *Estoire del Saint Graal*, *Merlin* e a sua *Suite*, *Lancelot en Prose*, uma versão do *Tristan en Prose* e *Folie Lancelot* e a *Queste-Mort Artu*. O último romance do ciclo era o original francês que teria estado na base da *Demanda* portuguesa³. Seria um texto paralelo ao da Vulgata e não uma Pós-Vulgata.

Os fólhos 673r-678r do ms. B.N. fr. 116 encerram a parte final da *Queste* e a parte inicial da *Mort Artu*. Entre estas partes, há uma interpolação de matéria tristaniana (o combate entre Tristan e Lancelot no Perron Merlin) e um episódio da *Queste Pseudo-Boron*⁴, (os sonhos de Lancelot). Assim sendo, nos fólhos 673r-678r do ms. 116 distinguimos quatro episódios: a morte de Galaad e Perceval; o combate entre Tristan e Lancelot no Perron Merlin; os sonhos de Lancelot e, finalmente, o regresso de Boorz à corte de Artur. Propomos um estudo comparativo desta matéria narrativa recorrendo a vários textos. O nosso objectivo consta, principalmente, no confronto de vários testemunhos franceses⁵ com a sua primeira versão ibérica surgida na segunda metade do séc. XIII, na corte de Afonso III⁶.

¹ MIRANDA, José Carlos, «A edição castelhana de 1535 da *Demanda del Sancto Grial*: o retorno de Excalibur às águas...» in *Separata*. Península. Revista de Estudos Ibéricos, Porto, nr. 1, 2004, p. 55.

² MIRANDA, José Carlos, *A Demanda do Santo Graal e o Ciclo Arturiano da Vulgata*, Porto, Granito, 1998, pp. 86-108.

³ *Idem*, pp. 20-24.

⁴ BOGDANOW, Fanni, *La Version Post-Vulgate...*, Tome I, p. 125.

⁵ Recorremos às edições existentes no caso de alguns testemunhos: *La Queste del Saint Graal*, ed. A. Pauphilet (1923), *Tristan en prose*, ed. P. Ménard (1987-1997 e 1997-2004), *La Version Post-Vulgate*, ed. F. Bogdanow (1991) (ms. B.N. fr. 112).

⁶ MATTOSO, José coord., *História de Portugal*, Lisboa, Círculo de Leitores, Segundo Volume: *A monarquia feudal (1096-1480)*, 1993, p. 175.

A tradução portuguesa da *Demanda do Santo Graal* é atribuída a Joam Vivas, freire de Santiago, nome surgido no corpo do texto da versão castelhana¹. Chamamos a atenção para dois aspectos importantes quanto ao texto português da *Demanda do Santo Graal*, versão de uma redacção francesa, hoje perdida. Ou seja, a prioridade do texto português no contexto peninsular², e a sua prioridade na organização dos testemunhos do ciclo do Pseudo-Boron. Centrando-se na abordagem dos dois momentos sucessivos de escrita do texto português da *Demanda do Santo Graal*, designados por *nível A* (a primeira fase de redacção) e *nível B* ou *nível tristaniano*, a tese de José Carlos Miranda verifica que estamos perante o melhor vestígio da forma original da “Queste-Galaad”³. Será de referir, ainda, neste contexto, a análise do texto português em torno do complexo trabalho do refundidor da parte tristaniana e a integração no ciclo do Pseudo-Boron, apresentada na tese de Ana Sofia Laranjinha⁴.

No seu exaustivo estudo introdutório à *La Version Post-Vulgate de la Queste del Saint Graal e de la Mort Artu*, Fanni Bogdanow⁵ descreve vários testemunhos e refere a ausência de um testemunho francês integral da *Queste Pseudo-Boron*⁶. Assim sendo, a erudita inglesa organiza em dois grupos os testemunhos do ciclo Pseudo-Boron. Ou seja, de um lado, a versão incluída nas *Demandas* ibéricas (*A Demanda do Santo Graal* portuguesa e *La Demanda del Sancto Grial* castelhana) e, do outro, a versão incluída no *Tristan en prose* (versão longa) em língua francesa. A reconstituição da edição da *Queste Pseudo-Boron* integra, principalmente, os seguintes testemunhos⁷: as versões ibéricas da *Demanda* e os fragmentos dos manuscritos franceses B.N. fr. 112, 116, 340, 343. É de salientar, ainda, que, segundo Fanni Bogdanow, as versões da *Queste/Demanda* que se encontram nos fragmentos designados por não-tristanianos,

¹ MIRANDA, José Carlos, *Conto de Perom, o Melhor Cavaleiro do Mundo*, Porto, Granito, 1994, p.17; Cf. *La Demanda del Sancto Grial*, ed. Adolfo Bonilla y San Martin, Madrid, 1907, p. 181.

² LAPA, Rodrigues, *A «Demanda do Santo Graal». Prioridade do texto português*, Lisboa, 1930, Miscelânea de Língua e Literatura Portuguesa Medieval, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1982, pp. 303-340.

³ MIRANDA, José Carlos, *A Demanda do Santo Graal e o Ciclo...*, p. 71 (Cf. PICKFORD, C. E., “La Priorité de la version portugaise de la «Demanda do Santo Graal»”, *BULLETIN HISPANIQUE*, LXII (1961), pp. 211-216).

⁴ LARANJINHA, Ana Sofia, *Artur, Tristão e o Graal. A Escrita Romanesca no Ciclo do Pseudo-Boron* (Tese policopiada), Porto, Universidade do Porto, 2005.

⁵ BOGDANOW, Fanni, *La Version Post-Vulgate...*, Tome I, *Introduction*, p. 1.

⁶ Como já referimos, preferimos a designação *Queste Pseudo-Boron* (QPB) à *Queste Post-Vulgate*, proposta por Fanni Bogdanow e a sua edição *La Version Post-Vulgate de la Queste del Saint Graal...* será referida como *Queste Pseudo-Boron* e designada por QPB (Cf. MIRANDA, J. C., «A edição castelhana de 1535 da *Demanda del Sancto Grial...*, p. 55).

⁷ Cf. supra, Cap. I. 2. 3. Os sonhos de Lancelot.

isto é, os mss. B.N. fr. 112, 116, 340, 343 e nos textos ibéricos, remetem para o mesmo original francês.

Com base na afirmação da investigadora britânica quanto à especificidade que terão tido estes testemunhos, procederemos à avaliação das variantes dos textos franceses (o ms. B.N. fr. 116, *La Queste del Saint Graal*, ed. A. Pauphilet, o ms. B.N. fr.112, incluído na edição *Queste Pseudo-Boron* de Fanni Bogdanow, *Tristan en prose*, versão breve e versão longa) e do testemunho português (*A Demanda do Santo Graal*, ms. 2594 da B.N.Viena). Propomos um estudo comparativo da matéria que os fólios 673r-678r do ms. B.N. fr. 116 encerram com a dos textos acima referidos. A organização interna do trabalho que agora apresentamos seguirá a seriação da ocorrência das narrativas integradas nos fólios 673r-678r do ms. B.N. fr. 116. Moveu-nos a vontade de entender a relevância do texto narrativo em relação ao testemunho ibérico, visto que na sua edição da *Post-Vulgate*, Fanni Bogdanow apenas lhe concedeu o estatuto de nota de rodapé.

O nosso trabalho centrar-se-á na averiguação das hipóteses que poderiam ser levantadas quanto à lógica interna dos episódios aqui incluídos e na sua importância para o estudo das duas obras contempladas: *Queste do Pseudo-Boron* e *Tristan en prose*.

I. Estudo do texto

I.1. A matéria narrativa

Identificámos quatro principais narrativas nos fólios 673r-678r do manuscrito da Bibliothèque Nationale de Paris fr. 116:

I.1.1. A morte de Galaad e Perceval (*Queste*)

I.1.2. O combate entre Tristan e Lancelot no Perron Merlin (*Tristan en prose*)

I.1.3. Os sonhos de Lancelot (*Queste Pseudo-Boron*)

I.1.4. O regresso de Boorz à corte do rei Artur (*Mort Artu*)

I.1.1. A morte de Galaad e Perceval

Após a aparição de Josefes, filho de José de Arimateia, as maravilhas do Graal são reveladas a Galaad. Josefes confessa-lhe que foi enviado devido à pureza que se encontrava em Galaad e que se conjugava com a sua, mas também pelo facto de Galaad ter visto o Graal. Galaad despede-se de Boorz após ter recebido a comunhão de Josefes. Perceval não aparece neste episódio. Trata-se de uma omissão do redactor, já que a personagem é referida mais adiante como tendo participado neste episódio. Nos outros testemunhos (QP, DP, DE, ms. B.N., fr. 772), Perceval está presente na despedida de Galaad dos companheiros. A alma de Galaad abandona, então, o corpo e é levada pelos anjos.

Uma outra maravilha é o desaparecimento do Graal, tomado por uma mão que surge do céu. Presenciando esta cena, Perceval e Boorz lamentam a morte de Galaad. Depois de terem sepultado o corpo de Galaad, Perceval retira-se para um ermitério onde morre ao fim de um ano e dois meses. É Boorz quem o sepulta ao lado da sua irmã e de Galaad, partindo em seguida para Camelot. Uma vez chegado à corte do rei Artur, Boorz conta as novas da morte dos seus companheiros. Artur manda redigir todas as aventuras do Santo Graal e guardá-las na abadia de Salebieres, matéria que constitui a fonte do *Livro do Santo Graal*, escrito por Gaultier Map por amor ao rei Henri II de Inglaterra.

I.1.2. O combate entre Tristan e Lancelot no Perron Merlin

O redactor remete para o segundo de três livros, que conta, entre outras, as aventuras do herói Tristan, igualmente narradas num livro da autoria de Helies du Boron, e que descreve a morte de Tristan e de outros cavaleiros, com excepção de Palamedes, cuja morte se apresenta como anteriormente descrita no *Livre de Tristan*. Em seguida, evoca de uma forma lacunar a morte de Lamorat, mencionando também a de Palamedes, mortos à traição por Galvão, seguindo-se uma referência ao *Livre de Bret* (o nome Bret parece designar o romance *Tristan en prose*¹), onde esta matéria se encontra mais desenvolvida. Depois, refere os combates de Tristan contra vários cavaleiros da Mesa Redonda, incluindo Lamorat (com uma nova referência ao segundo livro, onde fora já descrito este combate). Tristan é gravemente ferido e só quando chega à Irlanda é curado por Iseut. No regresso à Cornouaille, Tristan enfrenta e vence Blancy de Gaunes e Blanor de Gaunes, mas na corte do seu tio, o rei Marc, os amores com Iseut obrigam-no a fugir para Logres, onde leva a cabo diversas proezas.

Segue-se a preparação do combate entre Tristan e Palamedes. Por se encontrar preso, Palamedes vê-se impedido de estar presente no Perron Merlin no dia combinado. Na ausência de Palamedes, Tristan defronta Lancelot. O redactor relembra o livro de Robert de Boron onde foram já desenvolvidas todas estas aventuras. Lancelot vinha da ilha das fadas, onde combatera Galinand (o filho de Gurion le Cotoie) e o cavaleiro das armas vermelhas, Galinans du Bois Verdoyant, chamado também l'Orgueilleux. Ao chegar a Perron Merlin, Lancelot é incitado à luta por um cavaleiro cuja identidade só no final do combate conhecerá: trata-se de Tristão. O combate é sangrento. Gouvernail e os escudeiros de Tristan presenciaram-no, mostrando-se Gouvernail desesperado ao ver o estado lastimoso dos dois combatentes. Entre os assistentes, encontram-se também o irmão do Duc de Clarence e Brandeliz. Lancelot tenta adivinhar a identidade do seu rival pensando em Lamorat ou em Palamedes; Tristan, por seu turno, procura também descobrir quem é o seu adversário. Segue-se um diálogo cujos protagonistas são o irmão

¹ PICKFORD, C. E., *L'évolution du roman arthurien...* : « Or dans le prologue du Palamède, où sont énumérés plusieurs auteurs de romans, tels Gautier Map, Gasse le Blond (Wace), et Robert de Borron, Elie de Borron dit qu'il compose son *Livre du Bret* à la prière de Robert de Borron» p. 75 e «Le Ms. B.N. fr. 116 (cycle de la *Vulgate*) intercale un abrégé de quelques épisodes du Tristan, notamment le combat entre Tristan et Lancelot au Perron Merlin (ff. 673b-676d) entre la *Queste* et la *Mort Artu*. Ce copiste semble, lui aussi, identifier *Le Livre du Bret* avec le *Tristan en prose*. », p. 75, nota 53.

do Duc de Clarence e Brandeliz: o combate entre Tristan e Lancelot é comparado com o de Meliadus e Ariolan de Sessongne ou com o de Chevalier Sans Peur e Danain le Roux. Gouvernail inquieta-se por Tristan. Tristan receia não conseguir vencer o combate que foi sua iniciativa. Por seu lado, Lancelot admira a resistência do seu adversário. Gouvernail dá-se conta de que o rival de Tristan não pode ser Palamedes, pois o cavaleiro que o defronta defende-se muito melhor. Os dois cavaleiros trocam de espadas e continuam a lutar. Tristan evoca a figura de Iseut, pede a piedade divina e toma a iniciativa de dirigir a palavra a Lancelot, perguntando-lhe o seu nome. Lancelot não hesita em dizê-lo; ao ouvi-lo, Tristan cai de joelhos em frente do adversário pedindo-lhe clemência e mostrando-lhe a sua devoção.

Findo o combate, os dois cavaleiros põem-se a caminho de Camelot onde Tristan será investido cavaleiro da Távola Redonda, substituindo Marehault d'Irlanda; no caminho, os dois encontram Gauvain e outros cavaleiros. Ao chegar à corte de Artur, Tristan é apresentado ao rei e à rainha. Lancelot permanece um mês na corte para curar as suas feridas. Entretanto, Tristan conta a Lancelot o seu amor por Iseu e Lancelot tenta reconciliar Tristan com o rei Marc. O narrador menciona a estadia de Tristan na corte de rei Marc, a loucura de Tristan durante cinco anos, a fuga da corte do tio e a estadia de Tristan na *Joieuse Garde* durante dez anos com a rainha Iseut. Gaultier Map é referido como autor do relato, remetendo-se novamente para o livro de Helies de Boron onde se descrevem todas estas aventuras. Depois do primeiro ano da demanda, os amantes regressam a Cornoaille. O narrador descreve a morte de Tristan e da rainha Iseut: o rei Marc havia surpreendido os dois amantes e, por cobardia, fere Tristan com uma espada venenosa. Tristan agoniza durante três dias. Pede para falar com a rainha Iseu e os dois expiram num beijo apertado. Sagremor leva a espada de Tristan à corte do rei Artur.

I.1.3. Os sonhos de Lancelot

Lancelot cavalga e chega a uma floresta, sempre acompanhado de um escudeiro; a um dado momento, senta-se junto a um carvalho e adormece. Mais tarde, desperta sem nada ter sonhado. Em seguida continua a sua demanda até chegar à ermida da Oliveira Vermelha. Durante a noite, visões premonitórias atormentam-no. No sonho, Lancelot vê a rainha Guenievre lamentar o dia em que o conheceu; em seguida, encontra numa horta os seus pais que lhe censuram o adultério e o aconselham a abandonar a rainha. Ao despertar, Lancelot confessa a sua visão ao eremita. Acompanhado por Perceval,

cavalga até uma ermida cujo nome não se especifica; nessa noite, sonha com pares adúlteros: Yvaings li Avoultres e Canance, a mulher de Caradoc; Tristan e Iseut, que renegam a culpa dos seus amores adúlteros. Durante o sonho, Iseut dirige-se a Lancelot e toca-lhe na coxa com a mão; Iseut avisa Lancelot dos perigos do seu amor adúltero com Guenievre. Ao acordar, Lancelot sente uma dor infernal na coxa e chama em auxílio Perceval. Este e o eremita rezam para que Lancelot fique curado; Perceval lava com água benta a parte da coxa em que Iseut tocou e a dor desaparece. Lancelot confessa-se ao eremita permanecendo na ermida dois dias em oração; depois regressa à corte.

I.1.4. O regresso de Boorz à corte do rei Artur

Ao chegar à corte do rei Artur, Boorz anuncia a morte de Galaad e de Perceval. O narrador refere-se ao livro *La Mort au Roy Artur* de Gaultier Map como fonte deste episódio. O rei Artur manda redigir todas as aventuras dos cavaleiros da demanda do Santo Graal. Ao observar os presentes, o rei repara na ausência de XXII cavaleiros da sua cavalaria. Artur manda vir Galvain e interroga-o sobre os cavaleiros que ele matou durante a sua demanda do Santo Graal.

I.2. Avaliação literal da matéria narrativa

É importante assinalar a divisão da matéria dos mss. B.N., fr. 113-116 transcrita por Fanni Bogdanow¹. Esta divisão do texto encontra-se no fôlio 735a-b do ms. 116.

Cy fine le livre de messire Lancelot du Lac, filz au roy Ban de Benoic, que on disoit le roy mort de dueil, translaté de latin en rommant du livre que maistre Gaultier Moap, l'un des quatre hystoiregraphes du roy Artus, avoit composé des fais de Lancelot et de la Table Ronde. Et fut faicte la translation de ce present livre a la requeste du roy Henry d'Engleterre. Et a esté divisé le livre en trois parties.

La premiere finit quant le roy Artus fut couronné roy de la Grant Bretagne. Le second commence au roy Ban de Benoic et a la naissance de Lancelot, et finit quant Galaad, qui fut le meilleur chevalier du // (f. 735b) monde, estoit prest d'estre chevalier. Le tiers et derenier livre commence a la Queste del Saint Graal quant Galaad fut chevalier, et finit ici a la mort de Lancelot tout outrement son livre et cetera.

Et est divisé chascun des trois livres de Lancelot en deux branches.

La premiere branche du premier livre² finit comment le Duc de Bellegarde coppa la teste au roy Lancelot de la Blanche Terre, ayeul de messire Lancelot du Lac, et getta la teste a la fontaine qui devint boillant, et deux lions garderent le corps tant que Lancelot du Lac y vint qui les tua après le Tertre Desvée.

La seconde branche du premier livre commence a la nativité de Merlin, et finit au couronnement du roy Artus.

La premiere branche du second livre commence a la mort du roy Ban de Benoic et a la naissance de Lancelot, et finit a la mort de Galahot, le seigneur des Loingtaines Isles.

¹ BOGDANOW, Fanni, *La Version Post-Vulgate...*, Tome I, pp. 122 – 124.

² A nossa sublinha.

La seconde branche du second livre commence quant Vivienne, dame du Lac, trouva Lancelot fol en la forest de Tintaguel et le guerit et le mena rescourre la royne Guenievre que Meliagant menoit en Gourre, et finit quant Galaad estoit prest d'estre chevalier.

La premiere branche du tiers et derrenier livre commence a la Queste du Saint Graal et finit quant Lancelot vit en songe la royne Yseult de Cornoaille et messire Tristan de Leonnois.

La second et derreniere branche du tiers et derrenier livre commence aux Mors Artus et finist a la mort de Lancelot, et ainsi fine ce present livre. Amen.

O conjunto dos manuscritos 113-116 da Bibliothèque Nationale de Paris representa uma cópia do ciclo inteiro da Vulgata, incluindo:

Estoire del Saint Graal

Estoire de Merlin sans suite

le Lancelot propre

la Queste Vulgate

la Mort Artu Vulgate

O conjunto do texto destes manuscritos está dividido por três livros e cada livro está dividido em dois ramos, devidamente assinalados no cabeçalho dos fólhos¹:

¹ BOGDANOW, Fanni, *La Version Post-Vulgate de la Queste del Saint Graal et de la Mort Artu, troisième partie du Roman du Graal, Tome I, Introduction*, Paris, Société des Anciens Textes Français, 1991, nota 45, p. 123.

Ms. 113 BNP

ff. 1a – 205d

Le premier livre de messire Lancelot du Lac: ff. 1a – 150d

Estoire del Saint Graal ff. 1a – 116d

Estoire de Merlin sans suite ff. 116d – 150d

Le second livre de messire Lancelot du Lac: ff. 151a – 205d

Lancelot propre ff. 151a – 205d

Ms. 114 BNP

ff. 206a – 354d

Le second livre de messire Lancelot du Lac: ff. 206a – 354d

Lancelot propre (continuação) ff. 206a – 354d

Ms. 115 BNP

ff. 355a – 576d

Le second livre de messire Lancelot du Lac: ff. 355a – 576d

Lancelot propre (continuação) ff. 355a – 576d

Ms. 116 BNP

ff. 577^a – 735d

Le second livre de messire Lancelot du Lac: ff. 577a – 606d

Lancelot propre (continuação) ff. 577a – 606d

Le tiers livre de messire Lancelot du Lac: ff. 607a – 735

<i>Queste Vulgate</i>	ff. 607a – 673b
Interpolação na parte final da <i>Queste</i> e na parte inicial da <i>Mort Artu</i> de quatro episódios, dos quais um tristaniano:	ff. 673a – 678 ^a
1. <i>A morte de Galaad e Perceval</i>	1. f. 673a-b f. 673r/ col. I-II ¹
2. <i>O combate entre Tristão e Lancelot no Perron Merlin</i>	2. ff. 673b – 676c ff. 673r/col. II – 676v/col. I
3. <i>Os sonhos de Lancelot</i>	3. ff. 676c – 677d ff. 676v/col. I – 677v/col. II
4. <i>O regresso de Boorz à corte Mort Artu</i>	4. ff. 677d – 678b ff. 677v/col. II – 678r/col. II ff. 678a – 735

Esta organização faz com que no ms. 116 se encontre a última parte de *Lancelot propre* (ff. 577a-606d), a *Queste Vulgate* (ff. 607a-673b) e a *Mort Artu Vulgate* (ff. 678a-735a). A investigadora Fanni Bogdanow diz: *Mais le scribe (ou le compilateur) ne s'est pas contenté de reproduire la version normale de la Vulgate. Tout comme il avait inséré dans le Lancelot propre certains épisodes tirés du Tristan en prose, il chercha à compléter la dernière partie du cycle en intercalant, entre la fin de la Queste et le début de la Mort Artu (ff. 673b-677d) nombre d'épisodes centrés sur Lancelot et Tristan provenant en partie du Tristan en prose et en partie d'une version particulière de Guiron le Courtois et de la Queste P-V. L'incident tiré de la Post-Vulgate... suit la mort de Tristan et Yseut. C'est le récit des songes de Lancelot lors de son séjour à l'Ermitage Vermeil...*²

É neste ponto que o nosso trabalho se centra, ou seja, na averiguação das hipóteses que poderiam ser levantadas quanto à lógica interna dos episódios aqui incluídos e na sua importância para o estudo das duas obras contempladas: *Queste do Pseudo-Boron* e *Tristan en prose*. Sendo o nosso ponto de partida o ms. 116, a análise textual organiza-se em função dos elementos que aqui ocorrem, em cotejo com os dados dos outros testemunhos.

É de referir ainda a problemática da organização da matéria narrativa em torno de autorias. Assim sendo, considera-se importante aludir às conhecidas indicações

¹ Seguimos a nossa numeração: f. 673r/col. I.

² BOGDANOW, Fanni, *La Version Post-Vulgate...*, Tome I, pp. 124-125.

redaccionais ocorridas no corpo dos textos medievais¹ e que nos fólhos 673r-678r do ms. B.N. fr. 116 parecem ter uma configuração específica tendo em atenção o carácter antológico desta interpolação narrativa.

No fólho 673rII, na parte final da *Queste*, resume-se a narração da morte de Galaad e Perceval remetendo-se para a fonte do livro de *Gaultiers Map*:

*Si furent mises en estript et gardees en l'abbeye de Salebieres dont **maistre Gaultiers Map** traist a faire son **livre du Saint Graal** pour l'amour du roy Henry son Seigneur qui fist l'istoire translater de latin en francois.*

No fólho 676r/col. II, correspondente à parte tristaniana, encontra-se a referência a *messire Gautier* que, por sua vez remete para *maistre Helies Borron*:

*Pendant cellui termine Tristan fist de moult belles chevaleries qui ne sont mie en ce livre. Car **messire Gautier** s'en remet a **maistre Helies Borron** qui en son livre les met toutes sans riens laisser et maintes autres belles choses ainsi que la se peut trouver. Apres le premier an de la *Queste du Saint Graal* Tristan et la royne s'en retournerent en Cornoaille par certain appointement qu'ilz firent avecques le roy Marc.*

Uma terceira indicação redaccional que diz respeito a *maistre Gaultier Map* ocorre no fólho 678r/col. I, parte inicial da *Mort Artus*, segundo o mapa da divisão da matéria.

*Apres ce que **maistre Gaultier Map** ot traictie des aventures du Saint Graal asses souffisamment si comme il fu advis au roy Henri, son seigneur que ce qu'il avoit fait ne devoit souffir s'il ne racontoit la fin de ceulz dont il avoit fait devant mencion. Comment cilz morurent, de qui il avoit les prouesses rementues en son livre et pour ce conmenca il ceste derreniere partie et comme il l'ot mise ensemble si appella La Mort au roy Artus. Pour ce que vers la fin est estript comme le roy Artus fu navres es plains de Saleberes et comment il s'en parti de grif qui tant lui fist compaignie qui apres lui ne fu nulz honis qui le veist vivant. Si commence **maistre Gaultier** ceste derraine partie.*

Quant Bohors fu venuz en la cite de Kamelot a court asses trouva qui moult grant joie lui fist car ilz desiroient tous et toutes a veoir et quant il ot raconte le

¹ MIRANDA, José Carlos Miranda, *A Demanda e o Ciclo...*, pp. 80-81.

trespasement de Galaad et de la mort Perceval si en furent moult doulant a court mais toutes voies s'en reconfortent ilz au plus bel qu'ilz porent.

Outra indicação redaccional refere-se a *mestre Helies Boron* para qual remete a matéria de *Gaultier Map* no parágrafo acima referido quanto ao segmento tristaniano.

Outra anotação de autor diz respeito a *maistre Robert de Borron* cujo livro contém as aventuras de Lancelot. Esta ocorre no fólio 673v/col. II, parte em que se contempla a matéria tristaniana:

*Et pour ce que par prison fu detenu moult longuement ne se peut trouver mais Lancelot y survint par telle aventure comme je vous compteray et non mie si au long comme **maistre Robert de Borron** fait en son livre auquel il traicte de la pluspart des chevaliers que alors estoient pour ce que a la matiere n'y affiert.*

Destacam-se duas indicações redacionais, *Livre Tristan*, onde se contempla a narrativa da morte dos cavaleiros, incluído também Palamedes e, relativamente à mesma matéria, o redactor remete para o *Livre du Bret*. Estas referências ocorrem no fólio 673v/col. I.

*Et aussi en ceste derrenie branche parlera de la mort de pluseurs chevaliers mais il ne parlera mie de messires Palamides le paien qu'on disoit chevalier a la Beste Glatissant qui estoit si bon chevalier comme le **Livre Tristan** le devise. Mais messire Gauvain le tua dont ce fu dommaige et aussi messires Gauvain messires Lamorat de Gales en son XXVII an dont ce fut perte a toute mortelle chevalerie car s'il eust vesqu longuement il eust againt de chevalerie presque tous les chevaliers de la Table Ronde. Mais tout ce n'affiert mie a nostre matiere. Et por ce m'en tais mais qui tout ce voudra veoir si preigne le grant **Livre du Bret** et la le trouvera tout au long.*

Há também várias remissões para outros livros internos, de onde resulta o carácter antológico desta interpolação de matéria entre a parte final da *Queste* e a inicial da *Mort Artus*.

I.2.1. A morte de Galaad e Perceval

Para se entender a importância do lugar ocupado por um dos testemunhos do ciclo romanesco arturiano da Vulgata, o ms. B.N. fr. 116, torna-se crucial o cotejo da matéria que nele se conserva com a dos outros testemunhos do ciclo, directos e posteriores.

Estamos perante um fragmento do ms. B.N. fr. 116, ff. 673r/col. I – II em que se relata o episódio da morte de Galaad e de Perceval. É necessário confrontar esta versão com outras atestadas por vários testemunhos, ou seja, QV e a do chamado ciclo do Pseudo-Boron, designação preferível à de “ciclo da Pós-Vulgata”, tal como refere José Carlos Miranda¹. Este segmento narrativo conhece a seguinte localização nos textos mencionados:

1. Ms. Bibliothèque Nationale de Paris, fr. 116, ff. 673r – 678r.
- 2.(DP) Ms. Biblioteca Nacional de Viena, 2594².
3. (QV) *La Queste del Saint Graal*, ed. Albert Pauphilet, Paris, Librairie Ancienne Honoré Champion, 1923.
4. (TP2³) *Le Roman de Tristan en prose*, ed. Philippe Ménard, Tome IX, Genève, Librairie Droz, 1997.

A localização do episódio nos textos suporte tem a seguinte configuração:

<i>A morte de Galaad e Perceval</i>
Testemunhos

¹ MIRANDA, José Carlos, «A edição castelhana de 1535 da *Demanda del Sancto Grial*: o retorno de Excalibur às águas...» in *Separata. Península. Revista de Estudos Ibéricos*, Porto, nr. 1, 2004, p. 55.

² Consultar-se-ão em paralelo as edições da *Demanda do Santo Graal*: ed. Augusto Magne (1944; 1955-1971), ed. Piel e Nunes (1988), ed. Nunes (1988; 2005).

³É necessário apontar que, nesta análise, utilizamos a designação TP2 para a edição do *Tristan en prose* de Philippe Ménard que tem como manuscrito de base o ms. A (Vienne, Österreichische Nationalbibliothek 2542).

ms. B.N., fr. ff. 673r/col. I – II

116

DP ff. 186 r/col. II – 186v/col. II

QV pp. 278.8 – 280

TP2 Tome IX, pp. 276.24 – 278.22; p. 282.1– 10

Propomos o confronto do episódio da morte de Galaad e Perceval, tal como se relata nas versões da *Queste*, do ms. B.N. fr. 116, da *Demanda do Santo Graal* e do *Tristan en prose* (versão longa). O ponto de partida da análise comparativa consiste, principalmente, em salientar as diferenças de conteúdo e distinguir níveis de redacção do fragmento encontrado no fólio 673r/col. I – II do ms. B.N. fr. 116, que refere a descrição da morte de Galaad e Perceval, em cotejo com as versões dos textos referidos.

Quanto à narrativa da morte de Galaad e Perceval, do ponto de vista cronológico, distinguem-se variações de um texto para outro. A análise dos textos referidos leva-nos a considerar três grupos distintos. Assim sendo, destacam-se uma primeira versão fornecida pelo ms. 116 e QV, uma segunda variante encontrada em DP e uma terceira em TP2. Prosseguimos com a apresentação dos principais momentos narrativos de cada texto. Ms. 116 e QV têm a seguinte configuração cronológica dos seus momentos narrativos:

- parte da oração de Galaad
- diálogo entre Josephes e Galaad
- despedida de Galaad dos seus companheiros, Boorz e Perceval (o nome de Perceval é mencionado mais tarde no corpo do texto)
- morte de Galaad
- desaparecimento do Graal e da *Lance*
- sofrimento dos companheiros e do povo
- uma vez sepultado Galaad, Perceval entra num eremitério onde morre ao fim de um ano e dois meses; Boorz acompanha-o, sem tomar votos, pois queria regressar à corte do rei Artur
- Perceval morre e Boorz sepulta-o ao lado da irmã e de Galaad
- Boorz parte para Camelot
- descrição sucinta da chegada de Boorz à corte do rei Artur, o qual manda escrever as aventuras do Santo Graal, que ficaram guardadas na abadia de Salebieres.

O mapa cronológico dos momentos narrativos de DP difere do grupo ms. 116/QV, na parte final do episódio, ponto em que se encontra parcialmente com a variante de TP2. Referimos, portanto, apenas as fases privativas desta versão:

- Perceval aparece no momento em que Galaad se despede dos seus companheiros
- é mencionado apenas o desaparecimento do Santo Graal
- o povo quer fazer Perceval rei depois da morte de Galaad

A matéria de DP integra aqui um momento narrativo comum à variante TP2, o qual relata a permanência de Boorz, no caminho para a corte do rei Artur *em casa d'ũ montanheiro e achou i ãũ cavaleiro que chegara i ante ãũ pouco ca el* (§ 629, p. 459) com qual mantém uma conversa com um cavaleiro sobre o espírito da corte do rei Artur. É necessário apurar os momentos narrativos para entender o mapa da exposição da matéria em comparação com a do ms. 116. A versão TP2 integra, para além dos já descritos momentos comuns às duas variantes, o episódio da estadia de Boorz em casa de um montanheiro e a conversa com o cavaleiro vindo da corte do rei Artur, uma outra narrativa, parte privativa do texto tristaniano, em que prevalecem as referências detalhadas à chegada de Boorz à corte do rei Artur e que consiste na chegada de Sagremor à corte do rei Artur anunciando a morte de Tristão e trazendo a sua espada.

Para se entender a análise do fragmento do ms. 116 é necessário matizar devidamente o interesse e utilidade que lhe foram atribuídos no estudo e na reconstituição da versão da *Queste Pseudo-Boron* por Fanni Bogdanow¹.

Em seguida, apresentamos o elenco dos segmentos das versões referidas que contêm a narrativa da morte de Galaad e apuramos as variantes surgidas em cada texto:

- (1) Ms. 116 (f. 673r/col. I): *mes vouloirs de veoir*
DP (f. 186r/col. II): *mã vontade de me leixardes veer*
QV (p. 278.9): *mes volentez de lessier moi veoir*
TP2 (p. 276.24 - 25): *ma volenté de laissier me veoir*

¹ BOGDANOW, Fanni, *La Version Post-Vulgate...*, Tomes I, II.

A lição conferida pelo ms. 116 é mais sintética, eliminando a estrutura assinalada em itálico que comparece no grupo QV/DP/TP2. Assim sendo, é relevante a sintaxe da frase subsequente. Repare-se na sintaxe que influencia o sentido da frase organizando a semântica do discurso. Esta organização faz-se em função do elemento verbal de diferente determinação em textos diversos.

(2) Ms. 116 (f. 673r/col. I): *j'ay tous jor desire vous prie qu'en cestui point et en ceste grant joie souffres que je trespasse de ceste terrienne vie **ou je suis** en la celestielle.*

DP (f. 186r/col. II): *eu sempre tanto desejei, ora vos rogo que enesta hora e enesta gram ledice **em que som** vos plaza que eu passe desta terreal vida e vaa aa celestial.*

QV (p. 278. 9-12): *j'ai touz jors desirré, or vos pri ge que vos en cest point **ou je sui** et en ceste grant joie soffrez que je trespasse de ceste terriene vie en la celestiel.*

TP2 (p. 276. 25-28): *je tous jours desiroie, or vous pri je que vous, en cestui point et en ceste grant joie **u je suis**, souffrés que je trespasse de ceste terrienne vie en le celestielle !»*

A estrutura *ou je suis* tem determinação diferente nos textos referidos, ou seja, o ms. 116: *terrienne vie (ou je suis)*; DP: *gram ledice (em que som)*; QV: *cest point (ou je sui)*; TP2: *grant joie (u je suis)*. A lição de DP concorda com TP2 contra o ms. 116 que difere também de QV. De um lado, o grupo DP/TP2 opõe a *ledice/joie* de que Galaad quer libertar-se à “vida celestial” e de outro, a sintaxe do ms. 116 e QV opõe a *ceste terrienne vie/cest point* à “vida celestial”. Na linha das últimas lições, regista-se a lógica interna do discurso de Galaad para com Josefes de Arimateia, enquanto que as lições do primeiro grupo fazem prova de que o redactor entendeu de outra forma o sentido do discurso de Galaaz. A forma verbal *vaa aa celestial* que aparece ao fim da frase em DP não concorda com as outras lições (QV/116/TP2), embora talvez seja apenas uma

contaminação da sintaxe verbal tal como se encontra no ms. 116 (*ou je suis en la celestielle*).

(3) Ms. 116 (f. 673r/col. I): *Si tost comme **Galaad** ot faicte ceste requeste le preudoms qui estoit vestus en semblance de **evesque** prinst **Corpus Domini sur la table** si l'offri a Galaad et cil le receut. Et quant il l'ot use le preudoms lui **dist**:*

DP (f. 186r/col. II – 186v/col. I): *E tam toste como **el** rogou **a Nosso Senhor** o homem bõõ que cantava a missa près o **Corpus Domini** e comungou-o. E Galaaz o recebeu **com grande humildade** e o homem bõõ o **preguntou**:*

QV (p. 278. 13-17): *Si tost come **Galaad** ot fete ceste requeste **a Nostre Seigneur**, li prodons qui **devant l'autel** estoit **revestuz** en semblance de **evesques** prist **Corpus Domini** sus la table et l'offri a Galaad. Et il le reçut **molt humilieusement et o grant devotion**. Et quant il l'ot usé, li prodom li **dit**:*

TP2 (p. 276. 28-33): *Et si tost com **il** ot faite ceste requeste **a Nostre Seigneur**, li preudom qui estoit **devant la table**, **revestus** en samblance de **prestre**, prist **Corpus Dei** et l'offri a Galaad. Et cil le rechut **moult humblement et o grant devocion**. Quant il l'ot usé, li preudom li **demande**:*

Neste segmento, reestruturam-se, por um lado, as partes da frase que o ms. 116 elimina: *a Nostre Senhor* (QV/DP/TP2); *devant l'autel* (QV) / *devant la table* (TP2), DP não regista; *molt humilieusement et o grant devotion* (QV/TP2) / *com grande humildade* (DP) e por outro, repare-se na aproximação textual que se estabelece entre o ms. 116 e QV: a ocorrência do nome próprio *Galaad*, enquanto que DP e TP2 registam a forma pronominal *el/il*. Mais adiante, voltaremos a referir a este assunto. Ms. 116 omite o segmento *devant l'autel* (QV), que representa a lição correcta, à qual lhe corresponde em TP2 *devant la table*, que parece ser uma contracção semântica, sendo eliminada a parte *sur la table* do final da frase que surge somente no grupo ms. 116/QV.

Ao confrontar as lições QV/TP2 (*devant l'autel estoit revestuz* (QV) / *estoit devant la table, revestus* (TP2)) com o ms. 116, é possível observar que este está de acordo com QV. É possível realçar esta hipótese tendo em conta a sintaxe do ms. 116 e

a de QV: o segmento *devant l'autel*, omitido pelo ms. 116, precede a estrutura verbal *estoit revestuz* em QV, enquanto que TP2 regista uma sintaxe diferente (*estoit devant la table, revestus*), o que nos leva a considerar como correcta a lição conferida por QV.

A nível semântico-lexical é pertinente comentar o emprego da forma *evesque* que surge no grupo ms. 116/QV à qual lhe corresponde *prestre* em TP2, ou o uso da forma verbal *vestus* no ms. 116 e *revestuz/revestus* em QV/TP2. No primeiro caso, o ms.116 concorda com QV contra TP2 e DP regista uma versão mais sintética desta parte, tal como mencionada acima. No segundo exemplo, o ms. 116 singulariza-se face ao grupo QV/TP2. Mas o mais significativo é o emprego do termo *evesque* surgido no grupo ms. 116/QV que se opõe semanticamente ao termo *prestre* de TP2 conferindo, assim, um estatuto hierárquico diferente à personagem. É também relevante a situação textual em que TP2 elimina a conjunção *et* que comparece no grupo ms. 116/QV (DP regista uma versão mais sintética desta parte); ou o emprego da forma *Corpus Domini* no grupo ms. 116/QV/DP à qual lhe corresponde em TP2 *Corpus Dei*. Chamamos, ainda, a atenção para um outro segmento lexical que aproxima, mais uma vez, o ms. 116 de QV, grupo que se afasta de DP/TP2: a forma verbal *dist/dit* do grupo ms. 116/QV opõe-se semanticamente a *preguntou/demande* surgida em DP/TP2.

Apresentamos um resumo deste segmento narrativo:

- Ms. 116 elimina três partes de frase, mas uma delas separa a versão TP2 de QV a nível lexical: *a Nostre Senhor; devant l'autel; molt humilieusement et o grant devotion*. Daqui resulta que o ms. 116 se singulariza das outras versões;

- DP elimina *o grant devocion* e confere uma versão mais sintética desta parte;

- TP2 elimina dois segmentos: *sur la table, et*, do que resulta que TP2 se opõe ao grupo ms. 116/QV; DP regista uma versão mais sintética;

- Contexto relevante na concordância ms. 116 e QV contra DP/TP2: *Galaad / el, il; dist, dit / preguntou, demande*;

- Ms. 116 parece concordar com QV contra TP2 no segmento: *qui estoit vestus, qui devant l'autel estois revestuz / qui estoit devant la table revestus*, considerando somente a sintaxe da estrutura verbal que não engloba o complemento de lugar, tal como se encontra em TP2;

- Ms. 116 concorda com QV contra TP2: *semblance de evesque / semblance de prestre; sur la table / TP2 elimina este segmento; et / TP2 elimina este segmento*;

- Ms. 116 concorda graficamente com QV e DP contra TP2: *Corpus Domini / Corpus Dei*.

- (4) Ms. 116 (f. 673r/col. I): *Pour ce que tu me ressembles en II choses: en ce que tu as veues les merveilles du Sanct Graal si comme je feis **et es vierges si comme je suis**. Si estoit bien droit que I vierge face compaignie a l'autre.*

DP (f. 186v/col. I): *Porque semelhantes tu mim em duas cousas: porque viste as maravilhas do Santo Graal assi como eu, e é direito que ùñ virgem faça companha a outro virgem.*

QV (p. 278. 21-25): *Por ce que tu m'as resemblé en deus choses: en ce que tu as veues les merveilles del Saint Graal aussi come je fis, **et en ce que tu as esté vierges aussi come je sui**; si est bien droiz que li uns virges face compaignie a l'autre.*

TP2 (p. 277. 38-42): *pour ce que tu m'as resamblé en .II. coses: en ce que tu as veües les merveilles du Saint Graal aussi conme je fis; **et en ce que tu as esté toute ta vie vierges aussi com je sui**. Si est bien drois que li uns vierges face compaingnie a l'autre.*

É relevante a versão proposta pelo ms. 116 sempre com a tendência de relatar o essencial reduzindo os segmentos repetitivos (*en ce que*), enquanto que DP, nesta secção narrativa, omite a fracção assinalada em itálico, omissão que poderá resultar de lapso do copista. A parte da frase omitida por DP consiste na descrição do estado espiritual e físico do cavaleiro perfeito construída pelo discurso de Josefes. Portanto, DP afasta-se do grupo ms. 116/QV/TP2. TP2 acrescenta na parte omitida por DP o segmento “*toute ta vie*”, preparando, talvez, uma versão mais elaborada e afastando-se, também, do grupo ms. 116/QV.

- (5) Ms. 116 (f. 673r/col. I): *Quant il ot ce dit Galaad vint et **s'aproche** et le baise et puis Bohort, et puis dist a Bohort: «Salues mon pere, Lancelot, quant vous le veres.»*

DP (f. 186v/col. I): *Pois esto Josefes disse a Galaaz tornou a Persival e beijou-o e pois Boorz, er disse a Boorz: «-Saudade-mim muito a dom Lançalot, meu padre e meu senhor, tam toste que o virdes.»*

QV (p. 278. 26-28): *Quant il ot dite ceste parole, Galaad vient a Perceval et le bese, et puis a Boorz, si li dist: «Boorz, saluez moi monseignor Lancelot mon pere si tost come vos le verroiz.»*

TP2 (p. 277. 42-45): *Quant il ot dite ceste parole, Galaad vint a Perceval et a Boorth. Et cil le beneissent ambedoi, et li dist: «Boors, salués moi monsieur Lanselot, mon pere, si tost com vous le verrés!»*

Em primeiro lugar, neste ponto do elenco dos segmentos narrativos é importante assinalar a lição desta frase que se encontra na edição Irene-Freire Nunes, a qual altera a lição do manuscrito 2594 BNV (fol. 186v/col. I) e que, devido à pontuação utilizada, muda completamente o sentido da frase. A parte do segmento referido tem a seguinte lição na edição de Irene-Freire Nunes: *Pois esto Josefes disse a Galaaz tornou a Persival e beijou-o. E pois Galaaz er disse a Boorz¹*, enquanto que no manuscrito 2594 B.N.V. se encontra a lição: *Pois esto Josefes disse a Galaaz tornou a Persival e beijou-o e pois Boors, er disse a Boorz²*. Em seguida, assinalamos as lições muito diferentes conferidas por todos os textos. Por um lado, a lição do ms. 116 reduz a estrutura nominal *ceste parole* que se encontra em QV/TP2 à forma pronominal *ce*; é importante referir a tradução literal de DP do francês *ce* por *esto*, verificando assim a proximidade entre o testemunho francês e o galego-português; e destacamos, ainda, a forma verbal *s'aproche* que não conhece correspondência nos outros textos. É também relevante neste segmento a omissão, no ms. 116, do nome próprio *Perceval* que aparece no grupo QV/DP/TP2. A lição de TP2 destaca-se pelo emprego da estrutura *beneissent ambedoi* que substitui a forma verbal *baise/bese/beijou* do grupo ms. 116/QV/DP. Por sua vez, DP concorda com o ms. 116 contra QV quanto à sintaxe comum que se repara no segmento: *e pois Boorz, er disse a Boorz / et puis Bohort, et puis dist a Bohort* enquanto

¹ *A Demanda do Santo Graal*, ed. Nunes, Lisboa, INCM, 2005, § 627, p. 458.

² *A Demanda do Santo Graal. Reprodução fac-similar e transcrição crítica do códice 2594 da Biblioteca Nacional de Viena*, Augusto Magne, Volume II, Rio de Janeiro, 1970, fol. 186v/col. I.

que QV regista: *et puis a Boorz, si li dist*. A lição DP concorda também com a do ms. 116 no uso da forma pronominal *ce/esto*. DP é, ainda, o único testemunho em que ocorre o nome próprio de *Josefes* enquanto os outros textos registam a forma pronominal *il*. É de salientar que a característica da ocorrência do nome próprio no corpo do texto de DP, substituindo a forma pronominal dos outros textos, poderia ser específica a uma tradução.

(6) Ms. 116 (f. 673r/col. I): *Lors **vint Galaad** devant la table et **s'agenoille** si n'y ot gaires este qu'il chey a dens car l'ame lui estoit partie du corps. Si l'emporterent les anges.*

DP (f. 186v/col. I): *Entom se tornou ante a tavao e **ficou seus geolhos**. E nom esteve i se pouco nom quando caeu **em terra** e a alma se lhi saiu do corpo e levarom-na os angeos fazendo **gram ledice** e beenzendo Nosso Senhor.*

QV (p. 278. 29-33): *Lors **revint Galaad** devant la table et **se mist a coudes et a genolz**; si n'i ot gueres demoré quant il chaî a denz **sus le pavement del palés**, qar l'ame li eirt ja fors del cors. Si l'en porterent li anglere fessant **grant joie** et beneissant Nostre Seignor.*

TP2 (p. 277. 45-49): *Et lors **revient** devant la table **d'argent** et **se met as jenous**. Si n'i ot gaires demouré que il cai as dens **sour le pavement**, car l'ame li estoit ja du cors partie, et l'emporterent li angle, faisant **joie** et beneissant Nostre Seigneur.*

Este excerto narrativo põe em causa várias situações textuais. Prosseguimos com o elenco dos elementos análogos dos textos referidos. Neste segmento, destacam-se dois elementos lexicais que aparecem juntos somente em QV, já que o ms. 116 mantém apenas um deles e DP conserva também um, mas não o mesmo do ms. 116: QV nota: *Galaad, grand joie*; ms. 116: *Galaad*; DP: *gram ledice*. Neste ponto, TP2 conserva apenas o nome *joie*, sem determinação. Por sua vez, o segmento *sus le pavement del palés* conhece outras duas lições no texto de DP (*em terra*) e em TP2 (*sour le pavement*), o ms. 116 não regista esta estrutura. Mas parece relevante a lição reduzida do segmento tanto em DP como em TP2. Tal como é relevante o acrescento de TP2:

table d'argent, que nenhum outro texto atesta. É necessário apontar que, nesta análise, utilizamos a designação TP2 para a edição do *Tristan en prose* de Philippe Ménard que tem como manuscrito de base o ms. A (Vienne, Österreichische Nationalbibliothek 2542)¹. Chamamos a atenção para o manuscrito de base para ter em conta a hipótese de que poderá haver outro manuscrito² de TP2 que se aproxime dos outros textos.

Mais uma vez é possível observar que o ms. 116 tende a sintetizar, especialmente as formas verbais, tal como *vint*, à qual lhe corresponde em QV e TP2 a lição *revint*. Um outro exemplo surgiu no segmento descrito no ponto (3) da nossa análise: *vestus/revestus*. Contudo, é evidente um tratamento diferente na redacção da matéria que se encontra nestes fólios controversos e que incorporam um conjunto de segmentos narrativos relevantes para a análise textual da matéria arturiana. O compilador manifesta uma preocupação perante os momentos cujas descrições são importantes e relevantes no sentido da compreensão, mas ao mesmo tempo é possível observar que reduz, por vezes, as partes descritivas, tal como sucede com o segmento da parte final da frase citada conservada nos outros textos: *fessant grant joie et beneissant Nostre Seigneur* (QV/DP/TP2).

(7) Ms. 116 (f. 673r/col. I): *Et si tost comme **Galaad** fu devies, advint illecques une merveille car **les II compaignons** veirent appertement une main devers le ciel, **mais** ilz ne virent mie le corps dont la main estoit.*

DP (fol. 186v/col. I): *Tam toste que **el** foi morto avẽo ãa gram maravilha que **Boorz e Persival** virom que ãa mão veo do ceo **mas** nom virom o corpo cuja a mão era*

QV (p. 279. 1-4): *Si tost come **Galaad** fu deviez avint illuec une grant merveille. **Qar li dui compaignon** virent apertement que une mein vint devers le ciel; il ne virent pas le cors dont la mein estoit.*

TP2 (p. 277. 49-51): *Et si tost com **il** fu devié **de ce siecle en l'autre**, **les compaignons** virent une grant main*

¹ *Le Roman de Tristan en prose*, Tome I, ed. Philippe Ménard, Genève, Droz, 1987, pp. 19-21.

² A descrição dos manuscritos de base que constituem a versão longa (TP2) do *Tristan en prose* encontra-se no Tome I da edição de Philippe Ménard, pp. 7-32.

Nesta secção assinalamos a versão muito abreviada de TP2 e a ocorrência dos nomes próprios dos companheiros de Galaad, *Boorz e Persival*, enquanto que ms. 116/QV regista a estrutura nominal: *les II compaignons/li dui compaignon* e que TP2 reduz à forma *les compaignons*. A análise da sintaxe do ms. 116 e DP leva-nos a crer que existe uma grande proximidade entre estes dois textos: a versão DP conserva a conjunção *mas*, que tem correspondência só no ms. 116.

(8) Ms. 116 (f. 673r/col. I): *Et elle vint droit au **Vaissel** et le prinst et la **Lance** et l'emporta vers le ciel a celle heure qu'il ne fu puis nulz honis si hardis qui osast dire qu'il eust veu le Saint Graal.*

QV (p. 279. 4-7): *Et elle vint droit au **seint Vessel** et le prist, et la **Lance** aussi, et l'enporta tot amont vers le ciel, a telle heure qu'il ne fu puis hons si hardiz qu'il osast dire qu'il eust veu le Seint Graal.*

DP (f. 186v/col. I): *e filhou o **Santo Vaso** e levou-o contra o ceo com tam gram canto e com tam gram ledice que nunca homem viu mais saborosa cousa d'ouvir, assi que nunca houve homem na terra que pois podesse dizer com verdade que nunca o i er virom.*

TP2 (p. 277. 51-57): *qui saisi le **Saint Vaissel** et la lance et les emporta, voyant tous ceulx qui la estoient, en autre monde, a moult grant joie et melodie; ne il n'est homme ne fame vivant en ce siecle qui osast dire aucunement, s'il ne voloit mentir, que depuis eüst veü le grant vaissel ou li Saint Graal repondoit en mer n'en terre, dont li chevalier de la **Queste** furent mout esbaïs.*

É de salientar nesta secção narrativa a abordagem de um dos aspectos visados por Fanni Bogdanow relativamente às relações que existem entre a *Queste* tristaniana e DP. A autora refere que a versão *Queste Pseudo-Boron* que se conserva em DP e *Queste TP2*¹ (ms. B.N., fr. 772) relata narrativas que se constituem em partes privativas destes

¹ É importante chamar a atenção para que a redacção TP2 que dirige a análise de Fanni Bogdanow se encontra no ms. B.N., fr. 772, enquanto que o nosso estudo utiliza a edição de P. Ménard do *Tristan en prose* que tem como manuscrito de base o ms. A (Vienne, Österreichische Nationalbibliothek 2542).

dois testemunhos ou “dans la deuxième partie du récit, elles donnent les épisodes empruntés à la *Vulgate* presque toujours sous une forme remaniée de façon identique”¹. Notamos as descrições do desaparecimento do Santo Graal, expondo cada texto a sua versão, tal como assinalamos em itálico.

Mas é pertinente objectar quanto à reflexão de Fanni Bogdanow sobre estas versões no que diz respeito ao registo lexical. A autora examina a versão TP2 (manuscrito de base o ms. B.N., fr. 772, na análise da investigadora britânica) versus *Queste Pseudo-Boron* (DP) para demonstrar mais uma vez a prioridade do último texto: “S’il faut encore une preuve de la priorité de la *Queste P-V*, citons enfin un dernier détail. Tandis que dans la *Queste Vulgate* la Lance et le Graal sont tous deux emportés au Ciel après la mort de Galaad, dans la *Queste P-V (D)* et *Tr. II*, seul le Graal est enlevé; la Lance n’est plus mentionnée. Or, cette modification n’a guère de sens que dans le contexte de la *Queste P-V*. D’après celle-ci la Lance avait été enlevée au Ciel dès la guérison du *Roi Mahaignié*. Dans *Tr. II*, en revanche, la Lance est restée dans la Chambre du Graal.”²

Não sendo embora o objectivo do nosso trabalho reportarmo-nos à problemática da prioridade dos textos mencionados, reconsideraremos o exemplo dado por Fanni Bogdanow, o qual diz respeito ao contexto em que a *Lance* comparece ou não.

No cotejo dos segmentos assinalados no ponto (8) verifica-se que não somente QV, mas também o ms. 116 (fragmento ou porção do original francês considerado também base de DP³) e TP2 (manuscrito de base o ms. 2542 BNV, na nossa análise), todos registam os dois elementos: *seint Vessel et le prist, et la Lance aussi* (QV); *Vaissel et le prinst et la Lance* (ms. 116); *le Saint Vaissel et la lance* (TP2). E, na verdade, somente a versão DP não regista o termo *lance*.

É, ainda, importante referir que a análise da investigadora britânica no que diz respeito a este segmento lexical, se baseia no ms. B.N. fr. 772 da versão longa do *Tristan en prose* (TP2) e não no ms. 2542 Vienne, Österreichische Nationalbibliothek, manuscrito base da versão longa referida por nós⁴.

(9) Ms. 116 (fol. 673r/col. I): *Quant Perceval et Bohort veoiet ce que Galaad estoit mort si en furent tant doulans comme nulz plus et s’ilz ne feussent si preudoms*

¹ BOGDANOW, Fanni. *La Version Post-Vulgate...*, Tome I, p. 61.

² Idem, p. 93.

³ Idem, p. 61.

⁴ *Le Roman de Tristan en prose*, ed. Philippe Ménard, Genève, Droz, 1987.

*tost feussent cheuz en desesperance **por l'amor qu'ilz y avoient**. Et les **pluseurs** du pais en firent moult grant dueil.*

QV (p. 279. 8-13): *Quant Perceval et Boorz virent que Galaad estoit morz, si en furent tant dolent que nus plus; et s'il ne fussent si prodom **et de si bone vie**, tost en poïssent estre cheuz en desesperance **por la grant amor qu'il en avoient**. Et li **pueples** del país en firent molt grant duel, **et molt en furent corocié**.*

DP (f. 186v/col. I): *Quando Persival e Boorz virom que era morto Galaaz houverom ende tam gram pesar que nom poderiam maior e, se nom fossem tam bõõs homens **e de tam boa vida como eram**, caeram em desperaçom tanto houverom gram pesar. O **poboo** da terra er foi em mui gram pesar **porque era de mui boa vida e porque lhis fora mui bõõ rei e porque os mantevera em sa honra da terra**.*

TP2 (p. 277. 1-9): *Quant Percevaus et Boors virent que Galaad estoit trespasés, il en furent tant dolant que nus plus, et s'il ne fuissent si preudomme **et de si boine vie come il le tenoient**, tos tem peüssent estre ceü en desesperance et destruit, pour le grant doel qu'il avoient. Li pules del país en fu tant dolans comme nus plus, **car il amoient Galaad merveilleusement, et por ce qu'il li avoient veü mener boine vie et honneste, et qu'il les avoit maintenus bel et bien a l'oneur del país**.*

DP anula completamente a ideia do amor (*por l'amor qu'ilz y avoient*) que o povo teve por Galaad, enquanto que esta se conserva no grupo ms. 116/QV e a redacção TP2 a recupera de uma forma peculiar na frase seguinte: *car il amoient Galaad merveilleusement*. Destaca-se no ms. 116 uma lição singular do vocábulo *plusieurs*, ao contrário do que os outros textos registam: *pueples* (QV); *poboo* (DP); *pules* (TP2). Ms. 116 omite duas partes de frase registadas no grupo QV/DP/TP2: em primeiro lugar, *et de si bone vie/ e de tam boa vida como eram/ et de si boine vie come il le tenoient* em diferentes versões, verificando-se proveniências múltiplas ou refundições da matéria e, em segundo lugar, notamos o segmento *et molt en furent corocié* registado somente em QV. Ms. 116 e DP parecem aproximar-se numa medida considerável a nível da sintaxe

da frase, tal como se assinala no segmento seguinte: *Et les pluseurs du pais en firent moult grant duel / O poboo da terra er foi em mui gram pesar.*

É importante assinalar a frase acrescentada que surge no grupo DP/TP2 na parte final da secção narrativa, tal como notamos em itálico; este facto poderia revelar a designação de uma outra redacção da *Queste Pseudo-Boron*.

(10) Ms. 116 (fol. 673r/col. I – II): *La ou il morut fu faicte la fosse et si tost comme il fut mort Perceval se randi a ung hermitage et prinst draps de religion. Et Bohort fu o lui **grant piece**, mais oncques ne changa ses draps du secle pour ce qu'il baoit encores venir a court le roy Artur.*

QV (p. 279. 13-17): *La ou il avoit esté morz fu fete sa fosse; et si tost come il fu enfoiz, Perceval se rendi en un hermitage **defors la cité**, si prist dras del siecle, por ce qu'il baoit encor a revenir a la cort le roi Artur.*

DP (fol. 186v/col. I): *Pois Galaaz foi soterrado no Paaço Espirital o mais honradamente que poderom os da cidade de Sarraz, Persival se meteu ermitam em ùa ermida fora de vila e pesou muito aos da vila que ja haviam posto entre si que o fizessem rei. Mais el nom quis e disse que Deus nunca o fizesse rei tam longe de seus amigos e do reino de Logres. E Boorz se foi pera Persival mais nom cambou os panos de segre, ca tũa em coração de ir ainda a casa de rei Artur.*

TP2 (p. 277. 9 – p. 278. 19): *Quant il l'orent enteré au plus honnestement qu'il porent, Percevaus se mist en un hermitage hors de la cité, si em pesa mout a ciaus de la cité, car il avoient entr'aus établi qu'il en feïssent rois. Quant il virent qu'il avoient fali a Perceval, il prisent Boorth et en varent faire roi. Mais cil refusa del tout cele houneur et dist que ja a Dieu ne pleust que si loing de ses amis et du roiaume de Logres fust rois. Se se mist avoec Perceval, mais il ne canga mie les dras du siecle, pour ce qu'il baoit encore a revenir en l'ostel le roi Artur.*

Importa aqui realçar que, no que respeita às versões ms. 116/QV, existe uma estrutura nominal ocorrente apenas no ms. 116 ao contrário de QV, que não a regista, a

saber, *grant piece*. Ms. 116 omite a parte da frase *defors la cite/fora da vila/ hors de la cite*, tal como o grupo QV/DP/TP2 regista. Esta secção narrativa não conhece apenas meras diferenças ao nível dos textos referidos, mas distingue-se por várias redacções da matéria apresentada. Notamos em itálico as partes privativas de DP e TP2. Trata-se de uma versão diferente do grupo ms. 116/QV ao nível do conteúdo da narrativa e foi anteriormente referido por nós.

- (11) Ms. 116 (f. 673r/col. II): *Un ang et II mois vesqui Perceval en hermitage et lors trespasa du siecle et le fist Bohors entereer o sa seur et o Galaad.*

QV (p. 279. 17-20): *Un an et trois jorz vesqui Perceval en l'ermitage, et lors trespasa del siecle; si le fist Boorz enfoir o sa suer et o Galaad el pales esperitel.*

DP (fol. 186v/col. I): *Ūñ ano e dous meses viveu Persival na ermida. Entom passou deste segre e feze-o Boorz soterrar no Paaço Espirital com sa irmã e a par de Galaaz.*

TP2 (p. 278. 19-24): *Un an et plus .II. mois vesqui Perecaus en l'ermitage, et lors trespasa del siecle, si le fist mesire Boors enterer el Palais Esperitel avoec sa serour et avoec monsigneur Galaad.*

Poderia verificar-se neste segmento uma certa incoerência devida, talvez, às condições de *scriptoria* do redactor de QV que especifica um outro “espaço de tempo” da estadia de Perceval no eremitério: *Un an et trois jorz*. A variante de TP2, apesar de acrescentar a parte *plus*, conserva a variante comum ao grupo ms. 116/DP. A análise do conteúdo da versão conservada no ms. 116 leva-nos a considerar, mais uma vez, a preocupação constante do redactor/compilador para o registo diminuto de dados narrativos, tal como se vê na omissão da estrutura *el pales esperitel* no final da frase.

- (12) Ms. 116 (f. 673r/col. II): *Quant Bohors vit qu'il estoit remés en si estrange lieu tout seul comme es parties de Babiloine si s'en parti de Sarras tout armez et vint a la mer et entra en une nef. Si lui avint si bien qu'en petit de temps vint ou royaume de Logres.*

DP (fol. 186v/col. I): *Quando viu Boorz que havia perdido **Galaaz e Persival** e que era em tam **longa terra** e tam **estranha** como seer em terra de Babilónia, **houve tam gram pesar que se nom soube conselhar**. E partiu-se de Sarraz **tam escondidamente que nengũũ nom no pode saber; ca, se o soubessem, nom no leixariam ir pola boa cavalaria que em el sabiam**. Quando Boorz se partiu de Sarraz, veo ataa o mar armado e entrou em ãa nave e houve tam bõõ vento que em pouco tempo foi no reino de Logres.*

QV (p. 279. 21-23): *Quant Boorz vit qu'il ert remés tot seuls en si **loingteignes terres** come es parties de Babiloine, si se parti de Sarraz tot armez et vint a la mer et entra en une nef. Si li avint si bien que en assez poi de tens ariva el roialme de Logres.*

TP2 (p. 282. 1-10): *qaunt Boort vit qu'il ot perduz ses deux compaignons et qu'il estoit tout seul demeuré en si **loingtain país** comme es parties de Babiloine, il fu aucques esbaïs. Et pour ce si parti de la cité de Sarras et vint a la mer, **au plus coitement qu'il pot, car les citoiens feüssent aperçu de son departement, ja ne l'eüssent laissé partir**. Quant il fut a la mer venus, tant fist qu'il passa, **et puis cevaucha tant par ses journees qu'il vint au roiaume de Logres.***

A avaliação do conteúdo desta parte narrativa leva-nos a crer que existe uma clara relação entre a versão que o ms. 116 reproduz e a de DP. A versão do ms. 116 é a única que não regista a estrutura *loingteignes terres/longa terra/loingtain país* encontrada nos outros textos, mas conserva a forma *estrange* que, de entre os restantes textos, somente DP regista. Portanto, verifica-se que o termo *estrange* registado no ms. 116 tem correspondência somente no corpo do texto de DP (*estranha*) e, apesar de aferir a analogia textual manifesta entre a redacção QV e o ms. 116, esta concordância semântico-lexical reúne novamente apenas o ms. 116 e DP. Por sua vez, o grupo QV/TP2 não nota o termo. As partes exclusivas das redacções DP e TP2 são assinaladas em itálico. DP é a única versão que menciona os nomes dos dois companheiros (Perceval e Galaad) que Boorz perdeu e prova que o redactor se mostra preocupado com o aspecto da designação directa das personagens. A redacção TP2 regista este episódio da partida de Boorz de Sarraz depois da interpolação de um fragmento em que descreve

a chegada de Saygremor à corte do rei Artur, anunciando a morte de Tristan e apresentando a sua espada.

A matéria narrativa que se desenvolve a seguir separa os textos em dois grupos distintos, DP e TP2, de um lado, e o ms. 116 e QV, do outro. Ou seja, o grupo DP/TP2 relata o episódio da estadia de Boorz em casa *dũũ montanheiro (DP)/d'un forestier (TP2)*¹ onde este escuta, de um cavaleiro, novas da corte do rei Artur; por sua vez, o grupo ms. 116/QV prossegue com a breve apresentação da chegada de Boorz à corte do rei Artur, que o incumbe da escrita das aventuras do Santo Graal, guardadas no eremitério de Salebieres. A matéria de QV acaba neste ponto.

É relevante referir a descrição da chegada de Boorz segundo o texto documentado pelo fólio 678r/col. I – II do ms. 116, variante comum ao grupo DP/TP2. A problemática do lugar e das lições desta parte narrativa e da interpolação de outra matéria (episódio do combate entre Tristan e Lancelot no Perron Merlin e o dos sonhos de Lancelot) será desenvolvida num capítulo específico². Avaliando a matéria de DP e TP2, verifica-se a existência de narrativas diferentes, nas quais prevalecem o relato da chegada de Boorz à corte do rei Artur. Neste ponto da narração, o ms. 116 não regista versões destas narrativas, mas sim outras duas narrativas já mencionadas e com proveniências diferentes da escrita arturiana e que, como tal, serão alvo de uma análise mais detalhada.

Na diegese da *Demanda do Santo Graal*, surge uma narrativa em tudo semelhante a um trecho narrativo do *Tristan en prose* (versão longa) e que testemunha o regresso de Boorz à corte do rei Artur. Trata-se do momento em que Boorz parte de Sarraz para a corte de Artur e, pelo caminho, permanece em casa de um montanheiro e descobre novas sobre o espírito da corte do rei Artur, numa conversa, com um cavaleiro ali encontrado. Na diegese do *Tristan en prose* (versão longa – manuscrito de base 2542 B.N.V., ed. Philippe Ménard), destacamos duas narrativas que antecedem o relato da chegada de Boorz à corte do rei Artur. Trata-se do episódio da chegada de Saygremor à corte do rei Artur anunciando a morte de Tristan e trazendo a sua espada, e de uma versão da estadia de Boorz em casa de um montanheiro já aludida em DP.

Tendo em conta o conjunto destas narrativas ocorrentes nesta fase diegética destes textos, é pertinente a averiguação de José Carlos Miranda relativamente à

¹ DP, f. 186v/col. II; TP2, t. IX, §142, pp. 282-283.

² Cf. *infra*, Cap. I. 2. 2. O combate entre Tristan e Lancelot no Perron Merlin; e Cap. I. 2.3. Os sonhos de Lancelot.

problemática cíclica do “Pseudo-Boron” que contemplava, não apenas a trilogia, mas “também uma «branche» *Lancelot* e ainda uma «branche» *Tristão*, o que faria dele o mais imponente ciclo arturiano ao longo da Idade Média”¹. Também tentámos seguir a marca da singularidade de cada versão, averiguando se se tratou de um processo de sucessivas refundições ou de iniciativas autónomas. Vários testemunhos conservados, representando estados diferentes de redacções da *Queste Vulgata* primitiva, permitiram um cotejo ao nível do conteúdo e da forma do episódio da morte de Galaad e Perceval, tal como *Queste Vulgate*, o ms. 116, *A Demanda do Santo Graal*, *Tristan en prose* (versão longa). O confronto destes textos leva-nos a avaliar que existe uma proximidade entre o texto do ms. 116 e o da *Demanda do Santo Graal*, tal como verificámos nos elementos lexicais e na sintaxe da frase comum.

¹ MIRANDA, José Carlos, «A edição castelhana de 1535 da *Demanda del Sancto Grial...*, p. 56.

I.2.2. O combate entre Tristan e Lancelot no Perron Merlin

Os fólhos 673r-678r do ms. B.N., fr. 116 elaboram uma matéria em torno do trajecto das figuras centrais da demanda do Santo Graal. Por um lado, os pares adúlteros, Lancelot e a rainha Genievre e Tristan e a rainha Yseut e, por outro, os três cavaleiros eleitos, Galaad, Perceval e Boorz. Tanto no episódio do combate entre Tristan e Lancelot, como no dos sonhos de Lancelot, o redactor parece revelar uma história de amor, nomeadamente, a do amor adúltero do mundo arturiano. Verifica-se a procura pelos episódios que reflectem os temas de amor e da morte relacionados com o trajecto destas personagens.

Segundo a divisão¹ da matéria organizada pelo redactor nos mss. 113 – 116, o episódio do combate entre Tristan e Lancelot no Perron Merlin situa-se na parte de *Le tiers Livre de messire Lancelot du Lac*, mais especificamente, entre a parte final do primeiro ramo e a parte inicial do segundo ramo deste terceiro livro. Este fragmento insere micro-narrativas que remetem o leitor para a pré-história tristaniana de Perron Merlin.

O mais extenso episódio incluído nos fólhos 673r – 678r do ms. B.N., fr. 116 consta numa interpolação de matéria tristaniana, como foi dito no início. Os testemunhos usados no estudo comparativo deste segmento narrativo são os seguintes²:

1. Ms. 116 f.fr. Bibliothèque Nationale de Paris, ff. 673r – 678r.
2. *Le Roman de Tristan en prose* (TP2), ed. Philippe Ménard, Tome III, Genève, Librairie Droz, 1991.
3. *Le Roman de Tristan en prose* (TP1), ed. Joël Blanchard et Michel Quéréuil, Tome I, Paris, Honoré Champion Éditeur, 1997.

Localização do episódio do combate entre Tristan e Lancelot no Perron Merlin nos textos considerados:

¹ Cf. infra, Cap. I. 2. A avaliação literal da matéria narrativa.

² Usamos as duas versões de *Tristan en prose*, cujas designações serão doravante TP2 para a versão longa e TP1 para a versão breve. Embora seja sabido que as versões de *Tristan en prose* não apresentam diferenças consideráveis a nível deste episódio, decidimos assinalar a presença de cada segmento narrativo deste fragmento tristaniano em função da sua extensão nas versões mencionadas. A este respeito ver Ana Sofia Laranjinha, *Artur, Tristão e o Graal. A Escrita Romanesca e o Ciclo do Pseudo-Boron*. (Tese policopiada), Porto, Universidade do Porto, 2005.

<i>O combate entre Tristan e Lancelot no Perron Merlin</i>	
Testemunhos	
Ms. B.N., fr. 116	ff. 673r/col. II – 676v/col. I
TP2 ¹	Tome III, § 247, pp. 274 – p. 296
TP1 ²	Tome I, pp. 270 – 294

Há uma extensa introdução ao relato do episódio do combate entre Tristan e Lancelot no Perron Merlin que consiste no registo de pequenas frases que resumem as narrativas relativamente ao percurso dos dois cavaleiros até à chegada a Perron Merlin. Para prosseguirmos a análise desta interpolação tristaniana e entender a importância do lugar por ela ocupado no fragmento do ms. 116 é importante apresentarmos o mapa das narrativas referidas pelo redactor. Os momentos narrativos da parte tristaniana do ms. 116 estendem-se do fôlio 673v/col. II até ao fôlio 677r/col. I. A cronologia destes segmentos narrativos não coincide com a do extenso romance *Tristan en prose* (TP2 ou TP1³). Mencionar-se-ão todos os segmentos consoante a ordem em que aparecem relatados no ms. 116, o nosso principal texto de estudo, comparados com os de TP2/TP1.

A problemática da divisão da tradição manuscrita do romance *Tristan en prose* em duas versões principais conhece várias teses. Assim, as teses dos eruditos E. Löseth⁴, E. Vinaver⁵, Renée Curtis⁶, Emmanuèle Baumgartner⁷ revelam-se notórias

¹ *Le Roman de Tristan en prose*, dir. Philippe Ménard, Genève, Librairie Droz, 1991, T. I (1987) ed. Ph. Ménard; T. II (1990) ed. Marie-Luce Chênerie&Thierry Delcourt; T. III (1996) ed. Gilles Roussineau; T. IV (1991) ed. Jean-Claude Faucon; T. V (1992) ed. Denis Lalande&Thierry Delcourt; T. VI (1993) ed. Emmanuèle Baumgartner&Michèle Szkilnik; T. VII (1994) ed. Danielle Queruel&Moniqu Santuci; T. VIII (1995) ed. Bernard Guinot&Jean Subrenat; T. IX (1997) ed. Laurence Harf-Lancner.

² *Le Roman de Tristan en prose* (version du ms. fr. 757 de la Bibliothèque Nationale de Paris) dir. Philippe Ménard, Paris, Champion, T. I (1997) ed. Joël Blanchard&Michel Quéreuil; T. II (1998) ed. Noëlle Laborderie&Thierry Delcourt; T. III (2000) ed. Jean-Paul Ponceau; T. IV (2004) ed. Monique Léonard&Francine Mora.

³ Nos estudos de especialidades usam-se as siglas V. I e V. II ou TP1 e TP2 para designar as versões do romance *Tristan en prose*. Optaremos pela segunda variante, sendo a da tese de Ana Sofia Laranjinha, *Artur, Tristão, a Escrita Romanesca no Ciclo do Pseudo-Boron*, (Tese policopiada), Porto, Universidade do Porto, 2005, p. 41.

⁴ *Le roman en prose de Tristan, le roman de Palamède et la Compilation de Rusticien de Pise – analyse critique d’après les manuscrits de Paris*, Paris, E. Bouillon, 1891.

⁵ *Études sur le Tristan en prose. Les sources, les manuscrits, bibliographie critique* (Thèse complémentaire présentée à la faculté de Lettres de l’Université de Paris), Paris, Champion, 1925.

⁶ *Le roman de Tristan en prose*, (édition critique du début du *Tristan en prose* d’après le manuscrit Carpentras 404), ed. Renée L. Curtis, Max Hueber, Munich, 1963 (T. I); Leiden, Brill, 1976 (T. II); Cambridge, D.S. Brewer, 1985 (T. III).

⁷ *Le «Tristan en prose». Essai d’interprétation d’un roman médiéval*, Genève, Droz, 1975.

quanto a esta problemática que, a mais recente investigação da área, a de Ana Sofia Laranjinha¹, conclui justamente da seguinte forma: “*Mas, como dissemos, a versão breve de TP mantém-se, na essência, mais próxima do que seria o romance original. Com efeito, no que diz respeito à porção final do romance (que se inicia com o Pentecostes do Graal), só TP1 pode ser considerado um texto cíclico, na medida em que mantém a sua relação de complementaridade com a Queste do Pseudo-Boron, limitando-se a resumir ou referir algumas cenas daquele texto, e desenvolvendo a matéria que lhe é própria. TP2, pelo contrário, opta pela técnica da compilação, integrando não apenas partes significativas da Queste do Pseudo-Boron, mas também longos episódios da Queste da Vulgata.*”

A matéria do ms. 116 dá conta do uso de uma técnica específica medieval da escrita. Esta técnica é fruto da construção de uma muito extensa matéria narrativa medieval (*Lancelot-Graal, le Tristan en prose ou la Compilation de Rusticien de Pise*). Assim, repare-se na “*présentation de l’oeuvre sous la forme de plusieurs livres qui, à leur tour, se divisaient quelquefois en «parties» ou en «branches». Le mot «livre» revient souvent sous la plume des copistes médiévaux*”². A palavra *livre*, no entanto, refere-se ao modo de designar o próprio volume e “*non pás le contenu du volume, ni l’une des oeuvres qu’il comprenait. Les titres, incipit et explicit des romans arthuriens en prose mentionnent souvent des livres*”³.

Assim, vê-se como o texto do ms. 116 respeita as técnicas da escrita medieval: um título em tinta vermelha introduz o relato do equívoco de Tristan ao combater Lancelot, em vez de Palamedes, no Perron Merlin. Há, desde o início do episódio, uma sucessão de referências de autorias diversas. Surge uma série de frases que funcionam como resumos dos diversos segmentos narrativos tristanianos, remetendo para várias autorias que justificam, literal e historicamente, o texto apresentado: o segundo livro do próprio redactor, f. 673r/col. II; *Maistre Helies du Borron*, f. 673r/col. II; *Livre Tristan*, f. 673v/col. I; *Livre du Bret*, f. 673v/col. I. É importante distinguir este tipo de indicações redaccionais cuja função é conferir credibilidade ao discurso narrativo: *Et por ce m’en tais mais qui tout c evouldra veoir si preigne le grant Livre du Bret et la le trouvera tout au long.* (f. 673v/col. I); *Le compte dit et la vraie histoire tesmoingne que*

¹Artur, *Tristão e o Graal. A Escrita Romanesca no Ciclo do Pseudo-Boron*. (Tese policopiada), Porto, Universidade do Porto, 2005, pp. 494-495.

²PICKFORD, C. E., *L’évolution du roman arthurien...*, p. 129.

³Idem, p. 130.

comme ouy aves en mon segond livre messire Tristan de Leonnois filz au bom roy Meliadus fu moult bom chevalier. Mais de ses chevaleries ne fait mie grant mencion cil comptes car maistre Helies du Borron tracte tout au long de ses fais. (f. 673r/col. II).

Assim, assinala-se a voz narrativa que explica que relatará a morte de Tristan que aconteceu *le IIIème na de la Queste du Saint Graal*¹ e a dos outros cavaleiros, exceptuando a de Palamedes, matéria do *Livre Tristan*; há também menção à morte de Lamorat, morto por Gauvain, a qual é referida como matéria do *Livre du Bret*².

Relativamente à cronologia dos dois momentos narrativos já referidos do ms. 116, é importante notar que na diegese do romance *Tristan en prose*, tanto na versão breve (TP1), como na versão longa (TP2), o duelo no Perron Merlin entre Tristan e Lancelot é anterior à morte de Lamorat. Assim, assinalamos a localização das duas narrativas da seguinte forma:

Episódios				
<i>Combate entre Tristan e Lancelot no Perron Merlin</i>		<i>Morte de Lamorat</i>		
TP2				
TP2, Tome III, §247–272, pp. 274–293	Breve apresentação dos dados do ódio entre as linhagens: TP2, Tome IV, §15, pp. 81-82	A morte de Lamorat aparece apenas como projecto dos filhos do rei Loth: TP2, Tome IV, §123-124, pp. 207-209	A morte é descrita de forma resumida: TP2, Tome IV, §248, p. 349	Perceval fala com Palamedes sobre a morte de Lamorat: TP2, Tome V, §29, pp. 99-100

¹ ff. 673r/col. II – 673v/col. I.

² Cf. MIRANDA, José Carlos, *A Demanda do Santo Graal e o Ciclo...*, p. 81; Cf. BAUMGARTNER, Emmanuelle Le «*Tristan en prose*». *Essai d'interprétation d'un roman médiéval*, Genève, Droz, 1975, p. 32: “Vingt quatre manuscrits donnent le prologue du roman. Dans dix-neuf manuscrits, de V.I. comme de V.II., c eprologue est signé Luce del Gat: «Je Lucés ... demonstrai et ferai asavoir ce que li latins devise de l'estoire de Tristan.» Dans quatre manuscrits, EDIMBOURG, N.L.S. Adv. 19.1.3.; Paris, B.N. fr. 756; Vienne, Bibl. Nat. 2542 et GAND, Bibl. de l'Université 6, le prologue est signé Luce del Heélie, le roman est appelé *li Bret*”; Cf. LARANJINHA, Ana Sofia, *Artur, Tristão e o Graal...*, nota 46, p. 15.

TP1		
TP1, Tome I, pp. 270-294	Resumo dos dados essenciais do tema do ódio entre as linhagens: TP1, Tome II, §4-5, pp.65-68	Apresentação detalhada da morte de Lamorat: TP1, Tome II, §44-49, pp. 128-129

O episódio da morte de Lamorat desenrola-se por etapas dentro da narrativa tristaniana incluída em TP1/TP2. Ou seja, numa primeira fase, Gauvain e os seus irmãos projectam matar Lamorat e numa segunda fase, que decorrerá em breve, Gauvain dará curso ao acto criminoso.

É conveniente, no entanto, referirmo-nos ao tema do ódio entre duas linhagens, que parece relevante na escolha do redactor deste segmento narrativo, embora seja aludido apenas numa frase. Um desenvolvimento exaustivo desta problemática encontra-se na tese de Ana Sofia Laranjinha¹. Referimo-nos à linhagem do rei Loth e à linhagem do rei Pelinor. Os filhos do rei Loth, Gauvain, Agrevains, Mordret, Guerrehés e Gaeriet, odeiam Lamorat por seu pai, o rei Pellinor, ter matado o rei Loth². É de notar que Gaeriet é o único dos seus irmãos que não quer vingança: “*Mais tant i avoit sans faille que Gaheriés, ki li mieudres chevaliers estoit de tous ses freres, ne haoit pas Lamorat ne si gros cuer n’avoit sor lui sans faille. Pour ce k’il savoit bien que Lamorat lour faisoit honte de lour mere le haoit il, mais non mie k’il l’en vausist metre a mort s’il le peüst bien faire. Gaheriés nel haoit mie morteument, mais mesire Gavains ne baoit a riens du monde fors a sa mort.*”³. Este cavaleiro tem, no entanto, outras razões para a sua acção justiceira, a qual se integra, também, na problemática do ódio entre as duas linhagens: Lamorat ama a rainha d’Orcanie, mulher do rei Loth. Assim, vemos que

¹ LARANJINHA, Ana Sofia, *Artur, Tristão e o Graal...*, pp. 361-473.

² Idem, p. 363.

³ *Le Roman de Tristan en prose* (TP2, com ms. de base o ms 2542 B.N.V.), Tome IV, ed. Philippe Ménard, Droz, 1991, §123, p. 207.

a rainha d'Orcanie morre pela mão do seu filho, Gaeriet, tal como podemos verificar no excerto transcrito:

Verités fu, et l'estoire veraie le devise, que li rois Pellinors, qui fu pere Perceval, ot .V. filz. Tuit furent preudomme et bom chevaleir et bien resamblèrent a lor pere ed gentillesce ed cuer et de bonté de chevalerie. Que vos diroie ge ? Par lor bonté et par lor haute proesce enpristrent li envieux de la cort le roi Artus sor elz si mortel haïne que il en moroient aussi conme de doel de [54b] ce que li privé et li estrange les prisoient et les looient outre mesure. Et li rois Artus meïsmes en fesoit un si grant lox, la ou il estoit, que il disoit bien que en tot son ostel ne reparoit .III. aussi bons chevaliers come estoient li .III. filz au roi Pellinor. De Perceval n'estoit encore parole, qu'il demoroit alors chiés sa mere petiz enfes. Des .III. freres estoit sanz faille Lamorat le meilleur chevalier. Cil estoit fondre en estor, cil estoit destruiement de gent en mortel bataille, cil estoit plains de si haute proesce et de si haute bonté de chevalerie que, se il eüst veuqu jusquez a l'aage de .L. anz, il eüst passé touz ces parens. Mes il morut en cele queste par felonnie et par la cruauté Gauvain, le neveu le roi Artus, qui l'ocist assés villainement, non mie por ce que il fust d'assés si bon chevalier conme estoit Lamorat, mes i l'ocist en tele maniere conme je vos conterai.

Einssi conme je vos ai dit, a celui tens que la queste monseigneur Lancelot fut enprise, avoit a la cort le roi Artus .III. des enfanz Pellinor, qui tuit estoient chevalier. Li uns estoit apeléz Agloval, li autres avoit non Tor le filz Arés, li tiers avoit non Drianz, li quarz avoit non lamorat. Tuit cil .III. jurerent la queste ainssi com li estrange chevalier qui n'estoient du aprenté le roi Ban la jurerent. Cil du parenté le roy Ban la jurerent en telle maniere que il ne enterroient jamés en la court du roi Artus jusques il eüssent trové Lancelot ou que il seüssent verité certaine. Li autre ne le jurerent pas ainssint, ainz distrent que il la maintenroient un an et un joor et plus, se a plaisir lor venoit, mes non autrement. Cil serement firent li .III. frere, et se partirent ainssi de la cort et chevauchierent ensemble une piece du tens, et puis sedepartirent.

Misere Gauvain et tuit si autre frere fors seulement Gaeriet haoient de mortel haïne les .III. filz du roi Pellinor. Et estoit cele haïne venue de plusors achoisons : ele estoit premierement venue du roi Pellynor qui avoit ocis le roi Loth d'Orcanie, qui estoit pere Gauvain et autres freres, mes tele vanjance en avoit ja esté prise que misere Gauvain avoit ocis de ces mains le roi Pellynor. De ceste chose en savoient riens li enfans le roi Pellynor, car ce i l'eüssent seü, il eüssent vengie la mort leur pere que il ne lessassent ne por le roi Artus ne por autre chose. Après ces .II. morz estoit la haïne renovelee por la royne d'Orcanie, qui mere estoit Gauvain et aux autres freres, car la roïne avoit en Lamorat si mis son cuer por la proesce qu'elle savoit en lui, qu'elle n'avoit riens du monde autant conme elle fesoit lui. La dame estoit de grant biauté, et por ce l'amoit Lamorat de tout son cuer.

Tuit li frere monseigneur Gauvain, qui ceste chose savoient vraiment, en estoient trop courrociéz, et a grant desdaing lor tornoit de ce que lor mere c'estoit abandonee au filz de celui

qi[54c] lor pere avoit ocis. Mes il n'en i avoit nul si dolant come estoit Gaheriet, li gentix chevaliers, li plus vaillant chevaliers et li plus cortois et li plus prisiéz en toutes choses de tous les .V. freres. Cil en avoit vers sa mere trop grant cuer, ne il en haoit pas de celui fet si durement lamorat conme il haoit sa mere. Que vos diroie je ? Asséz dura ceste rancune, et tant que Gaheriéz trouva sa mere avec Lamorat. Il fu tant yriéz de ceste chose que il en ocist sa mere et en lessa aller tout quite Lamorat que mal ne li fist. Et ci l'eüst il bien ocis se il li eüst pleü¹.

Prosseguimos com a apresentação da matéria tristaniana, ou seja, o episódio do combate entre Tristan e Lancelot no Perron Merlin, inserido no ms. 116. Estando perante a matéria tristaniana, é conveniente indicar sempre que possível a correspondência dos momentos narrativos incluídos nos testemunhos designados por TP1, TP2 e *Palamède* (ou *Guiron le Courtois*). Não faremos uma apresentação exhaustiva da matéria tristaniana, apenas referida em pequenas frases no corpo do ms. 116, dado que não é esse o objectivo deste trabalho, mas tentamos entender qual é a organização interna desta porção do ms. 116, situada no final da *Queste* e no início da *Mort Artu*.

Ao confrontar textualmente as três redacções (Ms. 116, TP1, TP2), verifica-se que o pequeno texto que diz respeito à morte de Lamorat ocorrido no fólio 673v/col. I do ms. 116 tem como fonte a redacção TP2, mais especificamente, a parte em que os filhos do rei Loth planeiam matar Lamorat. A estrutura dos textos leva-nos a considerar que se trata de uma proximidade significativa entre estas duas versões. Os textos têm a seguinte forma, apresentando apenas pequenas diferenças de conteúdo que serão referidas:

Ms. 116 (f. 673v/col. I): *Mais messire G le tua dont ce fu dommaige et aussi occist messires G messires Lamorat de Gales en son .XXVII. an dont ce fut perte a toute mortelle chevalerie, car s'il eust vesqu longuement, il eust atteint de chevalerie presque tous les chevaliers de la Table Ronde. Mais tout ce n'affiert mie a nostre matiere. Et por ce m'en tais mais qui tout ce voudra veoir si preigne le **Grant Livre du Bret** et la le trouvera tout au long.*

¹ *Le Roman de Tristan en prose* (TP1, com ms. de base o ms. B.N., fr. 757), Tome II, ed. Noëlle Laborderie et Thierry Delcourt, Genève, Champion, 1999, §4-5, pp. 65-68.

TP 2 (Tome IV, §124, p. 209): *Et sachiés que, puis que chis parlemens fu ensi tenus de Lamorat, ne demoura pas granment de tans quant mesire Gavains l'ochist assés vilainnement et felenesement. Ce fu grans damages et grans dolours, car nostre livres dist bien tout apertement que, se Lamorat eüst vescu droit aage de chevalier, bien eüst ataint de bonté de cevalerie u passé par aventure tous les preudommes ki au tans le roi Artu portoit armes, mais li morut assés plus tost que besoins ne fust a cevalerie ; et au jour k'il morut, **il n'avoit encore d'aage compli que .XXVI. ans et deus mois.** Mais atant laisse ore li contes a parler de celui fait et retourne sour nostre matere.*

Neste excerto narrativo é importante notar o carácter sintético da exposição da narração do redactor do ms. 116, que opta por mencionar que Lamorat tinha apenas vinte e sete anos, enquanto que a redacção TP2 se mostra mais específica: *.XXVI. ans et deus mois*. De referir, ainda, que no seu estudo introdutivo à edição da *Post-Vulgate*¹, Fanni Bogdanow transcreve, em parte, no espaço das notas de rodapé o fragmento que diz respeito ao duelo entre Tristan e Lancelot no Perron Merlin, incluindo também a referência à morte de Lamorat. A investigadora opta por corrigir a lição do ms. 116 da forma verbal *fu* por *fut* no contexto *dont ce fu dommaige* (f. 673v/col. I). Chamamos a atenção para esta lição (*fu*), porque é pertinente justificá-la pela lição idêntica conservada na redacção TP2, que seria, neste caso, a fonte do ms. 116 neste segmento ou que poderia suscitar a hipótese da filiação entre os dois textos. É conveniente, neste ponto da situação, notar que a organização desta porção do ms. 116 dá conta do recurso a várias fontes consultadas ou compiladas pelo seu redactor. A versão breve (TP1) omite a referência à idade de Lamorat, o que nos leva a crer, mais uma vez, que a fonte do ms. 116 teria sido a redacção TP2. Prosseguimos com a apresentação de outros momentos narrativos em que a valência dos dois cavaleiros, Tristan e Lancelot, atingirá o cume no Perron Merlin. Nesta secção narrativa o redactor expõe, constantemente, em frases breves, vários episódios que precedem o momento do encontro de Perron Merlin, onde Tristan esperava, de facto, por Palamedes, com o qual anteriormente tinha decidido este combate.

¹ BOGDANOW, Fanni, *La Version Post-Vulgate...*, Tome I, nota 48, p. 124: « Mais messire Gauvain le tua, dont ce fut domaige, et aussi occist messires Gauvain messires Lamorat de Gales en son .XXVII. an, dont ce fut perte a toute mortelle chevalerie, car s'il eust vesqu longuement, il eust ataint de chevalerie presque tous les chevaleries de la Table Ronde».

Vejamos agora a narração retrospectiva, um conjunto de episódios que relatam as condições do combate que terá lugar no Perron Merlin: Palamedes não consegue chegar ao lugar estabelecido por ter sido preso: “*Et Palamides que moult estoit saigis et mesures et que pas n’y veoit son preu entreprinst la bataille a jour nomme avecques lui au Perron Merlin. Et pour ce que par prison fu detenu moult longuement ne se peut trouver mais Lancelot y survint par telle aventure ...*” (f. 673v/col. II). Assim sendo, mencionam-se, ainda, os três seguintes momentos narrativos: o combate entre Tristan e Lamorat (TP1: T. I, §§ 46-47, pp. 141 – 148; TP2: T.III, pp.274-296; Löseth: § 47, pp. 38-39); Tristan fica ferido e só ao ir à Irlanda consegue curar-se, pela intervenção dos remédios de Iseut. Em seguida, Tristan e Iseut tornam-se amantes e fazem a viagem para a Cornualha porque Tristan tem de voltar com Iseut que virá a ser mulher do rei Marc, seu tio. O redactor faz a remissão para o seu segundo livro onde já se encontra relatada esta parte da matéria, justificando, desta maneira, a breve menção. Para além disso, a sucinta descrição da história de amor entre os dois amantes é também interrompida pela interpolação de duas outras referências: um combate entre Tristan e *Helyas de Soussongne* e um outro contra *Blaner de Gaunes*. O primeiro combate refere-se à invasão da Cornualha pelos saxões, cujo chefe era *Helyas de Soussongne* e que Tristan derrotará (TP1: Tome I, § IX, pp. 360-367; TP2: Tome IV, §§ 187-241, pp. 281-339; Löseth: § 278, pp. 183-184). O duelo entre Tristan e *Blaner de Gaunes* corresponde à análise de Löseth de §§ 36-38, pp. 27-29, sendo, no entanto, um combate anterior ao primeiro contra o saxão Helyas. Em seguida, há referências às aventuras de Tristan com Dinadin, nomeadamente, ao combate contra trinta cavaleiros de Morgain. Este segmento narrativo corresponde à análise de Löseth de §§ 105-110, pp. 87-93.

Assim, verifica-se que, tanto a interpolação da matéria tristaniana (particularmente o combate entre Tristan e Lancelot), como a das visões de Lancelot, sendo os principais e mais extensos episódios deste fragmento do ms. 116, levam-nos a crer que, neste manuscrito, se trata de uma espécie de antologia de relatos que seguem o trajecto dos heróis e das suas aventuras: Galaad, Perceval, Boorz, de um lado, e Tristan e Lancelot, de outro lado. Repare-se que a interpolação da matéria tristaniana consta nos episódios centrados em Lancelot e Tristan. Os episódios incluídos nos fólhos 673r-678r do ms. B.N., fr. 116, segundo a análise de Fanni Bogdanow¹, distinguem três fontes: *Tristan en prose* quando se refere ao percurso de Tristan, sua morte e a de Iseut, uma

¹ BOGDANOW, Fanni, *La Version Post-Vulgate...*, Tome I, pp. 124-125.

versão de *Guiron le Courtois*, quando se refere à vinda de Lancelot de “*l’Isle des Fees se combatit contre Galinand, filz de Guyron le Courtois*” (f. 673v/col. II) e também *Queste Post -Vulgate*, quando se põe a problemática das visões de Lancelot.

É de salientar a técnica da divisão do texto. Salvo o pequeno fragmento com referência à morte de Galaad, o qual pertence à parte final da *Queste*, a interpolação tristaniana, que diz respeito ao combate entre Tristan e Lancelot no Perron Merlin, à vinda de Lancelot da ilha das fadas e à morte de Tristan e Iseut, está dividida por títulos, da seguinte forma:

Et messire Tristan de Leonois avoit emprise bataille contre Palamides au Perron Merlin comment Lancelot et luy se combatirent ensemble par mesoognoissance. (f. 673r/col.II)

Et Lancelot venant de l’isle des fees se combatit contre Galinand filz de Guyron le Cotoie. (f. 673v/col. II)

Et Lancelot et Tristan se combatent au Perron Merlin. (f. 674r/col. I)

De ce ne font ilz nul semblant et messire Lancelot et Tristan se combatent moult fort et se merveillent moult l’un de l’autre. (f. 675r/col. II)

Et messire Tristan, le bon chevalier et la royne Yseut morurent tous deux ensemble par la plaie que le roy Mar son oncle luy ot faicte. (f. 676v/col. I)

Assim como já reparámos, com este episódio estamos perante uma etapa da evolução de dois heróis da Távola Redonda. Os já mencionados percursos de Tristan continuam com os de Lancelot. Quanto à caminhada de Lancelot até Perron Merlin, o redactor limita-se a fazer uma breve menção sobre a sua vinda da *Isle des Fees* à procura de novas sobre Tristan, mas sem acabar a frase: *Voir fut que apres leur retour de l’Isle des Fees dont en nostre livre ne faisons mie nulle mencion il queist tant par maintes terres et contrees pour savoir nouvelles de messires Tristan pour al bonne chevalerie qu’on disoit de lui que ung jour aventure l’apporta apres maintes males journees a la forest de...*(f. 673v/col. II). Em seguida, temos a breve descrição do combate entre Lancelot e Galinans du Bois Verdoyant. Em Löseth¹, as referências ao nome próprio Galinans ou Galinand du Bois Verdoyant ocorrem na parte da análise de *Palamède* baseada no confronto do manuscrito 355 com quatorze manuscritos de Paris, entre os quais onze se encontram na Bibliothèque Nationale de Paris: 338 (anc. 6959;

¹ LOSETH, E., *Le Roman en prose de Tristan, le Roman de Palamedes et la Compilation de Rusticien de Pise*, Paris, Émile Bouillon Éditeur, 1890, p. 433.

cf. P. Paris, Mss. fr., II, 345; início do séc. XV), 350 (anc. 6970; ib. 367; séc. XIII-XIV), 356, 357 (anc. 6976-7; ib. III, 61; séc. XIV), 358, 359, 360, 361, 362, 363 (anc. 6978-6983 ; ib. 63 ss.; séc. XV), 5243 (Nouv. Acq.; finais do séc. XIV), e très pertencendo a biblioteca de Arsenal: 3325 (anc. 218 B. B. F.; séc. XIII), 3477, 3478 (anc. 219 B.N.; início do séc. XV). Quanto ao nome próprio Bois Verdoyant encontramos a informação: “En général, l’histoire de l’enfance de Guiron est fort peu détaillée aussi dans les autres rédactions. Il y est souvent appelé Guiron du (ou de) Bois verdoyant. Ce nom désigne un château, ou, dit 3325, le héros naquit; d’après le texte, d’ailleurs obscur, de 358, il s’y éprit de la fille de l’un de ses vassaux.”¹ Na parte das adições e das correcções Löseth acrescenta descrições de vários testemunhos, entre os quais o de *Guiron* de 12599 em que surge a informação: “Quant au Bois verdoyant, Guiron était peut-être né à ce château, comme le dit 3325, (p. 442), cf. 358, qui l’appelle le seigneur lige du châtelain dont il aime la fille (p. 437)”² e mais adiante há a referência aos dois filhos de Guiron, “*Vesparino*, qui fut tué par Lamorat de Galles dans l’île du Pont de fer (cf. § 187), et Galinan, qu’abatit une fois Lancelot”. Seria este o combate entre Lancelot e Galinans du Bois Verdoyant registado pelo redactor do ms. 116?

Finalmente, chegamos à descrição do combate entre Tristan e Lancelot no Perron Merlin. É de referir, ainda, a audiência a este duelo. Para além de Gouvernail, distingue-se a presença de “le frere au duc de Clarence et Brandeliz”, os dois emitindo comentários significativos sobre o duelo e, dessa forma, remetendo para outras diegeses tristianas. Assim, pode-se notar as apreciações sobre o duelo: *Le frere au duc de Clarence qui maintes batailles avoit veues comme cellui qui já estoit et aisne frere du Duc de Clarence et avoit veu la bataille d’entre Meliadus et Ariolan de Sessongne et aussi la riche bataille qui fu du Chevalier sans Peur contre Danain le Roux qui furent les plus fieres et merveilleuses que aparavant avoient este combien que durassent tout le jour si ne y eust il point en toutes les II tant de cops frappes comme en cestui, Et pour ce pense il a lui mesmes qu’ilz ne soient point chevaliers mortels car les autres estoient les meilleurs et les plus renommez de prouesse qui de leur temps feussent.*(f. 674v/col. II). *Et pour ce pense* (f. 675r/col. I) *il que ce soit enchantement ou fantasie qui ainsi lui soit apparue.*

¹ Idem, nota 3, p. 434.

² Idem, p. 489.

C. E. Pickford¹ diz: “Ce chevalier est Tristan. Mangy, frère de Clerans, et Brandelis qui observent la bataille, la comparent à deux autres grands combats contés dans le *Palamède*, celui du Bon Chevalier Sans Peur contre Danain le Roux, et celui de Meliadus contre Arelant de Sansonne.”. Na parte final em que Löseth analisa *La Compilation de Rusticien de Pise et le Roman de Palamède* com base nos mss. 340, 355, 1463, 357, 3478 e os impressos de Verard e Janot, encontra-se tanto o combate em que Ariolan é vencido por Meliadus², como outras aventuras dos dois combatentes³. Identificamos através da análise de Löseth as outras personagens referidas no ms. 116: Duc de Clarence ou duc de Clarenz, como aparece escrito na parte em que *Delice, la fille de Brunor, va, avec le corps de son père et la tête de sa mère, chercher son frère Galehout, qui est allé assister à la cour qu’Arthur tenait pour la cité de Londres, un jour Pentecôte; à cette occasion, le géant Caradoc le grand a enlevé Gauvain, que Lancelot, Ivain et le duc de Clarenz sont allés délivrer;*⁴. A redacção do ms. 358 da análise de Löseth incorpora as aventuras de Danain le Roux e Le Chevalier Sans Peur: *Le ms. 358, qui nous a conservé un morceau d’une version d’aventures de Guiron et de des Bruns, distinct de **Palamède**, quoique ayant des traits communs avec ce roman, se compose de deux parties différentes, dont la juxtaposition n’est pas clairement expliquées dans le manuscrit*⁵. A redacção do ms. 3325⁶ também conserva partes das aventuras de *Danain le Roux* e *le Chevalier Sans Peur* às quais poderia referir-se o compilador do ms. 116. Assim sendo, pode-se identificar aqui o combate entre *le Chevalier sans Peur* contra *Danain le Roux* em presença dos habitantes de Louvezerp. De referir, ainda, que a presença do irmão de *Duc de Clarence* parece uma figura inédita, tendo em conta que a análise de Löseth identifica o *Duc de Clarence*, mas não um irmão deste.

Ao confrontar as versões do *Tristan en prose* com o ms. 116, verifica-se que a interpolação das referências a estes heróis representa uma parte privativa deste manuscrito. Assim sendo, é pertinente observar que as fontes do ms. 116 em relação a estes excertos não se podem limitar apenas a uma versão de *Tristan en prose* ou *Guiron le Courtois*, contrariamente ao que refere Fanni Bogdanow⁷.

¹ PICKFORD, C. E., *L’Évolution du roman arthurien...*, p. 49-50.

² Idem, p. 446.

³ LÖSETH, E., *Le Roman en prose de Tristan...*, §§ 642-643, pp. 470-471.

⁴ Idem, § 41, p. 33.

⁵ Idem, §§ 630a, 631a, pp. 436-442.

⁶ Idem, § 631a, p. 441-442.

⁷ BOGDANOW, Fanni, *La Version de la Post-Vulgate...*, Tome I, pp. 124-125.

Prosseguimos com a apresentação da matéria do ms. 116: segue-se um combate sangrento em que nenhum dos combatentes se consegue impor ao outro. Tristan acaba por vencer o seu adversário. Exaustos, Tristan e Lancelot interrompem o combate, identificam-se, abraçam-se (f. 675v/col. II) e depois decidem ir para Camaalot. Na corte, os dois cavaleiros são aclamados e honrados pelo rei e pela rainha, ficam para curar as feridas e Tristan é feito cavaleiro da Mesa Redonda no lugar de Morhault d'Yrlande. Em seguida, o compilador relata brevemente como Lancelot, para agradar a Tristan e por saber a história de amor entre este e a rainha Yseut, tenta uma reconciliação entre o rei Marc e o seu sobrinho. Há referência a uma loucura, mas estando o texto muito lacunar não se percebe se se trata da loucura de Tristan ou de Lancelot. É também sabido que Tristan sofre muito, mas não enlouquece; no entanto, por esta altura, quem enlouquece é Lancelot. Do ponto de vista da lógica da narrativa, tratar-se-ia do sofrimento de Tristan. Em seguida, o redactor refere-se à estadia de Tristan e Yseut na Joyeuse Garde durante dez anos, o regresso e a morte dos amantes em Cornualha (f. 676v/col. I; TP2: pp. 186-199): *Et au bout de II ans le roy Marc trouva Tristan trop près de la royne en leurs secretes amors. Si le trespasa d'un glaive envenime si que en briefz jours lui couvint morir. Et quant il veit la mort approncher si requist a parler a la royne soy parla et l'acolla et baisa si estrement que tous deux desvierent ensemble moult piteusement. Ainsi morut le bon Tristan de Leonnoys et la royne Yseut. Si en firent grant dueilz tous les chevaliers de leans quant il ot dictes les nouvelles. Si se taist le compte a parler de la mort de messires Tristan et retourne a parler de Lancelot du Lac.*

Relativamente às aventuras de Tristan, o redactor remete para a autoria de *Messire Gautier* que, por sua vez, se inspira em *maistre Helies Borron qui en son livre les met toutes sans riens laisser et maintes autres belles choses ainsi que la se peut trouver* (f. 676r/col. II).

É significativo notar que a versão do ms. 116 se afasta das versões TP1/TP2 quanto ao enredo narrativo. Por um lado, a versão TP1/TP2 apresenta uma parte que não está no ms. 116, que consiste no discurso sobre o amor iniciado por Lancelot depois de os dois combatentes se terem reconhecido (TP1: pp. 280-284; TP2: pp. 282-284) e, por outro, nota-se que as referências às outras figuras que assistem ao duelo, para além de Gouvernail e os escudeiros, são omitidas. É importante assinalar um aspecto de detalhe que afasta TP1/TP2 do ms. 116: em TP1 e TP2, os dois cavaleiros chegam à corte do rei Artur, que se mostra preocupado face ao cumprimento da demanda por parte de

Lancelot (ou seja, a procura de Tristan), enquanto que o redactor do ms. 116 revela um Artur preocupado com as feridas dos combatentes.

Destacamos a referência de E. Baumgartner¹ que diz respeito aos fragmentos tristanianos inseridos em diversas compilações, entre os quais se encontra, evidentemente, o ms. B.N. fr. 116. A autora refere que no conjunto dos manuscritos B.N. fr. 113-116 se contemplam vários excertos tristanianos (diversos combates de Tristan, morte dos amantes). As referências para estas porções são os seguintes: ff. 205c-d do ms. 113, ff. 206a – 207b do ms. 114 e, finalmente, nos fólhos 673b – 676c do ms. 116.

¹ BAUMGARTNER, E., *Le «Tristan en prose». Essai d'interprétation d'un roman médiéval*, Genève, Droz, 1975, p. 21.

I.2.3. Os sonhos de Lancelot

Distingue-se um terceiro episódio nos fólhos 673r–678r do ms. B.N. fr. 116. Este episódio centra-se exclusivamente numa etapa do percurso de Lancelot. Segundo Fanni Bogdanow, este excerto inserido no ms. 116 tem como fonte a *Queste Post-Vulgate*¹, também *Queste Pseudo-Boron*. Trata-se da narrativa dos sonhos de Lancelot. O nosso objectivo será o confronto entre a versão do ms. 116 deste episódio e a de outros dois testemunhos que o conservam, isto é, ms. B.N., fr. 112 (editado, parcialmente, em QPB) e a *Demanda* portuguesa. Os textos suporte usados no estudo comparativo deste fragmento são os seguintes:

1. Ms. B.N., fr. 116, ff. 673r – 678r.
2. (QPB²) *La Version Post – Vulgate de la **Queste del Saint Graal** et de la **Mort Artu**, troisième partie du **Roman du Graal***, ed. Fanni Bogdanow, Tome II, Paris, Société des Anciens Textes Français, 1991.
- 3.(DP) Ms. Biblioteca Nacional de Viena, 2594.

É importante referirmos que a edição de Fanni Bogdanow da *Queste Post-Vulgate (Queste Pseudo-Boron)* se baseia em vários testemunhos. É significativo a este respeito salientar que esta edição agrupa testemunhos em francês e em galego-português que referiremos adiante. A edição de Fanni Bogdanow tenta reconstituir a versão da *Queste-Mort Artu* do ciclo Pseudo-Boron, que, ao contrário da *Queste* do ciclo da Vulgata, não subsistiu em nenhum manuscrito integral. A investigadora britânica parte da ideia de que tanto as *Demandas* ibéricas (*A Demanda do Santo Graal*, *La Demanda del Sancto Grial*), como os fragmentos incluídos em manuscritos não-tristanianos, Oxford, Rawlinson D 874 da Geneva, Bodmer 105 da Bologna, Archivio di Stato, fragmentos franceses: 1, 7 e 7bis, os manuscritos da Bibliothèque Nationale de Paris 112, 116, 340, 343 e o da Biblioteca Nacional Universitária de Turim L-I-9 constituem testemunhos de uma versão post-vulgata da chamada *Queste-Mort Artu*. Fanni Bogdanow utiliza a redacção dos testemunhos em línguas próprias. Ou seja, a investigadora inclui partes, na edição QPB, em língua portuguesa e em língua francesa,

¹ BOGDANOW, Fanni, *La Version Post-Vulgate...*, Tome I, p. 125.

² Preferimos a sigla QPB designando a *Queste Pseudo-Boron*, isto é *Queste Post-Vulgate* de Fanni Bogdanow.

tendo como suportes editoriais os manuscritos anteriormente mencionados. Apresentamos uma descrição da edição no que diz respeito às línguas presentes: os títulos estão escritos em francês (cap.I *Départ pour la quête*, cap.XVI *Songes de Lancelot*), enquanto que a língua dos subtítulos varia em função do manuscrito base do texto, francês ou português (por ex.: §2. *Como a donzella disse a Lancelot que fosse com ell*; §204. *Comment messire Lancelot et Perceval chevaulchent ensemble moult pensifz de l'advision de Lancelot*).

Assim, apresentamos os manuscritos-suporte da edição de Fanni Bogdanow¹:

- D: *Demanda* portuguesa
- S: ms. B. N. fr. 112
- S¹: ms. B. N. fr. 116
- S²: Archivio di Stato, Bologna, fragmento francês no.1
- O: Oxford, ms. Rawlinson D 874

O mapa da repartição dos capítulos e das línguas conforme o manuscrito de base da edição QPB de Fanni Bogdanow é o seguinte:

- §1 (Cap.I)–§81 (Cap.IV) · texto em português: D, f.1^a – D, f.28^a
- §81 (Cap.IV) – §123 (Cap.IX) · texto em francês: S, IV, f.84^d – S, IV, f.94^a
- §123– §128 (Cap.IX) · texto em português: DP, f.41^b – DP, f.42^d
- §129 (Cap.X) – §144 (Cap.XI) · texto em francês: S, IV, f.94^b – S, IV, f.97^c
- §145 (Cap.XII) – §169 (Cap.XIV) · texto em português: D, f. 48^b – D, f. 60^a
- §169 – §173 (Cap.XIV) · texto em francês: S², f.1^a– S², f.1^d
- §173 – §179 (Cap.XIV) · texto em português: D, f.61^d – D, f.64^b
- §179 – §183 (Cap.XV) · texto em francês: S², f.2^a – S², f.2^d
- §183 – §201(Cap.XVI) · texto em português: D, f.66^a – D, f.73^b
- §201 – §207 (Cap.XVI) · texto em francês: S, IV, f.97^d – S, IV, f.100^c
- §208 (Cap.XVI) – §276 (Cap.XXVII) · texto em português: D, f.77^c – D, f.102^d
- §277 (Cap.XXVII) – §363 (Cap.XXXIII) · texto em francês: S, IV, f.100^c – S, IV, f.117^b
- §364 (Cap.XXXIV) – §393 (Cap.XXXIV) · texto em francês: O, f.174^b – O, f.190^d

¹ BOGDANOW, Fanni, *La Version Post-Vulgate...*, Tome I, p. 556.

Identificámos 202 subtítulos em língua portuguesa e 185 em língua francesa. Outros manuscritos consultados na edição da *Queste Pseudo-Boron* de Fanni Bogdanow são:

- N: ms. B. N. fr. 343
- N¹: ms. B. N. fr. 340
- S³: Archivio di Stato, Bologna, fragmento francês no.7
- S⁴: Archivio di Stato, Bologna, fragmento francês no.7bis
- B: ms 105 da Biblioteca Bodmer
- T: ms. B. N. fr. 772
- De¹: *Demanda* castelhana, edição 1515
- De²: *Demanda* castelhana, edição 1535
- De³: *Demanda* castelhana, fragmento do ms de Salamanca
- F: edição Frappier da *Mort Artu* (Droz 1936)
- P: edição Pauphilet da *Queste*
- V: ms. B. N. fr. 120 (*Queste Vulgate* e *Mort Artu Vulgate*)
- V²: ms. Vatican, Palatinus 1967 (*Mort Artu Vulgate*)
- V³: Ravenna, Biblioteca Classense, ms. 454 (*Queste Vulgate*)
- V⁶: ms. B. N. fr. 342 (*Mort Artu Vulgate*)

Na parte do texto de QPB que interessa à nossa análise são contemplados os textos em francês do ms. B.N., fr. 112 (S), juntamente com o ms. B.N., fr. 116 (S1) e com a *Demanda* portuguesa (D)¹.

A localização do episódio das visões de Lancelot nos textos suporte da nossa análise é a seguinte:

¹ S, S1, D etc. são as siglas usadas por Fanni Bogdanow dentro do corpo da edição QPB para designar os testemunhos.

Sonhos de Lancelot

Testemunhos

ms. B.N. fr. 116	ff. 676v/col. I – 677v/col. II
QPB (ms. B.N.Viena 2594, pp. 270 – 297, §§ 198 – 210 (Cap. XVI <i>Songes de</i> ms. B.N. fr. 112 ¹))	<i>Lancelot</i>) pp. 270 – 276 Ms. 2594 (D), ff. 71c – 73b pp. 276 – 292 Ms. 112 (S), IV, ff. 97d – 100c pp. 292 – 297 Ms. 2594 (D), ff. 77c – 79 ^a
DP	ff. 71v/col. I – 79r/col. I

Em seguida, propomos o confronto da narrativa das visões de Lancelot tal como se relata nos textos referidos. O objectivo da análise comparativa consiste, principalmente, em salientar as diferenças de conteúdo entre as versões referidas e em avaliar, especialmente, a pertinência crítica das lições que transmite o ms. B.N. fr. 116. Segundo o mapa do episódio reflectido nos textos suporte, pode-se observar que a parte inicial (ms. B.N.Viena 2594, ff. 71v/col. I – 73r/col. II) e a parte final (ms. B.N.Viena 2594, ff. 77v/col. I – 79r/col. I) da edição QPB correspondem ao texto de DP. A parte intermédia encontra-se em francês (ms. B.N., fr. 112, ff. IV, ff. 97d – 100c). Por isso, distinguem-se, a nível destas partes, dois grupos de textos em confronto, ou seja, ms. 116 e QPB/DP. Repare-se na parte inicial da narrativa do grupo QPB/DP que, nos fólhos 676v/col. I – 677v/col. II do ms. 116, possui uma configuração diferente. Do ponto de vista formal, no ms. 116 evidencia-se a prática da organização do texto por título em tinta vermelha que sintetiza a matéria que será desenvolvida: *Comment messire Lancelot du Lac arriva a l'ermitage de l'Olivier Vermeil et la nuyt songia que Tristan e Yseult venoient a luy tans embrase du feu* (f. 676v/col. I).

Ms. 116

(Comment messire Lancelot du Lac arriva a l'ermitage de l'Olivier Vermeil et la nuyt songia Lancelot que Tristan et la royne Yseult venoient a luy tans embrase

QPB/DP

Perceval entra numa floresta onde encontra sob huñ carvalho huñ cavaleiro dormindo sobre seu scudo, e tiinha seu elmo e sua espada e sua lança cabo se ssi,

¹ Fanni Bogdanow usa a sigla D designando o ms. 2594 da Biblioteca Nacional de Viena e S designando o ms. Biblioteca Nacional de Paris fr. 112.

du feu) Lancelot põe-se a caminhar e chega a uma floresta, sempre acompanhado de um escudeiro; a um dado momento senta-se junto a um carvalho e adormece; acorda sem ter sonhado nada; em seguida, Lancelot continua a sua caminhada até chegar a *Olivier Vermeil* onde permanece sem ter visões nessa noite (f. 676v/col. I – II).

*e seu cavallo andava pacendo*¹; junto do cavaleiro estava uma donzela. O diálogo entre a donzela e Perceval deixa-nos entender que nenhum deles sabe quem é o cavaleiro dormindo. Afinal, Perceval reconhece Lancelot, mas, mais tarde decidirá divulgar o seu nome à donzela. Ao aproximar-se de Lancelot, Perceval acha estranho o seu comportamento durante o sono. A donzela insiste em acordá-lo, mas Perceval impede-a. É que Lancelot tem a primeira visão: a visão da linhagem: Lancelot vê o rio de onde surgem nove homens, sete já coroados, um oitavo homem sem coroa e cuja companhia não agrada a nenhum dos outros e um nono homem, muito mais formoso, que é depois coroado pelos anjos que vinham do céu; todos são levados para o céu, excepto o oitavo cujas obras más lhe impedem a participação numa tal glória.

(QPB: pp. 270 – 274, §§ 198 – 200 / *D* ou *DP*, f. 71v/col. I – 72r/col. II).

Chamamos a atenção para o cenário inicial da floresta, que tem mais do que um protagonista no grupo QPB/DP: é Perceval que entra na floresta onde Lancelot já estava a dormir sendo perseguido por uma donzela, enquanto que a versão conservada no ms. 116 parece substituir a donzela pelo escudeiro como companheiro de Lancelot. Perceval aparece mais tarde no enredo conservado no ms. 116. Tenham-se em atenção as

¹ DP, fol. 71v/col. I.

divergências de conteúdo que podem provar a derivação de uma versão das outras. Assim, em primeiro lugar, nota-se o afastamento entre o ms. 116 e QPB/DP a nível da distribuição dos protagonistas no cenário da floresta: ms. 116 regista Lancelot e o seu escudeiro enquanto que QPB/DP regista Lancelot, Perceval e a donzela. Em segundo lugar, constata-se que o ms. 116 muda o cenário da floresta. Aqui, Lancelot aparece num sono desprovido de visões, enquanto que QPB/DP regista uma versão em que ele tem as primeiras duas (de três) experiências oníricas. A primeira visão refere-se à sua linhagem e a segunda mostra-lhe Guenievre e os seus próprios pais. A redacção do ms. 116 não inclui a visão com a linhagem.

O único lugar indicado na redacção do ms. 116 em que Lancelot tem visões é *l'hermitage de l'Olivier Vermeil*, enquanto que QPB/DP divide o espaço da tripla experiência onírica de Lancelot: a floresta e a ermida da Oliveira Vermelha. Lancelot tem três visões, ou seja, a primeira visão com a linhagem e a segunda visão que se pode dividir, por sua vez, em duas etapas: na primeira, aparece a rainha Guenievre no inferno para onde Lancelot foi levado pelos demónios de Morgain; na segunda, Lancelot vê o paraíso onde estão os seus pais. Na versão QPB/DP, Lancelot encontra-se na floresta no momento em que tem estas duas visões e só ao chegar à ermida da Oliveira Vermelha é que volta a ter uma terceira visão com os pares adúlteros: *Yvains ly Avoultres com Tanonce, la royne de Horlande, la femme le roy Carados Briebras; Tristen ly biaux com la royne Yseult*. Ms. 116 afasta-se, neste segmento, do grupo QPB, não incluindo a visão com a linhagem e não mencionando a presença de Perceval na floresta. Este aparece mencionado na companhia de Lancelot no caminho para *I hermitage*: (f. 677r/col. II) *Si souvint a Lancelot du songe qu'il avoit fait a I hermitage que Perceval estoit avecques lui avant qu'il s'en alast I pou avant a Sarras avec Galaad qu'il emporta le Saint Graal et est tel le songe comme je le vous compteray*. (f. 677v/col. I) *Lancelot estoit I jour avecques Perceval en I hermitage*.

Em seguida, confrontamos os sonhos de Lancelot para se entender a relação que se pode estabelecer entre as diferentes redacções: Ms. B.N., fr. 116; QPB; DP.

As visões de Lancelot surgem na noite em que ele permanece na *ermitage de l'Olivier Vermeil*: numa primeira fase, Lancelot vê a rainha Guenievre que lamentava o dia em que o conheceu; numa segunda fase da visão, Lancelot encontra, numa horta, os seus pais que lhe censuram a conduta para com a rainha Guenievre e o aconselham a abandoná-la. Lancelot desperta, conta a visão ao eremita e confessa-se logo.

(§ 201, *texto em português*)

A segunda visão de Lancelot ocorre na *entrada da furesta*¹, onde Perceval o surpreende a dormir: Lancelot é levado ao Inferno pelos demónios que acompanham Morgain, a irmã de Artur. Para além dos gritos e dos choros dos pecadores, Lancelot encontra, aí, a rainha Guenievre sentada numa cadeira de fogo, despida, exibindo a língua, toda em fogo ardente, com uma coroa de espinhos na cabeça. Ao ver Lancelot, a rainha Guenievre começa a falar-lhe, lamentando o dia em que o conheceu e avisando-o das consequências do pecado cometido. Em seguida, Lancelot consegue libertar-se dos demónios de Morgain e entra numa horta onde estava representado o Paraíso. Aqui encontra os seus pais: o rei Ban de Benoic e a rainha Helaine de Benoic cujos nomes estavam gravados nas suas coroas. Tanto o rei como a rainha têm um discurso avisado perante Lancelot, censurando-lhe a conduta para com a rainha Guenievre e aconselhando-o a abandoná-la enquanto é possível. A rainha avisa Lancelot das graves consequências que pode sofrer não só ele, mas toda a linhagem. (§ 200, *texto em francês*) Ao acordar, Lancelot reconhece Perceval, que estava ao seu lado. Este afirma que tinha a intenção de

¹ QPB, § 198, p. 270; DP, f. 71v/col. I.

acordá-lo por causa da sua estranha atitude durante o sono. Lancelot conta-lhe, em poucas palavras, a estranha visão que teve.

Lancelot é acompanhado por Perceval; os dois cavalgam até a uma ermida, cujo nome não se menciona;

Em seguida, os dois cavaleiros tomam a decisão de cavalgar até a uma ermida.

(§ 203, *texto em francês*) Entretanto, a donzela é dispensada depois de Perceval lhe ter dito o nome do cavaleiro e Lancelot fica contente com esta despedida. Os dois cavaleiros continuam o caminho para a ermida, Lancelot sempre pensando na sua experiência. Perceval tenta acalmar o estado espiritual do seu companheiro.

(§ 204, *texto em francês: Comment messire Lancelot et Perceval chevauchent ensemble moult pensifz de l'advison de Lancelot*). Os dois cavaleiros cavalgam até à ermida da Oliveira Vermelha. Este nome tem origem na oliveira de folhas sempre vermelhas à porta da eremitério. Perceval anuncia a presença, naquele eremitério, de um dos melhores eremitas do país. (§ 205, *texto em francês*). O eremita acolhe os dois cavaleiros com muita cortesia. Aqui, Lancelot é dilacerado pelo seu drama íntimo: abandonar ou não a rainha Guenievre, confessar ou não o seu amor secreto. O eremita, embora saiba que é Lancelot o cavaleiro tão profundamente meditativo,

faz perguntas a Perceval sobre a causa da atitude do seu companheiro. Perceval não sabe responder, mas descreve-lhe o contexto em que o encontrou na floresta. (§ 206, *texto em francês: De la grant advision qui advint a Lancelot luy estant en l'ermitage, et des letres que Perceval son compaignon trouva en sa main*). O eremita elogia Perceval.

Nessa noite, Lancelot volta a ter a visão dos pares adúlteros: aparecem dois pares que remiam a culpa dos amores adúlteros: *Yvaings li Avoultres* com *Canance, la royne de Horlande la femme au roy Carados Briez Braz*; *Tristan li beaux* com *la royne Yseult*. No sonho Yseut dirige-se a Lancelot e toca-lhe na coxa com a mão; Yseut tem para com Lancelot o mesmo discurso avisado, no qual se refere ao seu amor por Guenievre.

Ao acordar, Lancelot sente uma dor infernal na coxa e pede auxílio a Perceval. Este e o eremita rezam para que Lancelot fique curado; Perceval pega na água benta e lava a parte da coxa em que Yseut tocou; a dor desaparece.

Lancelot confessa-se ao eremita; permanece na ermida dois dias em orações, depois regressa à corte. (f. 677v/col. II).

De noite, Lancelot volta a ter a visão dos amores adúlteros: aparecem dois pares adúlteros que lamentam a culpa dos seus amores: *Yvains ly Avoltres* com *Tanonce, la royne de Horlande, la femme le roy Carados Briebras*; *Tristen ly biaux* e *la royne Yseult*. Eles representam a imagem do sofrimento do inferno como consequência do amor adúltero. O discurso de Yseut contém o mesmo conselho: abandonar a conduta com a rainha Guenievre; em seguida, dirige-se a Lancelot e toca-lhe na coxa. Ao acordar, Lancelot sente uma dor infernal na coxa e pede auxílio a Perceval. Este, por virtude da sua santidade, ao tocar-lhe na ferida, cura-o. Para Perceval, torna-se claro que as visões estranhas que Lancelot experimenta são provas de pecados secretos, por isso aconselha Lancelot a confessá-los. O eremita dá-lhe o mesmo conselho. (§ 207, *texto em francês*). Os três ficam espantados com a maravilha

que aconteceu a Lancelot.

(QPB: pp. 274–288, §§ 201–206;

D: ff. 73a–73b,

S: IV, ff. 97d-100a / DP: ff. 73r/col. I –

77r/col. II).

Embora de uma forma necessariamente não tão exaustiva, procuraremos mostrar como se relacionam os enredos das versões conservadas nestes testemunhos nesta parte. Como já referimos, o texto da edição que usamos de QPB reproduz a nível do episódio dos sonhos dois testemunhos principais, ou seja, o ms. 2594 da Biblioteca Nacional da Viena, designado por Fanni Bogdanow no corpo do texto por *D* ou *Demanda* portuguesa e o ms. B.N., fr.112, designado por *S*; é ainda usada, de forma que não deixa de ser significativa, um terceiro testemunho, o ms. 116, designado por *S*¹. A repartição da matéria tem a forma seguinte: QPB inclui literalmente DP na parte inicial do episódio contendo a primeira visão de Lancelot, com a linhagem, não contemplada no ms. 116 e continua na língua do testemunho ibérico até à narrativa da segunda visão com a rainha Guenievre e com os pais de Lancelot, mais especificamente, até à descrição de Guenievre no inferno. Em seguida, a editora de QPB inclui a versão do ms. B.N., fr.112, interpolando outra vez texto na língua do testemunho ibérico na parte que já não diz respeito à matéria do ms. B.N., fr. 116. Este contempla os sonhos sem desenvolver a continuação da caminhada dos dois cavaleiros depois da estadia na ermida. A este aspecto referir-nos-emos adiante¹. É importante matizar as divergências a nível de conteúdo e averiguar a pertinência das variações que dizem respeito à parte comum contemplada nos três testemunhos, ou seja, à visão com a rainha Guenievre e com os pais e à visão com os pares adúlteros. A editora de QPB, na parte inicial da narrativa da visão com a rainha Guenievre e com os pais, inclui o texto do ms. 2594 B.N.Viena (*D*), e muda de manuscrito na parte em que se começa a descrever a rainha Guenievre no inferno, ou seja, continuando com o ms. B.N., fr. 112 (*S*).

Relativamente aos testemunhos da *Queste Pseudo-Boron* que constituem a edição de Fanni Bogdanow, é importante reparar nos vários níveis da escrita que neles

¹ Cf. infra, Cap. I. 2. 4. O regresso de Boorz à corte.

se conservam. Por isso, propomos uma análise de conteúdo entre os testemunhos aqui incorporados.

A primeira observação diz respeito à questão do lugar em que Lancelot se encontra no momento em que tem a visão com a rainha Guenievre e com os próprios pais: o ms. 116 regista a ermida da Oliveira Vermelha e QPB/DP, a floresta. Ms. 116 não inclui a descrição de Morgain e dos seus demónios, parte existente em QPB/DP, e passa rapidamente a apresentação da rainha Guenievre no inferno.

No segmento narrativo da aparição dos diabos de Morgain, a edição de QPB¹ usa DP, e, depois, a partir da descrição da rainha Guenievre, no inferno, retoma o texto do ms. B.N., fr. 112 (S), que se cruza com o texto do ms. 116 que aqui analisamos. Daqui resulta a importância do confronto entre as variações que apresentam os três textos:

- (1) Ms. 116 (ff. 676v/col. II): ***Il veoit venir la royne Genievre toute nue et tenoit ses mains contre son pis et estoit toute eschevelee et avoit la langue traicte hors de la bouche et ardoit la langue mesmes si cler comme se ce fust I gros cierge***

QPB (§ 201, pp. 275-276) (D+S): [D, f. 73b] ***E ele catava na cova e viia hũa gram cadeyra de fogo asi acesa como se hi ardese todo o fogo do mundo, e em meo daquelle fogo hũa cadeyra em que siia a rrainha Genevra toda nua.*** [S, IV, f. 97d] *Et tenoit ses mains contre son pis, et estoit toute eschevelee et avoit la langue traite hors de la bouche **merveilleusement** et ardoit **et luisoit la lengue mesmes si cler com si ce feust ung cierge ardant.***

DP (f. 73r/col. II): ***E ele catava na cova e viia ãa gram cadeira de fogo assim acesa como se i ardese todo o fogo do mundo. E em meo daquele fogo ãa cadeira em que siia a rainha Genevra toda nua e suas mãos ante seu peito; e siia escabelada e havia a lingua tirada fora da boca e ardia-lhe tam claramente como se fosse ãa grossa candea;***

A versão sintética *Il veoit venir la royne Genievre toute nue*, surgida no ms. 116, sugere a singularização deste esquema narrativo em relação aos outros textos. Este

¹ Utilizamos a sigla S para designar o ms. B.N. fr., 112, e DP, designando o ms. B.N.Viena, 2594, incluídos na edição QPB.

sintetismo poderia explicar-se também através do carácter antológico deste fragmento no corpo dos mss. B.N., fr. 113-116. Assinale-se a omissão do advérbio *merveilleusement* e do segmento sintáctico *et luisoit* no ms. 116 e em DP, o que os afasta de S. Este facto leva-nos a considerar a proximidade entre ms. 116 e DP. Já que aludimos à proximidade entre o testemunho francês e o português, é sintomática a referência à tradução literal do francês *gros cierge* do ms. 116 por *grossa candea* em DP, a qual se distingue da opção *cierge ardant* de S. Quanto a esta variação lexical de DP, pode avançar-se a hipótese de que o tradutor/redactor tenha evitado a repetição de termos da mesma família lexical (“ardia”, “ardente”) recorrendo a um outro adjetivo (“grossa”), assim como se nota também na opção do ms. 116. Pode ser interpretada como solução de tradução aplicada às necessidades da língua. Ou tratar-se-ia mesmo de uma tradução literal. Verifica-se ainda no testemunho português a omissão do segmento *et luisoit la langue mesmes* que, como vimos, é também, em parte, omitido no ms. 116. De referir, ainda, o lugar do episódio dos sonhos de Lancelot que *correspond à une partie de la **Queste P-V** dont les seuls autres témoins sont S et D (§§ 201, 206)*¹. Estas observações vêm ao encontro da conclusão de Fanni Bogdanow: *Le petit fragment de S1... s'apparente textuellement à D plutôt qu'à S. Il n'a aucune erreur en commun avec S. Par contre, il s'accorde fréquemment avec D contre S*².

(2) Ms. 116 (f. 676v/col. II): *et elle avoit sur sa teste une couronne d'espines*

DP (f. 73r/col. II): *e havia na cabeça ãa coroa de espinhas*

QPB (§201, p. 276 = S, IV, f. 97d): *Et elle avoit une couronne en sa teste d'espines*

DP concorda ainda com o ms. 116 contra S que confere uma sintaxe diferente no segmento acima assinalado.

(3) Ms. 116 (676v-677r): [676v/col. II] *qui ardoient si cler que merveilles estoit de les veoir. Et elle mesmes [677r/col. I] ardoit de toutes pars la ou elle se seoit...*

¹ BOGDANOW, Fanni, *La Version Post-Vulgate...*, Tome I, p. 277.

² Idem.

QPB (§201, p. 276 = S, IV, f. 97d): *qui ardoit si cler que c'estoit merveilles a veoir. Et elle gitoit toutes voies ung plaing, car elle mesmes ardoit de toutes pars la ou elle se seoit...*

DP (f. 73r/col. II): *que ardia a gram maravilha e ela meesma ardia de todas partes ali u siia...*

Quanto à frase citada, Fanni Bogdanow considera que se trata de um salto do mesmo ao mesmo *gitoit toutes voies ung plaing, car elle*¹ no grupo ms. 116/DP. É de salientar ainda que a porção que a investigadora britânica classifica como omitida no grupo ms. 116/DP se encontra, de facto, na frase seguinte². Este facto leva-nos a considerar que se trata apenas de uma sintaxe diferente ou de uma opção de tradução da parte do texto português ou, ainda, de uma opção de sintaxe no caso da redacção conservada no ms. 116. Assim sendo, repare-se no segmento *gitoit toutes voies ung plaing, car elle* que seria omitido no grupo ms. 116/DP, segundo Fanni Bogdanow, mas que, todavia, encontraremos, na seguinte forma:

- (4) Ms. 116: *qui ardoient si cler que merveilles estoit de les veoir. Et elle mesmes ardoit de toutes pars la ou elle se seoit. Mas elle gectoit toutes voies ung plaing // si grand et si douloureux cry....*

DP: *que ardia a gram maravilha. E ella meesma ardia de todas partes ali hu siia. Mas ela fazia ãũ doo tam grande e dava ãas vozes // tam grandes e tam dooridas...*

QPB (S): *qui ardoit si cler que c'estoit merveilles a veoir. Et elle gitoit toutes voies ung plaing, car elle mesmes ardoit de toutes pars la ou elle se seoit et gictoit ung douloureux cris...*

¹ BOGDANOW, Fanni, *La Version de la Post-Vulgate...*, Tome I, p. 277.

² Ms. 116: *qui ardoient si cler que merveilles estoit de les veoir. Et elle mesmes ardoit de toutes pars la ou elle se seoit. Mas elle gectoit toutes voies ung plaing // si grand et si douloureux cry....*

DP: *que ardia a gram maravilha. E ella meesma ardia de todas partes ali hu siia. Mas ela fazia ãũ doo tam grande e dava ãas vozes // tam grandes e tam dooridas...*

É relevante objectar o salto do mesmo ao mesmo do segmento referido.

De notar, ainda, a proximidade entre o ms. 116 e DP a nível da sintaxe na frase citada, quanto à construção da subordinação das frases, ou seja, o uso da conjunção adversativa *mas* registado nos dois textos, enquanto que em S ocorre a conjunção copulativa *et*. Repare-se ainda no segmento *si grant et si* do ms. 116, ao qual corresponde *tam grandes e tam* em DP, mas também omitido em S.

Por outro lado, DP não regista a frase *si cler que merveilles estoit de les veoir* que o ms.116 e S (3) conservam com uma diferença de regime preposicional e pronominal, ou seja, o uso da preposição *de* e da forma pronominal *les* no ms. 116, enquanto que S regista a preposição *a* e o pronome *ce* que pode explicar a ocorrência de *les* no ms. 116.

O registo das formas verbais difere muito nos dois testemunhos franceses, isto é, ao plural da forma verbal *ardoient*, registado no ms. 116, corresponde o singular *ardoit* em S. Tenha-se em atenção também, na frase *Et quant elle veoit Lancelot...* do ms. 116, a forma verbal *veoit*; S regista *voit* e DP *viia*. Relativamente a esta forma verbal (*veoit*) corrente no ms. 116, Fanni Bogdanow¹ chama a atenção para a concordância dos tempos que aproxima DP do ms. 116 no registo da forma *podia/povoit* enquanto que S conserva *puet*: *Et quant elle veoit Lancelot, elle ne se povoit tenir...* (ms. 116, f. 677r/col. I).../ *E quando viia Lançarot nom se podia sofrer...* (DP, f. 73v//col. I) / *Et quant elle voit Lancelot, elle ne se puet tenir ...*(S, IV, f. 98a = QPB, §201, 276).

Ms. 116 regista as duas formas adverbiais *mar* (< *mala hora*)² atestada mais antiga, ao contrário de S que usa exclusivamente a forma *mal* (< *male*)³: *Ha! Lancelot, tant mar vous vy!* (ms. 116, f. 677r/col. I); *Ha! Lancelot, tant mal vous vy!* (S, IV, f. 98a = QPB, §201, p. 276), e DP conserva uma lição divergente das duas primeiras, que se poderia explicar através do processo de tradução: *Ai, Lançarot! Tam maa foi o dia em que vos eu conhoci!* (f. 73v/col. I). É ainda de salientar que ms. 116 usa também a forma adverbial: *mal (la royne Genievre qui mal fu nee:* ms. 116, f. 676r/col. II / *la royne Genievre, qui mal fut nee:* S, IV, f. 98b = QPB, § 201, p. 279).

Verifica-se a nível desta fracção uma ocorrência de lições divergentes entre o ms. 116 e S que poderiam aclarar a filiação entre o testemunho português e os outros

¹ BOGDANOW, Fanni – *La Version Post-Vulgate...*, Tome II, notas 7, 8, p. 276.

² LAGE, Guy Raynaud de, *Manuel pratique d'ancien français*, préface de G. Gougenheim, Paris, Picard, 1983, p. 199.

³ Idem, p. 139.

textos franceses. Assim, indica-se uma série de sintaxes divergentes, opções lexicais, omissões, acrescentos, divergências textuais detectadas nos três testemunhos:

- (5) Ms. 116 (f. 677r/col. I): ***douleur** grant; **ou en** greigneur;*
DP (f. 73v/col. I): *grande **coita**; **ou em** maior;*
S (IV, f. 98a = QPB, §201, p. 276): *grant **douleur**; ou greigneur*

Na sua edição da *Queste Post-Vulgate*¹ (Chapitre XIV, *Songes de Lancelot*, §§198-210, pp. 270-297), Fanni Bogdanow chama a atenção para as divergências lexicais, sintáticas e textuais que se encontram nestes três únicos testemunhos em que se conserva a matéria dos sonhos de Lancelot.

Consideramos, todavia, significativo que as referências das notas de rodapé da edição QPB não apurem todas as problemáticas aqui assinaladas e, desta forma, justificamos o elenco destes segmentos.

Propomos uma organização dos itens divergentes entre estes três testemunhos para entender qual a relação que se pode estabelecer entre as lições conferidas. Repare-se na seguinte frase registada por S e DP. Ms. 116 destaca-se pelos registos lexicais e sintáticos diferentes:

- (6) Ms. 116 (f. 677r/col. I): *Ce me poise **durement** car **pour vous** je **me** suis dampnee et mise en la douleur d'enfer. Ne voulsisse pas autretel de vous, ains voulsisse s'il pleust a Nostre Seigenur que vous ja **en** sceussies la grant douleur que **pour** vous endure.*

S (IV, f. 98a = QPB, §201, p. 276): *Ce me poise **moult**, car **pour ce**, je suis dampnee **pour vous** et mise en la douleur d'enfer, ne voulsisse **je** pas autretel de vous, ains voulsisse, s'il pleust a Nostre Seigneur, que vous ja **ne** sceussiez la grant douleur que **je par** vous endure.*

DP (f. 73v/col. I): *e pesa-me **muito**, ca pero eu som perduda e metuda em gram coita do Inferno, nom querria que aveesse assi a vos, ante querria que aveesse a mim, se Deus aprouvesse.*

¹ Como já referimos, é designada por nós QPB.

DP omite o segmento *que vous ja en sceussies la grant douleur que pour vous endure* (ms. 116) / *que vous ja ne sceussiez la grant douleur que je par vous endure* (S). Ms. 116 regista o advérbio *durement* onde os outros textos usam *moult* / *muito*. Continuemos:

- (7) Ms. 116 (f. 677r/col. I): *Telles parolles disoit la royne **Genievre** a Lancelot **et** lui estoit advis la ou il dormoit **qu'**il estoit tant doulant de ceste chose qu'il voulcist bien mourir tout maintenant.*

S (IV, f. 98a = QPB, §210, p. 277): *Tieulx paroles disoit la royne a Lancelot, ce luy estoit advis, la ou il **se** dormoit. **Et** il estoit tant dolent de ceste chose qu'il voulsist bien morir tout maintenant.*

DP (f. 73v/col. I): *Esto dizia a rainha **Genevra** a Lançarot **e** assi lhe semelhava ali u dormia. E havia ende tam gram pesar que bem querria seer morto ali logo.*

Verifica-se a proximidade entre o ms. 116 e DP na ocorrência do nome próprio da rainha *Genevre*, omitido por S e no uso da conjunção copulativa *e*, enquanto que S regista a forma pronominal *ce*. Em seguida, o ms. 116 afasta-se tanto de DP como de S, registrando uma sintaxe de subordinação (*qu'*), enquanto que os outros textos conservam uma de coordenação copulativa (*et/e*).

- (8) Ms. 116 (f. 677r/col. I): *ung jardin le plus bel et le plus delectable qu'il oncques eust veu **en sa vie** et le veoit si bel et si gent **et si bien actire** qu'il lui ressembloit merveilles et ilz estoient tous si joieulz et si envoisiez comme si chacun eust **ce qu'**il peust penser.*

S (IV, f. 98a = QPB, §201, p. 277): *ung jardin le plus bel et le plus delectable qu'il oncques eust veu **jour de sa vie**, et la veoit si belle gent que ce luy sembloit merveille; et ilz estoient si joyeux et si envoysié com si chascun eust **quant qu'**il peust penser.*

DP (f. 73v/col. I): *ũa horta, a mais fremosa e a mais viçosa que nunca vira. E viia gente tam fremosa e tam bem guarnida que maravilha era. E lhe semelhava que eram todos tam ledos e tam viçosos come se cada ãũ houvesse o que podesse pensar.*

Quanto a esta fracção, Fanni Bogdanow confirma a proximidade entre o ms. 116 e DP. S não regista o segmento *et si bien actire/e tam bem guarnida*. A investigadora encontra, contudo, no ms. 116 «une erreur de copiste qui ne se retrouve pas dans D: *et le veoit si bel et si gent pour et la veoit si belle gent (e viia gente tam fremosa)*¹.

DP omite o segmento *en sa vie (ms. 116)/jour sa vie (S)*.

DP aproxima-se do ms. 116 (*ce qu'*) registando o relativo *o que*, enquanto que S conserva *quant qu'*.

O critério da sintaxe aplica-se à análise entre o ms. 116 e S, sendo os dois testemunhos franceses. Sendo DP uma versão galego-portuguesa traduzida do francês, não deverá ser analisada por critérios de sintaxe, necessariamente alterada pelo próprio acto de tradução².

Chamamos a atenção para uma série de lições que põem questões de acrescentos ou omissões nos três testemunhos, ou opções de registos diferentes indicadas pelo acto de tradução no caso específico do texto português. Fanni Bogdanow assinala, em notas de rodapé, na sua edição QPB, estas variações, referentes a este fragmento. É evidente que os comentários de nota de rodapé constituem apenas transcrições de lições e variantes, daí o desenvolvimento das problemáticas aferentes e o aumento das questões pertinentes que não foram incluídas nestas notas.

(1) Ms. 116 (677r/col. I): *merveilles a la voir*

S (IV, f. 98a = QPB, § 201, p. 277): *merveilles a veoir*

DP (f. 73v/col. II): *que maravilha era de como parecia*

(2) Ms. 116 (677r/col. I): *autres qui ne actendoient fors qu'a joie mener*

S (IV, f. 98a = QPB, § 201, p. 277): *autres qui n'entendoient fors a joye mener*

DP (f. 73v/col. II): *outros, que nom entendiam senam em goivo e em ledice fazer*

¹ BOGDANOW, Fanni, *La Version Post-Vulgate...*, Tome I, p. 278.

² GAFTON, Alexandru, *După Luher. Traducerea vechilor texte biblice*, Iași, Editura Universității „Alexandru Ioan Cuza”, 2005, p. 15.

É de notar que Fanni Bogdanow regista uma lição diferente da forma verbal *actendoient* do ms. 116, notando a grafia *attendoient*¹. Uma segunda observação quanto a este segmento atinge uma problemática textual: os textos conservam no mesmo contexto verbos diferentes. Assim, verifica-se que S e DP conservam o mesmo verbo (*entendoient/entendiam*), enquanto que o ms. 116 usa *actendoient*.

- (3) Ms. 116 (f. 677r/col. I): *une couronne moult belle et moult riche*
 S (IV, f. 98a = QPB, § 201, p. 277): *une coronne **d’or** moult belle et moult riche*
 DP (f. 73v/col. II): *ũa coroa **d’ouro** mui fremosa e mui rica*

Ms. 116 omite neste segmento a parte *d’or* que tanto S como DP registam.

- (4) Ms. 116 (f. 677r/col. I): *en celle couronne estoit escript: Ceste fut **au** roy Ban de Benoyc. Et y avoit apres une **dame** couronnee autresi comme il estoit et y avoit lectres en sa couronne qui disoient: Ce est Helaie qui jadis fut royne de Benoic.*

S (IV, f. 98a = QPB, § 201, p. 277): ***et** en celle coronne estoit escript: Cy fu **le** Roy Ban de Benoic. Et dejoste avoit une **damoiselle** coronnee tout autressi com il estoit, et avoit lectres en sa coronne qui disoient: C’est Helaine qui fut jadis royne de Benoic.*

DP (f. 73v/col. II): ***e** jazia em ela escrita: “Este foi rei Bam de Benoic”. E cabo dele estava ũa **dona** outrossi coroadada e havia leteras na coroa que diziam: “Esta é Elena, que foi rainha de Benoic”.*

Neste fragmento, o ms. 116 afasta-se, por um lado, do grupo S/DP, omitindo a conjunção copulativa *et* e registando o regime preposicional do sintagma nominal *au roy Ban de Benoic*, e, por outro, aproxima-se de DP contra S notando *dame/dona* e não *damoiselle*. DP omite o advérbio *jadis* que o ms. 116 e S conservam.

- (5) Ms. 116 (f. 677r/col. I): *Lancelot qui bien avoit ouy dire que ses peres avoit este appelle le roy Ban de Benoic et sa mere la royne Helaine de Benoic, quant ilz*

¹ BOGDANOW, Fanni – *La Version de la Post-Vulgate...*, Tome II, note 21, p. 277.

*veoit les lectres il se mectoit avant et disoit au roy: - Ne feustes vous mes peres? Et le roy lui **respondit dont**:*

S (IV, f. 98a = QPB, § 201, pp. 277-278): *Lancelot qui bien avoit oy dire que son pere avoit esté appellé le roy Ban de Benoic et sa mere la royne Helaine de Benoic, quant il **voit lez lectres, si se mectoit avant et disoit au roy: - Sire, ne fustes vous mes peres ? Et le roy ly responnoit adont**:*

DP (f. 73v/col. II): *E Lançarot, que bem ouvira dizer que seu padre houvera nome rei Bam de Benoic e sua madre Elena, quando **vio as leteras, disse a el-rei: - Senhor, nom fostes vos meu padre? E el-rei respondeo**:*

Chamamos a atenção para o registo da conjunção copulativa *e* em DP e a sua omissão em S e no ms. 116; a ocorrência constante da forma verbal *voit* em S, correspondendo-lhe *vio* em DP e *veoit* no ms. 116; a lição *si* de S opõe-se a *il* do ms. 116. Este elemento não encontra correspondente em DP. Ms. 116 afasta-se de S e DP ao omitir o apelativo honorífico: *Sire/Senhor*, mas encontra-se com DP no registo da forma verbal: *respondit/respondeo*. DP omite *dont/adont*.

- (6) Ms. 116 (f. 677r/col. II): *et te es mis **ou** service de **l'ennemy** et en ces lieux. **Ceans** ou nous sommes n'as tu riens car **ce** lieu et **ce** siege est ja appareillies en la maison d'enfer avecques la royne Genievre qui **t'a trayne** a la pardurable mort d'enfer **et tu elle**. Si entre vous deux ne laisses le pechie que vous aves maintenu long temps encontre Dieu et encontre Sainct Eglise.*

S (IV, f. 98a = QPB, § 201, p. 278): *et t'es mis **en** servise de **l'ennemy**. **Ceans** ou nous sommes n'as-tu riens, car **ton** lieu et **ton** siege est ja appareilliés en la maison d'enfer avec la royne Genievre, qui **t'a mené** a la pardurable mort d'enfer, **et tu luy**, si entre vous .ii. ne laissez le pechié que vous avés maintenu long temps encontre Dieu et encontre Sainte Eglise.*

DP (f. 73v/col. II): *e foste-te meter em poder e **em** serviço do demo e **em seu laço**. Aqui u nós somos nom has tu rem de adubar, ca **teu** lugar e **tua** seeda esta na casa do Inferno com a rainha Genevra, que te adusse aa morte perduravel **tu***

e ela, se vos antes nom leixades o pecado que ataa aqui mantevestes contra Deus e contra a Santa Egreja.

Verifica-se neste fragmento a proximidade repetida entre o ms. 116 e DP. Assim, o ms. 116 e DP registam o segmento *et en ces lieus/e em seu laço* e a forma pronominal *elle/ela*, enquanto S omite o segmento referido e prefere o pronome *luy*. No entanto, a um outro nível, o ms. 116 distingue-se de S e DP, registando o relativo *ce* no segmento *ce lieu e ce siege*, enquanto S e DP conservam o possessivo *ton lieu et ton siege/teu lugar e tua seeda* ou usando a estrutura nominal *ou service* quando S e DP conservam *en servise/em serviço*. Assinalamos uma divergência lexical nos textos franceses: ms. 116 usa o verbo *trayne*, enquanto S apresenta *mené*. O texto português utiliza o equivalente *adusse*.

(7) Ms. 116 (f. 677r/col. II): *Et pour loial t'es mis en la queste du Saint Graal que tu n'y avras se honte non si t'en surviendra se tu ne laisse ce pechie. Quant le roy, son pere, lui avoit ce dit, lors sailli avant la royne Helaine*

S (IV, f. 98a = QPB, § 201, p. 278): *Et pour neant t'es mis en la queste du Saint Graal, que tu n'y trouveras si honte non, [IV, f. 98b] qui te surviendra si tu ne laisses cellui pechié. Quant le roy, son pere, ly avoit ce dit, lors sailloit avant la royne Helaine.*

DP (f. 74r/col. I): *Em vão entraste na demanda do Santo Graal e tu nom acharas i senam honta que sobre ti vinra se te nam quitas deste pecado. Tanto que el-rei seu padre lhe esto disse, chegou-se a raia Elena*

Aqui estamos perante elementos lexicais comuns a S e DP e diferentes dos que o ms. 116 regista: ms. 116 afasta-se do grupo S e DP registando o vocábulo *loial* no mesmo contexto em que S e DP usam *neant/vão*; a forma verbal *avras* enquanto que S e DP conservam *trouveras/acharás* e o elemento *si* enquanto que S e DP utilizam o elemento de subordinação *qui/que*.

A nível dos textos franceses, Fanni Bogdanow¹ chama a atenção para as lições diferentes da forma do pronome demonstrativo *ce* no ms. 116 e *cellui* em S ou a forma verbal *sailli* no ms. 116 e *sailloit* em S que corresponde à forma *chegou-se* em DP. A correspondência das formas dos tempos verbais atestada por DP e o ms. 116 leva-nos a considerar a proximidade entre estes textos.

(8) Ms. 116 (f. 677r/col. II): *Filz, **mar** te portasse je oncques qui des bonnes graces et de bonnes mors que le Createur du monde t'avoit octroiees **as suivy** l'ennemy jusques cy.*

S (IV, f. 98b = QPB, § 201, p. 278): *Filz, **mal** te portasse je onques, qui des bonnes graces et des bonnes meurs que le Createur du monde t'avoit octroyees **as servi** l'ennemy **du Createur** jusques icy.*

DP (f. 74r/col. I): *Filho, em mao ponto te trouxe, pois que com quanto bem e com quantas boas manhas te Deus deu **serviste** o demo até aqui.*

O cotejo deste segmento, a nível dos três textos, mostra as variações entre a proximidade entre S e DP, tal como a proximidade entre o ms. 116 e DP. Repare-se, por um lado, no registo da estrutura nominal *du Createur* em S e a sua omissão tanto em DP como no ms. 116, e por outro, note-se o registo da forma verbal *as servi/serviste* em S e DP, correspondendo-lhe a forma *as suivy* no ms. 116. De referir, ainda, a ocorrência da forma *mar* no ms. 116 e *mal* em S.

(9) Ms. 116 (f. 677r/col. II): *Filz, Dieu t'avoit **fait plus** beau que autre chevalier et ta beaulte est si perdue que tu l'as **du tout mise et gastee** au service de l'ennemy et t'es acointe de la royne Genievre qui mal fu nee et l'as maintenue long temps encontre Dieu **et encontre raison** et encontre droit.*

S (IV, f. 98b = QPB, § 201, pp. 278-279): *Filz, Dieu t'avoit **fait plus** bel que autre chevalier et ta beauté est perdue que tu l'as **mise du tout** ou servise de*

¹ BOGDANOW, Fanni, *La Version de la Post-Vulgate...*, Tome II, notas 35, 36, p. 278.

*l'ennemy et t'es acointés de la royne Genievre, qui mal fut nee, et l'as meintenue long temps encontre Dieu **et encontre raison** et encontre droit.*

DP (f. 74r/col. I): *Filho, deus te fecera fremoso e de melhor doairo que outro cavaleiro, e tua beldade **e teu doairo** sam perdudos, ca meteste todo em serviço do demo quando te ajuntaste com a rainha Genevra, que em mau ponto foi nada, e es gram tempo com ela contra Deus e contra direito.*

É de salientar que Fanni Bogdanow opta por corrigir a lição de S (*fait le plus*)¹ pela lição do ms. 116 e DP: *fait plus/te fecera fremoso*. Uma segunda observação pode-se fazer a nível do texto do ms. 116 onde se observa uma inversão e um acrescento lexical face à variante que se encontra em S e DP: *du tout mise // mise du tout/meteste todo; et gaste*. DP omite a parte *et encontre raison* e acrescenta *e teu doairo*.

- (10) Ms. 116 (f. 677r/col. II): *mectra **en aussi** grant douleur*
S (IV, f. 98b = QPB, § 201, p. 279): *mectra **en autressi** grant douleur*

Neste segmento, assinalamos a correcção da lição de S² (*mectra entres autressi*) pela variante do ms. 116.

- (11) Ms. 116 (f. 677r/col. II): *Filz, tu es mors et honnis **et cil pechie** si tu le laisse te fera mourir a si grant **a si grant** deshonneur que tous cilz de **la** parente qui en vie sont y avront honte.*

S (IV, f. 98b = QPB, §201, p. 279): *Filz, tu es mors et honis se tu ne laisses **cest pechiés**. Il te fera morir a si grant deshonneur que touz ceulx de **ton** parenté qui en vie sont y avront honte.*

DP (f. 74r/col. I): *Filho, tu es morto e escarnido, **e aquel pecado**, se o nom leixas, te fera morrer em tam gram desonra que todos do **teu** linhagem que vivos seram, seram ende desonrados.*

¹ Idem, nota (o), p. 279.

² Idem, nota (p), p. 279.

Ms. 116 concorda com DP contra S na sintaxe da primeira parte do segmento citado. Mas, enquanto DP e S empregam o possessivo *ton/teu*, ms. 116 usa o artigo definido *la*. Pressupõe-se um descuido do redactor na repetição do segmento: *a si grant* no ms. 116, assim como a negação *ne* parece ter sido substituída (ou omitida) por *le*, como resultado da mesma desatenção.

(12) Ms. 116 (677r/col. II): *et si en a le delitz asses este briefz et petits, car de luxure est telle l'apparence que les deliz en est assez briefz et la paine et douleur en est pardurable*

S (IV, f. 98b = QPB, § 201, p. 279): *et si en a le delit esté assés brief [et petis, car de luxure est telle l'apparence que le deliz en est assez briefz] et la peine et la douleur en est pardurable*

DP (f. 74r/col. I): *por pouco sabor e por pequeno que tu ende houveste, ca atal é a pendenza deste pecado que o sabor é mui pequeno e a cuita e a door é perduravel*

Este fragmento põe em causa problemáticas textuais. Fanni Bogdanow dá prioridade ao ms. 116 ao classificar a lição de S deficiente. Assim, verifica-se, segundo a leitura da investigadora britânica, em S, um salto do mesmo ao mesmo no segmento acima assinalado entre parentes rectos. Indica-se a lição seguinte em S¹: *et si en a le delit esté assés brief // et la peine et la douleur en est pardurable* e detecta-se claramente um salto do mesmo ao mesmo ao confrontar as versões do ms. 116 e DP. De referir, ainda, a sintaxe diferente no segmento seguinte: *asses este* (ms. 116)/*esté asses* (S) e a omissão do artigo definido *la* no ms. 116.

(13) Ms. 116 (f. 677r/col. II): *tu t'es tant meffait et a Dieu et au monde*

S (IV, f. 98b = QPB, § 201, p. 279): *tu t'en es tant mesfait envers Dieu et au monde*

DP (f. 74r/col. II): *ca certas muito i erraste contra Deus e contra o mundo*

¹ BOGDANOW, Fanni, *La Version Post-Vulgate...*, Tome II, nota q, p. 279.

Assinala-se no ms. 116 a omissão de *en* que S e DP registam. No aspecto da concordância preposicional, ms.116 e DP aproxima-se, ao usar um regime preposicional único (*et-et/contra-contra*) enquanto que S regista: *envers-et*.

Apuramos a problemática das lições e variantess que o ms. 116, S e DP apresentam nesta parte e entendemos que há uma significativa proximidade entre o ms. 116 e DP. Em seguida, verifica-se o afastamento entre o ms. 116 e o grupo S/DP a nível do conteúdo e torna-se significativo retomar a problemática dos enredos divergentes desta parte narrativa. Como vimos, em S e DP, Lancelot encontra-se na floresta e, aí, tem uma primeira visão com a linhagem e uma segunda, com Guenievre e com os seus próprios pais, enquanto que o ms. 116 apresenta um cenário diferente a nível da localização, ou seja, Lancelot, só ao chegar à ermida da Oliveira Vermelha, onde é acolhido por um eremita e onde pernoita, tem a segunda visão em que aparecem Guenievre e os seus próprios pais. Em seguida, o ms. 116 apresenta Lancelot a acordar e a relatar tais visões ao eremita e, depois, a confessar-se imediatamente perante este, enquanto que S e DP expõem o seguinte cenário: Lancelot na floresta, durante o sono, tem as primeiras duas visões. Não aludimos à primeira visão em que aparece a linhagem porque não está incluída no ms. 116 e, tanto S como DP apresentam cenários similares.

Consideramos, todavia, pertinente referir a parte final da segunda visão que Lancelot tem, na floresta, em S/DP e, na ermida da Oliveira Vermelha, no ms. 116. Ou seja, o grupo S/DP expõe uma versão em que Lancelot, ao acordar, vê Perceval e mantém com este um breve diálogo confessando-lhe, em poucas palavras, a estranha experiência que teve. Depois, os dois cavaleiros cavalgam juntos até à ermida da Oliveira Vermelha onde Lancelot tem, nessa noite, uma terceira visão. É a visão em que lhe aparecem os pares adúlteros. O grupo S/DP insere o diálogo entre Perceval e uma donzela que tinha perseguido Lancelot até à floresta querendo descobrir o nome deste. Esta porção é omitida no ms. 116. No entanto, o fio narrativo desenrola-se, em seguida, da forma seguinte, no ms. 116: depois de se ter confessado perante o eremita, Lancelot parte da Oliveira Vermelha. O esquema narrativo introduz-se desta forma: (f. 677r/col. II) *Si souvint a Lancelot du songe qu'il avoit fait a I hermitage que Perceval estoit avecques lui avant qu'il s'en alast I pou avant a Sarras avec Galaad qu'il emporta le Saint Graal et est tel le songe comme je le vous compteray*. Depois, o ms. 116 continua (f. 677v/col. I) *Lancelot estoit I jour avecques Perceval en I hermitage. Et qaunt ilz furent leans venuz et l'ermite les ot agisies de tout quanque il pot si s'endormirent et endormant fut advis a Lancelot ce que je vous diray*. E, o que se segue, é a visão em que

aparecem os pares adúlteros (*Yvaings li Avoultres* com *Canance la royne de Horlande, la femme au roy Carados Briez Braz* e *Tristan li beaux* com *la royne Yseult*), parte narrativa em que o ms. 116 encontra novamente o grupo S/DP apresentado apenas a diferença do lugar em que se situa a personagem no momento em que tem esta visão. Ou seja, no ms. 116, Lancelot encontra-se *en I hermitage* e já acompanhado por Perceval e em S/DP os dois cavaleiros encontram-se na eremida Oliveira Vermelha. Levanta-se a hipótese de que se trataria, de facto, do mesmo eremitério (Oliveira Vermelha) e considera-se um lapso da parte do redactor do ms. 116 ao registar *en I hermitage* ou tratar-se-ia de uma versão divergente no ms. 116?

De referir, ainda, que a fracção que afasta o ms. 116 do grupo S/DP nesta parte narrativa se encontra também transcrita em nota de rodapé na edição QPB¹.

Contudo, julgamos importante recorrer a uma análise de conteúdo entre S e DP a nível desta parte narrativa em que não incluímos o ms. 116, nele se apresentando, como vimos, uma passagem diferente de um momento narrativo para um outro. Assim sendo, propomos um confronto entre a matéria que S e DP apresentam a nível desta parte narrativa. Referimo-nos aos capítulos 202 – 206 (pp.280 - 286) de QPB em que se redige o testemunho S e aos capítulos 203 – 207 (pp. 163 – 166). Assim, propomos aludir às diferenças que suscitam o testemunho ibérico e o francês. Assinala-se a ausência, em DP, do equivalente do título honorífico *Sire* de S. Contudo, é significativo referir o equivalente que DP não deixa de encontrar na sua língua: *Amigo*.

S (IV, f. 98b = QPB, § 202, p. 280): - *Sire, bien siez vous venus.*

DP (f. 74r/col. II): - *Amigo, vos sejades bem vindo*

Apurando a questão do título honorífico, assinalam-se também casos em que DP omite esta indicação: - *E espertar, disse Lançarot...* (f. 74r/col.II); - *Eu som teudo de dizer...*(f. 74v/col. II), enquanto que S regista: - *Esveillié, sire, disse Lancelot...* (S, IV, f. 98b in QPB, § 202, p. 280); - *Sire, je suis tenu de dire...* (S, IV, f. 98c in QPB, § 202, p. 281), sendo sempre em causa o tratamento entre Perceval e Lancelot, mas, no caso do tratamento entre a donzela e Perceval, DP resolve usar o título: *Senhor*, sendo o equivalente do francês *Sire chevalier*.

¹ BOGDANOW, Fanni, *La version de la Post-Vulgate...*, Tome II, nota (41), pp. 279-280.

S (IV, 98c = QPB, § 202, p. 281): *Et la damoisele dit a Perceval:*

- **Sire chevalier**, je vous requier...

DP (f. 74r/col. II): *E a donzela disse a Persival:*

- **Senhor**, dizede-me

A pertinência do cotejo entre S e DP fixa-se nas questões de crítica textual que a edição QPB levanta: a série de correcções e acrescentos efectuados, na redacção S, com base em DP; as lições e as variações divergentes. Chamamos a atenção, por conseguinte, para alguns casos que dizem respeito a estas questões. DP omite a porção: *car bien scet qu'il l'a véu en asses mauvais point.*(S, IV, f. 98b in QPB, § 202, p. 280). Bogdanow corrige S, segundo DP, nos segmentos seguintes:

(1) S (IV, f. 98c = QPB, § 202, p. 280): *e[ft] toutes les beneurtés du monde*; S apresentando a seguinte lição: *vivant en toutes*.

DP (f. 74v/col. I): *pensar e todos os bẽes do mundo outrossi*

(2) S (IV, f. 98c = QPB, §202, p. 180): *villaine[fs] damoiselles*; S regista a lição: *villaine*.

DP (f. 74v/col. II): *ũa das mais vilããs donzelas*

(3) S (IV, f. 99a = QPB, § 204, p. 284): *Sachiez que ceste [chose] avint*; S omite.

DP (f. 75v/col. I): *Sabede que esta cousa aveo*

(4) S (IV, f. 99a = QPB, § 204, p. 284): *nature ne peust pas si merueilleusement [ouvrer]*; S regista: *merueilleusement oster si* rejeitado segundo DP.

DP (f. 75v/col. I): *Natura nom poderia tam maravilhosamente obrar*

(5) S (IV, f. 99b = QPB, § 205, p. 285): *il entre<mis> en nulle maniere*; S apresenta a lição: *entremectre*, rejeitado por Bogdanow segundo a lição conferida por DP.

DP (ff. 75v/col. II – 76r/col. I): *nom se trabalharia el em nẽua guisa*

(6) S (IV, f. 99c = QPB, § 206, p. 286): *bom chevalier a Deus [et] au monde*; S omite a conjunção.

DP (f. 76r/col. I-col. II): *bõõ cavaleiro a Deus e ao mundo*

- (7) S (IV, f. 99c = QPB, § 206, p. 286): *si que tu [li porras] en conseilier*; S usa: *tu la portes en conseilier*, lição rejeitada por Bogdanow segundo DP.
DP (f. 76r/col. II): *assi que **lhe** poderas dar conselho*

No segmento seguinte, Fanni Bogdanow corrige S de acordo com DP, acusando o primeiro de salto do mesmo ao mesmo:

- S (IV, f. 98d = QPB, § 203, p. 283): *l'Olivier Vermeil. [Cel olivier estoit appelé vermeil]*
DP (f. 75r/col. II): *Oliveira Vermelha, ca aquela oliveira chamavam-lhe vermelha*

Com este elenco de segmentos verifica-se que, na sua edição, sempre que Fanni Bogdanow encontrou uma lição insuficiente no testemunho S, a completou com a de DP. Daqui se poderia deprender a prioridade de DP dentro da problemática da filiação dos testemunhos da *Queste Pseudo-Boron*.

Na parte seguinte da análise, propomos voltar a averiguar as pertinências das lições que os três testemunhos apresentam. Trata-se da parte narrativa em que os dois companheiros já se encontram na ermida da Oliveira Vermelha, na versão S/DP, e, *en I hermitage*, no ms. 116, quando Lancelot volta a ter uma terceira visão aparecendo-lhe ao pares adúlteros.

Assinala-se o uso da preposição *et* no ms. 116, que S e DP não incluem: *nud et tant* (ms. 116, f. 677v/col. I); *nuz, tant* (S, IV, f. 99c / QPB, § 206, p. 287); DP: *toda nuu* (f. 76r/col. II). De referir, ainda, a sintaxe diferente que usa ms. 116 no segmento: *horrible chose et espouventable estoit de le veoir* (f. 677v/col. I), enquanto que S prefere: *horrible chose estoit et espouventable a veoir* (IV, f. 99c / QPB, § 206, p. 287). Na fracção: *Et estoit avironnés de feu si qu'il ardoit* de S (IV, f. 99c / QPB, § 206, p. 287), ms. 116 e DP afastam-se do primeiro: *Et il estoit tout* environne de feu si qu'il ardoit (f. 677v/col. I); *E era toda* cercado de fogo *assi que ardia* (f. 76r/col. II). Assinalam-se as diferenças lexicais:

Ms. 116 (f. 677v/col. I): *une dame toute couronnee si doulente et si **esploree***

S (IV, f. 99c-d = QPB, § 206, p. 287): *une dame toute coronnee, si dolente et si **espoventee***

DP (f. 76v/col. I): *ua dona coroada com tam gram pesar e tam **chorosa***

Repare-se na sintaxe comum ao ms. 116 e DP e diferente de S, no segmento seguinte:

Ms. 116 (677v/col. I): *et avoit et **avoit la dame en son front lectres** qui disoient*

S (IV, f. 99d = QPB, §206, p. 287): *et **avoit la dame lectres en son front** qui disoient*

DP (f. 76v/col. I): *E **havia a dona escrito na fronte***

É necessário referir as variantes gráficas dos nomes próprios ocorrentes nos textos referidos: *Cananee la royne de Horlande la femme au roy Carados Briez Braz* (ms. 116, f. 677v/col. I); *Tanonce, la royne de Horlande, la femme le roy Carados Breibras* (S, IV, f. 99d / QPB, § 206, p. 287) e *Catanance, a rainha de Irlanda¹, a molher de rei Carados Pequeno Braço* (DP, f. 76v/col. I). Por descuido, o redactor do ms. 116 repete a estrutura verbal: *et avoit*.

Chamamos a atenção para um caso relevante que poderia tornar-se argumento na hipótese de que entre o testemunho ibérico e o ms. 116 existisse uma proximidade significativa. Assim:

Ms. 116 (f. 677v/col. I): *Après celle **venoit** une autre royne **venir** tout autre*

S (IV, f. 99d = QPB, § 206, p. 287): *Aprés celle **venoit** une autre royne tout autressi*

DP (f. 76v/col. I): *Depos aquela **viia** outra rainha outrossi **vïir** coroada*

Assinala-se as formas verbais: *fist* (ms. 116, f. 677v/col. I); *feist* (S, IV, f. 99d = QPB, § 206, p. 287); *fez* (DP, f. 76v/col. I); a lição: *Et **l'autre** qui le regardoit* (ms. 116, f. 677v/col. I); *Et **Lancelot** qui les regardoit* (S, IV, f. 99d = QPB, § 206, p. 287); *E **Lançarot**, que o catou* (DP, f. 76v/col. I). De referir, ainda, a fracção *ou pis peuz tu actendre* (f. 677v/col. I) em que o emprego do pronome aproxima ms. 116 de DP (*ou*

¹ Irene Freire Nunes rejeita a lição do ms.: *Orlanda*, DP, nota 1, p. 167.

pior *podes tu haver*, f. 76v/col. I) e afasta S que o omite (*ou pis pouez entendre*, IV, f. 99d = QPB, § 206, p. 287). É significativo assinalar a divergência lexical que suscitam o ms. 116 e S no emprego de *emprise* (ms. 116, f. 677v/col. I) e *entreprise* (S, IV, f. 99d = QPB, § 206, p. 287). Chamamos a atenção para uma porção do texto em que Fanni Bogdanow corrige S pela lição encontrada no ms. 116 e DP:

Ms. 116 (f. 677v/col. I): *L'autre **qui tant** s'esmerveilleoit*

S (IV, f. 99d = QPB, § 206, p. 287): *Lancelot, [**qui tant**] s'esmerveille*

DP (f. 76v/col. I): *E Lançarot, **que tam muito** se maravilhava*

Repare-se na repetição do uso do pronome indefinido *autre* no ms. 116 substituindo o nome próprio *Lancelot*. Tratar-se-ia, nestes casos, da ansiedade/cansaço do redactor/copista no acto de escrever?

Ms. 116 omite a preposição *a* na estrutura *si disoit Yseut* (f. 67v/col. I), que S e DP registam: *si disoit a Yseult* (S, IV, f. 99d = QPB, §206, p. 288) / *nom dissesse a Iseult* (f. 76v/col. I). Ms. 116 apresenta uma lição errada no segmento: *est ce **fait** ou enchantement dont tu es environnee* (f. 677v/col. I), quando S regista: *est ce **feu** ou enchantement dont tu es avironnee* (IV, 99d = QPB, § 206, p. 288) e DP usa: *Este **fogo** é encantamento onde tu es assi cercada* (f. 76v/col. I). Distingue-se a nível deste segmento a variante gráfica do lexeme: *environnee* no ms. 116 e *avironnee* em S. É de salientar um fragmento que aproxima o ms. 116 de DP sob aspecto sintáctico, afastando-se de S que muda de sintaxe e omite a negação *ne*:

Ms. 116 (f. 677v/col. I): *ains est **travail d'enfer et feu et si savras** comme il est chault pour ce que tu **ne** te chasties de ton pechie*

S (IV, f. 99d = QPB, § 206, p. 288): *ainz est **travail d'enfer et feu, si savras** com il est chault pour ce que tu te chastiez de ton pechié.*

DP (f. 76v/col. I): *ante é **trabalho e fogo do Inferno, e tu saberas** como queima pois, te **nom** queres castigar de teu pecado.*

Assinalamos um segmento em que Fanni Bogdanow completa S de acordo com a lição do ms. 116 (f. 677v/col. I) e DP (f. 76v/col. I): *s'esveilla [**et**] gecta ung cry* (IV, f. 100a = QPB, §206, p. 288). De referir, ainda, o registo facultativo da partícula *le* no ms. 116 (*compte **le** devise, ceste ne fu plus*, f. 677v/col. I) que S não usa: *comptes*

devise, ne ly fust plus (IV, f. 100a = QPB, §206, p. 288) e a divergência lexical que afasta o ms. 116 do grupo S/DP: *merveilleux* (ms. 116) / *doloureux* (S / QPB); *doorida* (DP), no contexto: *ung cri moult **merveilleux**. Et ce n'estoit mie merveilles* (ms. 116, f. 677v/col I); *ung cry moult **doloureux**. Ne ce n'estoit mie merveille* (S, IV, f. 100a = QPB, § 206, p. 288); *ũa voz tam **doorida** que nom foi senam maravilha* (DP, f. 76v/col. I).

Este elenco de segmentos permite visualizar em detalhe a problemática das variações lexicais, sintáticas, textuais que dois testemunhos franceses e um português suscitam a nível da mesma matéria.

Retomando o fio narrativo da história dos sonhos de Lancelot que o ms. 116 nos conta, reparamos na variante diferente que este apresenta na parte final. Já vimos que o ms. 116 nos apresenta também um início diferente das versões de DP e S. Estamos a referir-nos ao cenário da floresta da parte inicial do episódio. Assim, o ms. 116 desenvolve de uma forma diferente a parte final do episódio dos sonhos de Lancelot. Depois da visão em que aparecem os pares adúlteros, *Yvaings li Avoultres* com *Canance la royne de Horlande la femme au roy Carados Briez Braz* e *Tristan li beaux* com *la royne Yseult*, Lancelot acorda pedindo auxílio a Perceval, porque sentia uma dor infernal na coxa. Era a parte da coxa em que a rainha Yseut o havia tocado. Em seguida, o ms. 116 afasta-se de DP e S, apresentando o seguinte cenário: nessa noite, ao ouvir os gritos de Lancelot, Perceval e o eremita acordam. Depois, Lancelot “*leur dist qu’il avoit tant mal en une cuisse qu’il lui sembloit qu’il eust au feu*” (f. 677v/col. II). O eremita e Perceval rezam para que Lancelot fique curado.

Em seguida, Perceval pega na água benta e lava a parte em que Lancelot sente a dor, ficando este imediatamente curado. Este segmento narrativo privativo do ms. 116 revela o carácter da santidade de Perceval de uma forma diminuta, necessitando de intermediar o seu acto curativo a Lancelot com um recurso: a água benta. Os outros textos ilustram a perfeição espiritual de Perceval sem diminuir o carácter da santidade deste. Perceval apenas toca na parte em que Lancelot senta a dor e este fica instantaneamente curado. Ao esquema narrativo destes textos, referir-nos-emos adiante.

Em seguida, Lancelot conta as revelações e confessa-se imediatamente ao eremita prolongando a sua estadia aí *deux jours en prieres et en oroisons. Apres prinst congie d el'ermite et erra tant par ses journees qu'il vint a court.*(f. 677v/col. II).

Do ponto de vista da estruturação da matéria narrativa do ms. 116, repare-se na divisão do redactor assinalada no final do fólio 677v/col. II: *Cy finist la premiere*

branche du tiers livre de messire Lancelot du Lac et a traicte du Saint Graal tout au long, explicando mais adiante Comment messire Galaad, le tres bon et le tres beneure chevalier trespasa de ce ciecle en la cite de Sarras beneurement a Nostre Seigneur et estoit Galaad Seigneur de Sarras ou il avoit demore ung an. Cy commence la seconde brance du tiers livre de messire Lancelot du Lac et parlera de la Mort le roy Artur et du deffinement de la Table Ronde et comment le roy Artur fit grant chere a Bohort qui luy compta le trespasement.

O esquema narrativo da parte final das revelações oníricas de Lancelot que DP e S apresentam, possui um quadro diferente. É sintomático referir a continuação deste episódio conservada no grupo QPB/DP. Ms. 116, já vimos, apresenta uma versão diferente. Assim, ao ouvir os gritos de Lancelot, Perceval acorda; este, devido ao seu carácter de santidade, ao atingir/tocar Lancelot, na parte onde a rainha Yseut o tocou provocando-lhe uma grande ferida, cura-o imediatamente; entretanto, nessa mesma noite surge, na mão de Perceval, uma carta cuja proveniência se desconhece. É o eremita que a lê. Ela revela a verdade sobre a estranha atitude de Lancelot, contendo também provocações com vista à confissão de Lancelot. (QPB, § 208, *texto em português*). O eremita elogia Perceval. Afinal, Lancelot confessa ao eremita e a Perceval toda a verdade sobre o seu pecado adúltero com a rainha Genevra. (QPB, § 209, *texto em português: Como preguntou Lancelot e Perceval ao homem boo, per que rrezam a oliveyra da eremida tinha aas ffolhas vermelhas. E ell dise o que ssabia*). Lancelot e Perceval permanecem oito dias no eremitério. Antes de partirem, perguntam ao eremita a razão pela qual as folhas da Oliveira Vermelha são sempre vermelhas; o eremita responde que a verdade acerca da Oliveira cujas folhas são vermelhas será revelada ao cavaleiro que conseguir tirar uma carta que um velho rei que estava sentado morto num trono, tinha na mão. (QPB, § 210, *texto em português: Como Persivall e Lançaloc acharom o omem que siia na cadeyra, e nom lhe poderam tirar a carta ffora da mão*). Os três chegam ao recinto onde se encontra o velho rei; a carta estava lá, mas nenhum deles a consegue tirar porque ela estava destinada ao melhor cavaleiro do mundo. Lancelot admite que o morto poderia ser o rei Pelinor, pai de Perceval, e menciona também o nome de Galvain que tinha matado este rei, mas não desenvolve a ideia pois Perceval desconhecia a história. (QPB, §§ 206–210, pp. 288–297 / DP, ff. 77r/col. II – 79r/col. II).

A parte assinalada como texto em francês corresponde à matéria do ms. B.N., fr. 112 (S) e a que está assinalada como texto em português corresponde ao testemunho ibérico: ms. B.N. Viena, 2594 (D).

Verifica-se que o esquema narrativo destes testemunhos mostra um percurso similar dos dois cavaleiros: a estadia prolongada no eremitério da Oliveira Vermelha, a confissão de Lancelot e, em seguida, a partida da eremida. É significativo salientar, contudo, que o grupo DP/S confere uma versão extensa desta matéria.

No que diz respeito à análise textual da parte final da narrativa dos sonhos de Lancelot, na versão conservada em S e DP, verifica-se que, Fanni Bogdanow, na sua edição QPB, em que inclui os dois testemunhos referidos, corrige e completa constantemente as lições insuficientes do primeiro pelas lições de DP.

Aludimos a alguns casos significativos de correcções de lições e acrescentos surgidos em S com base em DP na edição QPB. Estes casos fazem parte do texto de QPB (§§ 206 - 207, pp. 288/19 – 292) incluindo S. Julgamos importante referir esta questão, porque, a partir do capítulo 208 de QPB, estamos já apenas perante o texto de DP. Assim, Fanni Bogdanow explica na nota de rodapé o que se passa com a versão conferida por S a partir do capítulo 208 da sua edição: “*Après n’es, S ajoute: « Si retourne a parler ly conte des .iii. compaignons qui aloient enseveillir le corps du roy Baudemagus. » Le contenu de D, §§ 208-262 a été supprimé par S; le contenu de D, §§ 263-276 (la mort du roi Baudemagus) a été abrégé.*” e, em seguida, a editora remete para a nota (a) do capítulo 145 da sua edição, onde se encontra a versão transcrita da morte do rei Baudemagus conferida por S¹.

- (1) S (IV, f. 100b = QPB, § 206, p. 290): *puis que [fui] premiers chevaliers je ne fis granment chose* ; S apresenta a lição: *suis premiers*, rejeitada por Bogdanow²
DP (f. 77r/col. I): *depois que foi cavaleiro, a de leve nunca fiz cousa*
- (2) S (IV, f. 100b = QPB, § 206, p. 290): *et mauvais guerredon en puis actendre*; S apresenta a lição: *mauvaisement*, rejeitada por Bogdanow³
DP (f. 77r/col. I): *e mau gualardom eu posso atender*

¹ BOGDANOW, Fanni, *La Version Post-Vulgate...*, Tome II, nota (a), p. 191.

² Idem, nota (1), p. 290.

³ Idem, nota (m), p. 290.

- (3) S (IV, f. 100b = QPB, § 206, p. 291): *qui bien pensoit qu'il onques [ne] se fust fait confés du pechié de la royne Genievre*; S omite a partícula de negação
DP (f. 77r/col. II): *ca bem cuidava que se **nam** menfestaria do pecado da rainha*

Ms. 116 contém as narrativas centradas nas mais relevantes figuras da demanda do Santo Graal: os três cavaleiros eleitos (Galaad, Perceval, Boorz), o pai de Galaad, (Lancelot), Tristan, o cavaleiro que se toma como paralelo no adultério de Lancelot. Ms. 116 estende também os momentos centrais da vida destas personagens: a morte de Galaad; o arrependimento de Lancelot que tem como função central a sua própria reorganização na linhagem escolhida; um momento narrativo (o combate entre Tristan e Lancelot) em que se revela o seu carácter de santidade resgatado, através da penitência e o regresso de Boorz à corte de Artur, anunciando a morte dos melhores cavaleiros: Galaad e Perceval.

O episódio dos sonhos de Lancelot é fulcral para o percurso da matéria aqui incluída. Neste ponto da organização da narrativa do ms. 116, os sonhos constituem um centro do ponto de vista textual, o que constitui uma versão diferente quanto a esta matéria, em comparação com a dos outros testemunhos considerados (S, DP = QPB): o final é diferente, os actuates têm diferentes capacidades/poderes: veja-se, por exemplo, o caso de Perceval, que pega na água benta e lava a ferida de Lancelot, curando-o imediatamente enquanto que a versão do testemunho S revela um Perceval que cura, instantaneamente, a ferida de Lancelot apenas por lhe tocar.

Isabel Correia problematiza as visões de Lancelot percorrendo a matéria do *Livro de José de Arimateia* e a da *Demanda do Santo Graal*. Assim, considera-se que a visão linhagística experimentada por Lancelot “*prende-se com a tomada de consciência da linhagem que contribui para o aperfeiçoamento do cavaleiro*”¹. Lancelot desonra a sua linhagem ao desrespeitar o contrato vassálico que mantinha com o rei Artur. Esta recusa torna-se, no ver de Isabel Correia, “*um castigo pelo pecado do pai de Galaaz. Este castigo terminará «pelo seu trabalho», ou seja, pelo arrependimento e pela penitência*”². A segunda visão de Lancelot, na floresta, na versão S/DP, e na eremida da Oliveira Vermelha, na versão conferida pelo ms. 116, na qual lhe surgem os seus pais, põe em causa a desolação dos parentes que se torna ainda mais evidente. Assim,

¹ CORREIA, Isabel Sofia Calvário, *A Construção da “Linhagem Escolhida” no Livro de José de Arimateia, versão portuguesa da Estoire del Saint Graal*. (Tese policopiada), Lisboa, Universidade de Lisboa, 2003, p. 68.

² Idem, p. 69.

alargando o entender de Isabel Correia¹, consideramos que, tanto a visão linhagística, como aquelas em que aparecem os pais, a rainha Guenievre e os pares adúlteros, têm a mesma funcionalidade de aviso a Lancelot. O pai de Galaad toma consciência que, “*pelo seu valor, não deve desprestigiar a linhagem. Caso permaneça em pecado, o filho do rei Bam terá como fim a condenação eterna e isso não se reflectirá apenas nele, mas na sua linhagem.*”².

Verifica-se que as narrativas contempladas nos fólhos 673r-678r do ms. B.N., fr. 116 são concebidas, a nível da sua inserção no corpo do vasto ciclo dos mss. 113-116, no sentido de mostrar a hierarquia dos heróis do Graal. Desta forma, estas narrativas ilustram justamente as conclusões de José Carlos Miranda: *Simplesmente, como entre os heróis do Graal há, como verificámos, uma hierarquia que os ordena, em mais ou menos virtuosos e em mais ou menos favorecidos pela benevolência divina, também entre os reprovados há uma hierarquia, porventura não tão explícita. Lancelot ocupa certamente, na hierarquia dos excluídos, o lugar de menor reprovação*³.

¹ Ibidem.

² Ibidem.

³ MIRANDA, José Carlos, *Galaaz e a Ideologia da Linhagem*, Porto, Granito, 1998, p. 156.

I. 2. 4. O regresso de Boorz à corte de Artur

Ao retomar o mapa dos episódios incluídos nos fólhos 673r-678r do ms. 116, vê-se que, com o episódio da morte de Galaaz e Perceval nos situamos na parte final da *Queste*. Depois dos três cavaleiros eleitos, Galaaz, Perceval e Boorz, terem empreendido o regresso do Oriente na posse da preciosa relíquia, dois deles acabam por morrer, regressando apenas Boorz para narrar as suas aventuras na corte de Artur; com a narrativa do combate entre Tristan e Lancelot no Perron Merlin, situamo-nos na matéria de fonte tristaniana; com a narrativa dos sonhos de Lancelot regressamos à matéria da *Queste Pseudo-Boron* e, finalmente, com o episódio do regresso de Boorz à corte de Artur estamos na matéria da *Mort Artu*.

A *Mort au Roy Artur* tem início depois de terminada a demanda do Santo Graal e retomando¹ o tema da queda da Mesa Redonda e da destruição do reino de Logres nas lutas fratricidas provocadas, por um lado, pelas traições de Mordret e de Lancelot e Guenievre, por outro. Contudo, verifica-se nos fólhos 673r-678r do ms. 116 a interpolação de duas narrativas entre o episódio do final da *Queste*, isto é, a morte de Galaad e Perceval com a menção ao regresso de Boorz à corte de Artur e o episódio do início da *Mort Artu*, ou seja, o regresso do Boorz à corte de Artur. Trata-se das narrativas do combate entre Tristan e Lancelot no Perron Merlin e a dos sonhos de Lancelot, as quais já referimos². Propomos o cotejo da matéria contida na parte final da *Queste* com a do início da *Mort Artur*, tal como se encontram nos textos considerados.

1. Ms. Bibliothèque Nationale de Paris, fr. 116, ff. 673r – 678r.
2. (TP2) *Le Roman de Tristan en prose*, ed. Philippe Ménard, Tome IX, Genève, Droz, 1991.
3. (DP) Ms. Biblioteca Nacional de Viena, 2594.
4. (QV) *La Queste del Saint Graal*, ed. Albert Pauphilet, Paris, Librairie Ancienne Honoré Champion, 1923.
5. (MA) *La Mort le roi Artu. Roman du XIIIème siècle*, ed. J. Frappier, Paris, Dorz, 1936³.

¹ FRAPPIER, Jean, *Etude sur La Mort le roi Artur*, Genève, Droz, 1968, pp. 147-215.

² Cf. infra, Cap. I. 2. 2. e I. 2. 3.

³ Manuscrito de base é o ms. 3.347 de l' Arsenal, Cf. *Introduction a La Mort le Roi Artu. Roman du XIIIème siècle*, Paris, Droz, 1936, p. LXIV.

Apresentamos a localização da narrativa nos textos referidos:

<i>O regresso de Boorz à corte de Artur</i>	
Testemunhos	
Ms. B.N. fr. 116	ff. 677v/col. II – 678r/col. I
TP2	Tome IX, pp. 283 – 286
MA	pp. 3 – 4.18

Assim sendo, menciona-se que, para confrontar matéria narrativa da parte inicial da *Mort Artu*, recorreremos, principalmente, a três textos: ms. 116, TP2 e MA. Propomos, o cotejo da narrativa do regresso de Boorz à corte de Artur assim como se conserva na *Queste* Vulgata, em DP (o melhor testemunho do conjunto textual da *Queste* e da *Mort Artu* Post Vulgata¹), Ms. 116, TP2 e MA.

Desta forma, podemos constatar que estamos perante a mesma narrativa (o regresso de Boorz à corte de Artur) tratada diferentemente. O conjunto dos mss. 113-116, sendo uma cópia do ciclo inteiro da Vulgata² inclui, evidentemente, as duas elaborações desta narrativa, a que se encontra na parte final da *Queste* e a da parte inicial da *Mort Artu*.

QV: pp. 279-280	DP: ff. 186v/col. II – 187r/col. I	Ms. 116 (parte final da <i>Queste</i>): f. 673r/col. II	Ms. 116 (parte inicial da <i>Mort Artu</i>): ff. 677v/col. II – 678r/col. I	TP2 (Tome IX, ed. Ménard): pp. 283-286
<i>Quant Boorz vit qu'il ert remés tot seuls en si loingteignes terres come es parties de Babiloine, si se parti de Sarraz tot armez et vint a la mer et entra en une nef. Si li avint si bien que en assez poi de tens ariva el</i>	<i>Quando Boorz se partiu de Sarraz, veo ataa mar armado e entrou em ùa nave e houve tam bôd vento que em pouco tempo foi no reino de Logres.</i>	<i>Quant Bohors vit qu'il estoit remes en si estrange lieu tout seul comme es parties de Babiloine si s'en parti de Sarras tout armez et vint a la mer et entra en une nef. Si lui avint si bien qu'en petit de temps vint ou royaume</i>	<i>Quant Bohors fu venuz en la cite de Kamelot a court asses trouva qui moult grant joie lui fist car ilz desiroient tous et toutes a veoir. Et quant il ot raconte le trespassement de Galaad et de la mort Perceval si en furent</i>	<i>quant Boort vit qu'il ot perduz ses deux compaignons et qu'ilestoit tout seul demeuré en si loingtain país comme es parties de Babiloine, il fu aucques esbaïs. Et pour ce si se parti de la cité Sarraz e tvint a la</i>

¹ Ana Sofia Laranjinha, *Artur, Tristão e o Graal. A Escrita Romanesca no Ciclo do Pseudo-Boron*, (Tese policopiada), Porto, Universidade do Porto, 2005, nota 43, p.14.

² BOGDANOW, Fanni, *La Version Post-Vulgate da Queste del Saint Graal e da Mort Artu, troisième partie du Roman du Graal*, Paris, Société des Anciens Textes Français, 1991, p. 121.

roialme de Logres. Et quant il fu venuz el país, si chelvacha tant par ses jornees qu'il vint a Camaalot, ou li rois Artus estoit. Si ne fu onques si grant joie fete come il firent de lui, qar bien le cuidoiement avoir perdu a touz jors mes, por ce que si longuement avoit esté fors del país. Quant il orent mengié, li rois fist avant venir les clers qui metoient en scrit les aventures del Seint Graal telles come il les veues, si furent mises en escrit et gardees en l'almiere de Salebieres, dont MESTRE GAUTIER MAP les trest a fere son livre del Seint Graal por l'amor del roi Henri son seignor, qui fist l'estoire translater de latin en françois. Si se test a tant li contes, que plus n'en dist des AVENTURES DEL SEINT GRAAL.

de Boorz em casa de um montanheiro. Aqui Boorz encontra um cavaleiro que vinha da corte de Artur e com qual mantém uma conversa sobre o estado espiritual da corte.

e andou tanto por sãs jornadas que chegou a Camalot. Mas nunca por homem virom tam gram ledice em ùũ lugar, ca muito era amado no reino de Logres de todos e de todas. Mas o prazer que ende havia a linhagem de rei Bam nom havia par, ca tũam que haviam em seu bando ùũ dos melhores caaleiros do mundo. E quanto prazer a eles tanto pesar a Galvam porque a linhagem de rei Bam se esforçava. Rei Artur, quando viu que Boorz era já folgado dos grandes trabalhos que sofrera feze-o ùũ dia vñr ante si e disse-lhi: - Eu vos digo, pelo juramento qu vos fezeistes quando partiste daqui, que nos digades totalas aventuras novas que passastes em esta demanda u tanto moraste. E Boorz, que era de bõõ vida e que se nom perjuraria em nem ùa quisa, disse totalas aventuras per que passou que lhi lembraram e como

de Logres. Et comme il vint au palais si chevaucha tant qu'il vint a Kamelot ou le roy Artur estoit. Si ne fut oncques si grant joie faicte comme ilz firent de lui car bien le cuidoiement avoir perdu a tous jors mais pour ce que si longuement avoit este hors du país. Quant ilz ont mangie le roy fist venir les clers qui mectoient en estript les aventures du Saint Graal telles comme on furent mises en estript et gardees en l'abbeye de Salebieres dont maistre Gaultiers Map traist a faire son livre du Saint Graal pour l'amour du roy Henry son Seigneur qui fist l'istoire translater de latin en francois. Si se taist atant le compte que plus n'en dist des aventures du Saint Graal.

moult doulant a court. Mais toutes voies s'en reconfortent ilz au plus bel qu'ilz porent. Lors fist mectre le roy Artur en escript tous (f. 678r/col. II) Joccis chevaliers en la Queste du Saint Graal] les aventures que les compaignons de la Queste du Saint Graal avoient racontees. Et quant il ot ce fait si dist: « - Seigneurs regardes entour vous quans compaignons nous avons perdus en ceste Queste et ilz regarderent, tout maintenant si trouverent qu'il leur en failloit XXII par compte de leurs compaignons ne de tous ceulz n'y avoit il nul qui ne fust mort par armes». Le roy Artur qui avoit ouy consommer que messires Gauvain en avoit occis pluseurs. Si le fist venir devant lui et lui dist: « Gauvain, beau nieps, je vous conjur sur le serement que vous me feistes quant je vous fiz chevalier, premierement que vous me dictes ce que je vous demanderay. » « - Sires », fait messires Gauvain, « vous m'aves tant conjure que je ne lairoie en nulle maniere que je ne le vous deisse et fu ce ma honte la greigneur

mer, au plus coient qu'il pot, car se les citoiens feüssent aperçu de son departement, ja n el'eüssent laissé partir. Quant il fut a la mervenus, tant fist qu'il passa, et puis cevaucha tant par ses jornees qu'il vint au roiaume de Logres.

Em seguida, o episódio da estadia de Boorz em casa de um montanheiro onde encontra um cavaleiro vindo da corte de Artur.

Et quant Boors fut venus a court, en la cité mesmes de Kamalot, de si loingtaines terres comme des parties de Jherusalem, assés trouva a court tous et toutes. Quant il compta le trespassement Galaad et la mort Perceval, si en firent moult grant dueil a court. Mais toutes voies se reconfortoient ilz au plus bel qu'il porent. Lors fist mettre li rois en escript toutes les aventures que li compaignons de la Queste du Saint Graal avoient racontees en sa court. Quant il ot che fait, il dist: «Seigneurs, gardés entre vous quans de nous compaignons nous avons perdus en

Galaaz e Persival morrerom. E sabede que se vos fossedes em aquel tanto ouvir que veeridades vhorar muitos homens bõos e muitos bõos caaleiros e quando ouvirom em qual quisa passaram Galaaz e Persival. Rei Artur fez escrever todas as aventuras que lhi Boorz contou. E sabede que estes tres cavaleiros foram os mais louvados da demanda: Galaaz, Boorz e Persival.

qui oncques m'avint ceste Queste?» Et il en mon vivant, ne a nul garderent maintenant, autre chevalier.» « Or si trouverent qu'il lor vous demande », fait le en faloit .LIIII. par roy Artur, « quans contre, **et** de tous ciaux chevaliers vous aves n'i avooit **celui** qui ne occis de vostre main en fust mort par armes. ceste Queste.» Et Li rois Artus **avoit en** messire Gauvain pensa **son cueur** que messire I petit. Et puis lui dist: Gauvains en avoit ocis « - Sire », fait il, « vous plusieurs. Si le fist voules estre certains de **venir soy** et li dist: «Gauvains, je vous **requier**, par le serment que vous me feïstes quant je vous fis cevalier, que vous me dites ce que vous demanderai! – Sire, fait mesire Gauvains, vous m'avés tant conjuré que je ne lairoie **mie** en nulle maniere que nel vous deïsse, **neïs se çou estoit ma honte!** – Or me **dites**, fait li rois, quans cevaliers **vous quidiez avoir ocis** de vostre main en ceste Queste!» Et mesire Gauvains pense ung petit. Et li rois li dist **autre fois**: «**Par mon chief, jel voel savoir, pour de que aucun vont disant que vous en avés tant ocis que c'est merveille!** – Sire, fait **messire Gauvains**, vous volés estre certains de ma grant mesceance! Et jel vous dirai, car je **sai** bien que faire le covient: je vous di que j'en ai ochis »

O cenário do regresso de Boorz à corte de Artur encontrado nestes textos não apresenta diferenças de conteúdo, mas textuais. Quanto às divergências textuais das versões em que apenas se menciona o regresso de Boorz à corte, correspondendo à parte final da *Queste*, conservadas em QV, DP e no ms. 116 já referimos anteriormente¹. Contudo, consideramos importante a apresentação deste enredo procedendo a um confronto dos testemunhos e verificando que a continuidade do trajecto da mesma personagem se processa de forma variada. Trata-se, por um lado, da passagem da menção ao regresso de Boorz à corte de Artur em DP e TP2, pela narrativa da estadia do cavaleiro eleito em casa do “montanheiro” à descrição ampla da chegada à corte e à sua recepção pelos cavaleiros e pelo rei e, por outro, da opção do redactor do ms. 116 de interpolar dois episódios oriundos da matéria tristaniana e da *Queste Pseudo-Boron*, ou seja, o combate e os sonhos, entre estes dois momentos narrativos que dizem respeito ao percurso de Boorz.

Em seguida, propomos o confronto textual das versões das versões da descrição do regresso de Boorz à corte e da sua recepção pelo rei e pelos cavaleiros aí presentes, correspondendo à parte inicial da *Mort Artu* assim como se encontra conservadas no ms. 116, TP2 e MA.

(1) Ms. 116 (f. 677v/col. I): *Quant Bohors fu venuz en la cite de Kamelot a court asses trouva qui moult grant joie lui fist car ilz desiroient tous et toutes a veoir. Et quant il ot raconte le trespasement de Galaad et de la mort Perceval si en furent moult doulant a court. Mais toutes voies s'en reconfortent ilz au plus bel qu'ilz porent*

MA (p. 3.13-18): *Quant Boorz fu venuz a cort en la cité meïmes de Kamaalot de si lointeingnes terres comme sont les parties de Jerusalem, assez trouva a court qui grant joie li fist; que moult le desirroient tuit et totes a veoir. Et quant il ot aconté le trespasement de Galaad et la mort Perceval, si en furent tuit moult dolent a court ; mes toutevoies s'en reconforterent au plus biau qu'il porent.*

¹ Cf. infra, Cap. I. 2. 1. A morte de Galaad e Perceval.

TP2 (p. 283.3-10): *Et quant Boors fut venus **a court**, en la cité **mesmes** de Kamalot, **de si loingtaines terres comme des parties de Jherusalem**, assés trouva **a court** tous et toutes. Quant il **compta** le trespassement Galaad et la mort Perceval, si en firent moult **grant dueil** a court. Mais toutes voies se reconfortoient ilz au plus bel qu'il porent.*

A primeira frase do segmento acima seleccionado apresenta dois tipos de divergências: por um lado, trata-se de sintaxes diferentes; talvez para omitir uma redundância na frase o redactor do ms. 116 tenha eliminado a estrutura *a court* que se repete em MA/TP2 e a forma pronominal *mesmes*, enquanto que TP2 elimina a forma verbal *a veoir* e, por outro, MA e TP2 registam o segmento privativo (*de si loingtaines terres comme des parties de Jherusalem*) e o ms. 116, por sua vez, apresenta um outro segmento exclusivo (*qui moult grant joie lui fist car ilz desiroient*). Na segunda frase desta fracção estamos perante diferenças lexicais: o ms. 116 regista o verbo *ot raconte*, MA usa a forma *ot aconté*, enquanto TP2 usa *compta*, utilizando também tempos verbais diferentes; e a forma *doulant*, do ms. 116 e MA, opõe-se lexicalmente, mas sem perder a carga semântica da estrutura nominal *grant dueil* que TP2 conserva. Numa última observação a este segmento, repare-se na omissão da partícula adverbial *en* em TP2.

(2) Ms. 116 (f. 678r/col. II): *Lors fist mectre le roy Artur en escript tous les aventures que les compaignons de la Queste del Saint Graal avoient racontees. Et quant il ot ce fait si dist: - Seigneurs **regardes entour** vous quans compaignons nous avons perdus en ceste Queste. Et ils **regarderent tout** maintenant si trouverent qu'il leur en failloit **XXII par compte de leur compaignons ne de tous ceulz n'y avoit il nul qui ne fust mort par armes.***

MA (pp. 3.18 - 4.4): *Lors fist li rois metre en escrit toutes les aventures qui li compaignon de la queste del Seint Graal avoient reacontees **en sa court**; et quant il ot ce fet, il dist: « Seigneur, **gardez entre** vos quanz de voz compaignons nous avons perduz en ceste queste.» Et il i **gardent** meintenant, si trouverent qu'il leur en failloit **trente et deus** par conte, ne de touz ceus n'i avoit **un seul** qui ne fust morz par armes.*

TP2 (p. 283. 10 - 17): *Lors fist mettre li rois en escript toutes les aventures que li compaignons de la Queste du Saint Graal avoient racontees **en sa court**. Quant il ot che fait, il dist: «Seigneurs, **gardés entre** vous quans de nous compaignons nous avons perdus en ceste Queste !» Et il **garderent** maintenant, si trouverent qu'il lor en faloit **.LIIII. par conte, et de tous ciaux n'i avoit celui qui ne fust mort par armes**.*

Com este segmento, verifica-se a constante divergência lexical presente neste episódio. Assim, repare-se no uso do verbo *regarder* no ms. 116, cuja semântica parece mais própria ao contexto do discurso desenvolvido, enquanto que MA e TP2 registam *garder*. Assinala-se, por um lado, no ms. 116, o registo de *XXII* cavaleiros que se perderam na demanda, enquanto MA regista *trente et deus* e TP2, *LIII*, e por outro, atente-se na omissão, em MA e TP2, do segmento *de leur compaignons*. Ms. 116 não regista o locativo *en sa court*.

- (3) Ms. 116 (f. 678r/col. II): *Le roy Artur **qui avoit ouy consomner** que messires Gauvain en avoit occis pluseurs. Si le fist venir devant **lui** et lui dist: «- Gauvain, **beau nieps**, je vous **conjur** sur le serrment que vous me feistes quant je vous fiz chevalier, **premierement** que vous me dictes ce que je vous demanderay». «Sire, fait messire Gauvain, vous m'aves tant **conjuré** que je ne lairoie en nulle maniere que je le vous deisse **et fu ce ma honte la greigneur qui oncques m'avint en mon vivant, ne a nul autre chevalier**».*

MA (p. 4.5 - 11): *Li rois **avoit oï consonner** que messires Gauvains en avoit ocis pluseurs, si le fist venir par devant **lui** et li dist: « Gauvain, je vos **requier** seur le serement que vos me feïst quant ge vos fis chevalier que vos me diez ce que ge vos demanderai. – Sire, fet messire Gauvains, vos m'avez tant **conjuré** que ge ne leiroie en nule maniere que ge nel vos deïsse, **neïs se c'estoit ma honte, la greigneur qui onques a chevalier de vostre cort avenist***

TP2 (pp. 283.18 – 285.25): *Li rois Artus **avoit en son cueur** que messire Gauvains en avoit ocis pluseurs. Si le fist venir devant **soy** et li dist: «Gauvains, je vous **requier**, par le serement que vous me feïstes quant je vous fis cevalier, que vous me dites ce que je vous demanderai! – Sire, fait mesire Gauvains, vous*

*m'avés tant **conjuré** que je ne lairoie **mie** en nulle maniere que je nel vous deïsse, **neïs çou estoit ma honte!***

Repare-se nas diferentes lições da seguinte estrutura *avoit ouy consommer* (ms. 116) / *avoit oï consonner* (MA) e *avoit en son cuer* de TP2. Assinala-se o emprego do pronome possessivo (*soy*) em TP2, enquanto que o ms. 116 usa o pessoal com valor possessivo (*lui*); bem como, o uso do título *beau nieps* somente no ms. 116; também, a divergência lexical: o redactor do ms. 116 usa somente o lexeme *conjurer*, enquanto MA e TP2 variam com *requerer*; TP2 usa a dupla negação (*mie*) que não se encontra no ms. 116. Uma observação pertinente diz respeito à parte final deste segmento em que o ms. 116 e MA desenvolvem consideravelmente a resposta de Gauvain: *et fu ce ma honte la greigneur qui oncques m'avint en mon vivant, ne a nul autre chevalier / neïs se c'estoit ma honte, la greigneur qui onques a chevalier de vostre cort avenist.*

- (4) Ms. 116 (f. 678v/col. II): «*Or vous **demande**, fait le roy Artur, quans chevaliers vous aves occis de vostre main en ceste Queste.*» *Et messire Gauvain pensa I petit et puis il dist: «- Sire, fait **il**, vous voules estre certains de ma grant mesihance! Et je le vous diray car je veoy bien que a faire le me couvient. Je vous dy **vraiment et pour voir que j'en ay bien occis***

MA (p. 4.11 - 18): *Or vos **demant** ge, fet li rois, quanz chevaliers vos **cuidiez avoir ocis** de vostre mein en ceste queste. » Et messires Gauvains pense un petit et li rois li dit **autrefois**: « **Par mon chief, ge le vueill savoir, por ce que aucun vont disant que vos en avez tant ocis que c'est merveille.** – Sire, fet **messires Gauvains**, vous voulez estre certains de ma grant mescheance ; et ge le vos dirai, car ge **voi** bien qu'a fere le couvient. Je vos di por voir que g'en ai ocis*

TP2 (p. 285.25 - 33): - *Or me **dites**, fait li rois, quans cevaliers vous **quidiez avoir occis** de vostre main en ceste Queste!» Et messire Gauvains pense ung petit. Et li rois li dist **autre fois**: «**Par mon chief, jel voel savoir, pour ce que aucun vont disant que vous en avés tant ocis que c'est merveille!** – Sire, fait **messire Gauvains**, vous volés stre certains de ma grant mesceance! Et jel vous dirai, car je sai bien que faire covient: je vous dirai j'en ai ochis*

Tenha-se em atenção o uso do verbo *dire* em TP2 e *demander* no ms. 116 e MA; a substituição do nome próprio *Gauvain* no ms. 116 pela forma pronominal *il*; o sintetismo do fragmento que o ms. 116 regista em relação aos outros segmentos seleccionados, como, por exemplo, a ampla frase de MA e TP2 sem correspondente no ms. 116.

Todos estes elementos indicados levam-nos a crer que se trata de um tratamento lexical diferente do texto que se encontra no ms. 116. Há segmentos que permitem levantar a hipótese de que o ms. 116 apresenta uma versão mais detalhada (2), embora se repare que outras porções, conferidas por MA e TP2 (4) poderiam apontar para a mesma suposição. Concluimos que no que respeita a este excerto e ao contrário do que se passa nas restantes, estamos perante duas variações lexicais.

I. 3. Conclusões

A primeira razão pela qual levámos a cabo o presente trabalho resultou, tal como afirmámos no início, do interesse suscitado pelo conjunto de narrativas avulsas contidas no ms 116, há muito sinalizadas mas, até ao momento, não estudadas em profundidade. Nelas avulta a narrativa dos sonhos de Lancelot, trecho particularmente relevante do ponto de vista dos estudos arturianos ibéricos, já que remete para matéria desconhecida da versão vulgata da *Queste del Saint Graal*, sendo, no entanto, momento absolutamente central na *Queste do Pseudo-Boron* traduzida para português medieval ainda no séc. XIII e, segundo a investigação mais recente, parte essencial daquilo que seria o Ciclo do Lancelot na sua forma primitiva. Permitiria a versão destes sonhos contida no nosso manuscrito francês conhecer algo desse estado textual mais remoto do grande ciclo em prosa?

Após o longo e detalhado cotejo a que acabámos de proceder, a resposta terá forçosamente de ser negativa. Não só nos mencionados episódios, como nos adjacentes que relatam a morte de Galaad, as versões de 116 não aduzem verdadeiramente nada que não se encontre já nos testemunhos alternativos compulsados. No primeiro caso, sendo embora flagrante a concordância consistente entre 116 e DP, casos há em que outras regularidades se observam por deficiência pontual de um dos testemunhos. Só em situações desse tipo o ms 116 consegue superiorizar-se a algum dos outros.

E de salientar que o redactor do ms. 116 propõe, para este episódio, um epílogo diferente da versão que o texto português e o ms. 112 conferem, podendo levantar-se duas hipóteses: ou estarmos perante uma fonte distinta da que está na base dos outros testemunhos da QPB, ou o próprio redactor/compilador ter recorrido a uma modificação da narrativa. Porém, no seu todo, o arranjo narrativo que predomina revela a necessidade de abreviar a narração e solucionar as situações de incoerência originadas nesse processo, e não a preservação de uma estrutura logicamente anterior à que é comum a DP/112. Ainda assim, as proximidades lexicais, sintácticas e textuais entre o ms. 116 e o texto português são muito significativas.

No relato da morte de Galaaz, é ainda mais flagrante que o redactor possuiu uma versão semelhante a DP que foi alternando com a versão QV ao sabor mais de um intuito de economia narrativa do que propriamente de construir un enredo com particularidades específicas. A análise do relato da morte de Galaad e Perceval a nível de quatro textos (ms. 116, QV, DP, TP) permite pôr em destaque duas tendências

opostas. Por um lado, ao confrontar as variantes contidas nos testemunhos referidos estabelecem-se diferenças de conteúdo que opõem o ms. 116 e QV ao grupo DP/TP. Mas, por outro lado, a análise por segmentos do episódio da morte dos dois cavaleiros leva-nos a considerar que o texto português apresenta várias semelhanças lexicais e sintáticas com versão do ms. 116.

Apesar de tudo, o estudo comparativo das quatro narrativas arturianas (a morte de Galaad e Perceval, o combate entre Tristan e Lancelot, os sonhos de Lancelot e o regresso de Boorz à corte de Artur), envolvendo cinco testemunhos franceses (QV, QPB, TP1, TP2, ms. B.N., fr. 116, ff. 673r-678r) e um português (DP) e as análises efectuadas em paralelo com o processo da transcrição dos fólhos 673r-678r do ms. 116, evidenciam, através de inúmeras situações encontradas, que a problemática da filiação entre os testemunhos arturianos mantém a sua complexidade, que resulta porventura mais realçada ainda.

A matéria incorporada nestes fólhos possui, no entanto, uma lógica própria, de algum modo já devidamente assinalada por Fanni Bogdanow no seu estudo introdutório à edição QPB. Na realidade, esta breve sequência de episódios funciona como uma antologia, agrupando várias histórias provenientes de fontes diversas em torno dos heróis da Demanda do Santo Graal: os três cavaleiros eleitos (Galaad, Perceval e Boorz) e os protagonistas das histórias mais exemplares de amor arturiano, Lancelot e Tristan.

Com o episódio da morte de Galaad e Perceval, situamo-nos na parte final da *Queste*, versão Vulgata. O duelo entre Tristan e Lancelot representa, por sua vez, uma micro-antologia de matéria tristaniana em torno destas personagens, remetendo para várias fontes: *Tristan en prose*, *Guiron le Courtois* e, ainda, para várias outras redacções que nos foram facilitadas através da análise de Losëth. Com as visões de Lancelot estamos perante a matéria específica da *Queste do Pseudo-Boron* (designada “Pós-Vulgata” por F. Bogdanow); e, finalmente, o episódio do regresso de Boorz à corte do rei Artur situa-nos na parte inicial da *Mort Artu* em qualquer das redacções consideradas.

Há um tema organizador dos episódios que constituem a pequena antologia que se reúne neste ponto do ms 116, revelando a sua presença em três deles: trata-se do tema do amor adúltero:

a) a breve referência à morte de Lamorat leva-nos a pensar no tema do ódio entre as duas linhagens, a do rei Pellinor e a do rei Loth, mas também no tema do amor adúltero entre Lamorat e a rainha d'Orcanie, mulher do rei Loth;

b) o episódio do duelo no Perron Merlin entre Tristan e Lancelot também nos leva a crer que se trata da mesma preocupação do redactor: o percurso dos protagonistas cuja biografia inclui histórias de amor adúltero: de um lado, Tristan e a rainha Iseut, e do outro, Lancelot e a rainha Genievre;

c) os sonhos de Lancelot dizem respeito exclusivamente à temática do amor adúltero.

d) de referir ainda que, com os episódios da morte de Galaad e Perceval e o do regresso de Boorz à corte do rei Artur estamos perante a missão santa da demanda do Santo Graal e o destino dos três cavaleiros eleitos. Lembre-se, todavia, que estes apenas o são porque recusaram não somente o amor adúltero, mas qualquer amor mundano motivado por uma mulher...

II. Edição de texto

Manuscrito 116 da Biblioteca Nacional de Paris, fr. ff. 673r-678r

II. 1. Normas de transcrição da edição semi-paleográfica do ms. B.N. fr. 116, ff. 673r-678r

A análise do acto de escrever engloba diversos factores como, por exemplo, a influência das condições materiais, a tradição gráfica que o *scriptor* conhece, bem como as suas condições psicológicas (a rapidez, o desconhecimento, o desinteresse) ou a influência do modelo seguido. Todos estes factores condicionantes da elaboração do trabalho do copista/redactor são importantes porque salientam a justificação das principais intervenções semi-paleográficas às quais recorreremos: a) separação de palavras; b) desenvolvimento de abreviaturas; c) introdução de pontuação; d) emprego de maiúsculas nos nomes próprios e nos inícios de período; e) utilização de acentuação nos casos susceptíveis de originar dúvidas de leitura; f) desenvolvimento da forma do nome próprio quando aparecer apenas a maiúscula segundo a mais frequente. Não se aplica o critério da regularização da forma dos nomes próprios segundo a mais frequente.

Estamos perante um fragmento do ms. B.N. fr. 116, ff. 673r – 678r, datado nos finais do século XV¹, escrito em minúscula gótica, redonda, muito regular. A textura da *littera gothica rotunda* tem traços grossos e uma forma angular. A disposição do texto encontra-se em duas colunas de cinquenta linhas.

A resolução das abreviaturas

O desenvolvimento da palavra efectua-se consoante a forma desabreviada da mesma palavra ocorrente no corpo do texto: *cõe* (f. 674v/col. II. 20²) e *comme* (f. 674r/II. 20).

Os modos de abreviaturas

Os procedimentos dos desenvolvimentos das palavras são os seguintes:

- a abreviatura por til; a sua forma não é constante. Ao aparecer em cima de uma vogal assinala, necessariamente, uma nasalização. É importante assinalar que as abreviaturas ocorrem com muita regularidade no fim da linha.

¹ BOGDANOW, Fanni, *La Version Post-Vulgate...*, Tome I, p. 121.

² Indicação do fólho.

cômêca (f. 674v/col. I. 4) = *commenca*
cõt (f. 673v/col. II. 24) = *contre*
mescognoissâce (f. 673r/col. II. 37) = *mescognoissance*
cõe (f. 674v/col. II. 20); *cõme* (f. 675r/col. I. 8) = *comme*
roy^{ne} (f. 676r/II. 10) = *royne*
cõment (673r/col. II. 47) = *comment*

Devemos assinalar que a forma do pronome relativo *comment* ocorre constantemente abreviada, nos títulos, com maiúscula *C* (f. 673r/col. II. 34).

O til é horizontal ou curvado e ocorre também em cima de uma consoante sem valor próprio indicando apenas a abreviatura da sílaba ou da palavra. O caso mais frequente de abreviatura de sílaba ocorre nas formas verbais (a 3ª pessoa plural).

chlrïe (f. 673v/col. II. 30) = *chevalerie*
chlrs (f. 674v/col. I. 20) = *chevaliers*
leqls (f. 676r/col. I. 33) = *lequels*
appeloïēt (f. 673v/col. II. 46) = *appeloient*
s'entrehurtēt (f. 674r/col. I. 21) = *s'entrehurtent*
nrē (f. 673v/col. II. 26) = *nostre*
vrē (f. 678r/col. II. 25) = *vostre*

- abreviatura por sinal taquigráfico: o mais frequente caso é da preposição *et* assinalada *z* (f. 674v/col. I. 24). Relativamente ao lugar da abreviatura, especifica-se que a preposição *et* aparece abreviada somente no interior da frase. Segue-se o caso da preposição *par* notada *p* (f. 676v/col. I. 2) = *par*. Chamamos a atenção para o caso de dois sinais derivados de uma grafia diferente do original til polivalente: *ʝ* ou ⁹(*us* latin) e ^r (*er/re* latins)¹; por extensão, consideraríamos que ^r, nestes contextos, nota o grupo *ur*, tendo também em conta a grafia da palavra ocorrente no corpo do texto de forma desabreviada: *pour l'amour* (f. 673r/col. II. 28).

po^r l'amo^r (f. 673r/col. I. 45) = *pour l'amour*

¹ Apud, *Introduction a Album de manuscrits français du XIIIème siècle. Mise en page et mise en texte* par Maria Careri, Françoise Fery-Hue, Françoise Gasparri, Geneviève Hasenohr, Gillette Labory, Sylvie Levèvre, Anne-Françoise Leurquin, Christine Ruby, Roma, Viella, 2001, p. XXXII.

co^rt (f. 676v/col. II. 6) = *court*
reto^rne (f. 763r/col. II. 32) = *retourne*
meille^r (f. 675r/col. II. 35) = *meilleur*
vo^o (f. 677r/col. I. 10) = *vous*
no^o (f. 676r/col. I. 9) = *nous*
art^o (f. 673r/col. II. 3) = *Artus*

- a abreviatura por vogal subscrita: representa um modelo muito usado nos manuscritos monásticos do século XII¹, tendo também uma função decorativa.

aut^e (f. 674r/col. II. 49) = *autre*
le IIII^e (f. 673r/col. II. 50) = *le IIIIème*

O lugar das abreviaturas

Os elementos lexicais mais sujeitos às abreviaturas são as monossilábicas isoladas:

q^r (f. 674v/col. II. 21); *q^r* (f. 673v/col. II. 21) = *qui* (p. 8.20); *que*
p (f. 676v/col. II. 2) = *par*
sō (f. 675v/col. II.46) = *son*
tās (f. 676v7col. I. 25) = *tans*
tāt (f. 673v/col. II. 38) = *tant*
mlt^r (f. 677v/col. I. 48) = *moult*

As polissilábicas apresentam uma irregularidade maior do que as monossilábicas, aparecendo a primeira, a segunda sílaba abreviada ou a parte mediana da palavra. Assinala-se que as nasais iniciais, medianas ou finais são constantemente abreviadas.

racōtees (f. 678r/col. II. 3) = *racontees*

¹*Introduction a Album de manuscrits français du XIIIème siècle. Mise en page et mise en texte* par Maria Careri, Françoise Fery-Hue, Françoise Gasparri, Geneviève Hasenohr, Gillette Labory, Sylvie Levèvre, Anne-Françoise Leurquin, Christine Ruby, Roma, Viella, 2001, p. XXXII.

compaignõs (f. 678r/col. II. 5) = *compaignons*

cõjur (f. 678r/col. II. 14) = *conjure*

Sublinhamos um caso de aglutinação no final da frase: *parmes* (f. 678r/col. II. 10)

As abreviaturas ocorrentes no ms. B.N. fr. 116 ff. 673r-678r dão conta de uma coexistência de diversos procedimentos a este nível: o til, a vogal ou a consoante subscrita, o apóstrofo, a barra de nasalização.

Os nomes próprios

O tratamento dos nomes próprios dá conta de uma considerável diversidade:

- abreviatura limitada à inicial:

g. (f. 673v/col. I. 7) = *Gauvain*

T. (f. 676r/col. II. 31) = *Tristan*

y. (f. 677v/col. II. 44) 10/I. 44 = *Yseult*

girf. (f. 678r/col. I. 17) = *Girflet*

Destaca-se o uso do ponto de abreviatura no caso dos nomes próprios.

- abreviatura sobre a última ou na primeira sílaba:

meliad⁹ (f. 674v/col. II. 38) = *Meliadus*

tristã (f. 675v/col. II. 47) = *Tristan*

dinad (f. 673v/col. I. 49) = *Dinadin*

lanc (f. 674v/col. I. 9) = *Lancelot*

lan~ (f. 675v/col. I. 41) = *Lancelot*

lãcelot (f. 676r/col. II. 1) = *Lancelot*

pceval (f. 673r/col. II. 4) = *Perceval*

- abreviatura por contracção:

prõ merlin (f. 674r/col. I. 11) = *Perron Merlin*

S' graal (f. 677v/col. II. 38-39) = *Saint Graal*

Le tiers Livre de messire Lancelot du lac

(f. 673r/col. I) « Beau doulz Sire que vous m'aves acompli mes vouldoirs de veoir ce que j'ay tous jor desire vous prie qu'en cestui point et en ceste grant
5 joie souffres que je trespasse de ceste terrienne vie ou je suis en la celestielle. »
Si tost comme Galaad ot faicte ceste requeste le preudoms qui estoit vestus en semblance de evesque prinst Corpus Domini sur la table si l'offri a Galaad et cil le receut. Et quant il l'ot use le preudoms lui dist: « - Sces tu qui je suis? - Sire, fait il, nēnil, se vous ne le me dictes.» « Or saichies, fait il, que je suis Josephes
10 le filz Joseph de Arimathie que Nostre Seigneur t'a envoie pour te faire compaignie. Et sces tu pourquoy Il me y a envoie plus tost que nul autre? Pour ce que tu me ressembles en II choses: en ce que tu as veues les merveilles du Saint Graal si comme je feis et es vierges si comme je suis. Si estoit bien droit que I vierge face compaignie a l'autre. » Quant il ot ce dit Galaad vint et
15 s'aproche et le baise et puis Bohort. Et puis dist a Bohort: « - Salues mon pere, Lancelot, quant vous le veres. » Lors vint Galaad devant la table et s'agenoille si n'y ot gaires este qu'il chey a dens car l'ame lui estoit partie du corps. Si l'emporterent les anges. Et si tost comme Galaad fu devies, advint illecques une merveille car les II compaignons veirent appertement une main veir devers le
20 ciel, mais ilz ne virent mie le corps dont la main estoit et elle vint droit au vaissel et le prinst et la lance et l'emporta vers le ciel a telle heure qu'il ne fu puis nulz homs si hardis qui osast dire qu'il eust veu le Saint Graal.

Quant Perceval et Bohort veioiet ce que Galaad estoit mort si en furent tant doulans comme nulz plus et s'ilz ne feussent si preudoms tost feussent
25 cheuz en desesperance pour l'amour qu'ilz y avoient. Et les pluseurs du pais en firent moult grant dueil. La ou il morut fu faicte la fosse et si tost comme il fut mort Perceval se randi a ung hermitage et prinst draps de religion. (f. 673r/col. II) et Bohort fu o lui grant piece, mais oncques ne changea ses draps du secle pour ce qu'il baioit encores venir a court le roy Artus.

30 Ung an et II mois vesqui Perceval en hermitage et lors trespasa du siecle et le fist Bohors entereer o sa seur et o Galaad. Quant Bohors vit qu'il estoit remes en si estrange lieu - tout seul comme es parties de Babiloine si s'en parti de Sarras tout armez et vint a la mer et entra en une nef. Si lui avint si bien qu'en

petit de temps vint ou royaume de Logres et comme il vint au palais si chevaucha tant qu'il vint a Kamelot ou le roy Artus estoit. Si ne fut oncques si grant joie faicte comme ilz firent de lui car bien le cuidoient avoir perdu a tous jors mais pour ce que si longuement avoit este hors du pais.

5 Quant ilz ont mangie le roy fist venir les clers qui mectoient en estript les aventures du Saint Graal telles comme on les avoit veues. Si furent mises en estript et gardees en l'abbeye de Salebieres dont maistre Gaultiers Map traist a faire son livre du Saint Graal pour l'amour du roy Henry son seigneur qui fist l'istoire translater de latin en francois. Si se taist atant le compte que plus n'en
10 dist des aventures du Saint Graal. Et retourne a parler de messire Tristan de Leonnois.

 Comment messire Tristan de Leonnois avoit emprise bataille contre Palamides au Perron Merlin, comment Lancelot et luy se combatirent ensemble
15 par mescognoissance.

 Le compte dit et la vraie histoire tesmoingne que come ouy aves en mon segond livre messire Tristan de Leonnois, filz au bon roy Meliadus, fu moult bon chevalier, mais de ses chevaleries ne fait mie grant mencion cil comptes, car
20 maistre Helies du Bourron tracte tout au long de ses fais. Si vous diray comment il morut. Mais pour ce que ne vouloie point entrerompre ma matiere me suis teu d'en parler jusques cy et si morut il le IIIIème an de la Queste (**f. 673v/col. I**) du Saint Graal. Et aussi en ceste derrenie branche parlera de la mort de pluseurs chevaliers, mais il ne parlera mie de messires Palamides le paien qu'on disoit
25 Chevalier a la Beste Glatissant, qui estoit si bon chevalier comme le *Livre Tristan* le devise. Mais messire Gauvain le tua dont ce fu dommaige et aussi occist messires Gauvain messires Lamorat de Gales en son .XXVII. an dont ce fut perte a toute mortelle chevalerie. Car s'il eust vesqu longuement, il eust atteint de chevalerie presque tous les chevaliers de la Table Ronde. Mais tout ce
30 n'affiert mie a nostre matiere. Et pour ce m'en tais mais qui tout ce voudra veoir si preigne le *Grant Livre du Bret* et la le trouvera tout au long. Si retourne a parler de messire Tristan qui fu nepveu du roy Marc de Cornoaille et qui tua le Moraut d'Irlande comme ouy aves. Et pour ce qu'il fu compaigns de la Table

Ronde, m'escuete a compter comment ce fut et la plus part de ses chevaleries. Voir fu que apres ce qu'il eust combatu Lamorault ainsi que ouy aves ou second livre si fu blecie d'une plaie qui pour le glaive fu moult envenimee et de laquelle ne pavoit guerir jusques a ce qu'il s'en ala en Yrlande et la belle Yseut l'en
5 gueri dont il fu si amoureuiz que a maintes choses lui nuysit. Or puis s'en retourna en Cornaille et la pour son corps vainqui Helyas de Soussongne qui treu prenoit sur Cornoialle et puis ala querir Yseut pour bailler a femme au roy Marc. Et en y alant combati avecques Blaner de Gaunes et en eust le meilleur. Et ce fut la cause dont plus tost enmena Yseut. Et quant ilz furent sur mer leurs amours
10 furent si conjointes qu'ilz joirent l'un de l'autre. Apres la bailla a son dit oncle a femme. Et alors, leurs amours furent si apparceues comme commune fame en estoit qu'il fu force qu'il s'en alast au royaume de Logres la ou il fist de belles prouesses. Car il abatit .XIII. chevaliers de la Table Ronde pour ung jour. Aussi en desconfist bien .XXX. avecques Dinadin de la mesnye Morgain. Apres avint
15 ung jour que (**f. 673v/col. II**) **m** trouva enquerant ses aventures Bruns sans Pitie qui vouloit prandre Palamides avecques lui .XX. chevaliers devant une tour mais avoir ne le pavoit, si se deffendoit si merveilleusement que belle chose estoit a le veoir. Si se pensa que ainsi ne le lairoit envillener si se voute pie a terre pour se deffendre si le secoura si bien qu'en peu d'eure furent delivrez deux chevaliers
20 mais apres lui se veult combatre. Et Palamides qui moult estoit saigis et mesures et que pas n'y veoit son preu entreprinst la bataille a jour nomme avecques lui au Peirron Merlin. Et pour ce que par prison fu detenu moult longuement ne se peut trouver mais, Lancelot y survint par telle aventure comme je vous compteray et non mie si au long comme maistre Robert de Borron fait en son livre auquel il traicte de la pluspart des chevaliers que alors estoient pour ce que a la matiere
25 n'y affiert.

Comment Lancelot venant de l'Isle des Fees se combatit contre Galinand filz de Gurrion le Cotoie.

30

Voir fut que apres leur retour de l'Isle des Fees dont en nostre livre ne faisons mie nulle mencion il queist tant par maintes terres et contrees pour savoir nouvelles de messires Tristan pour la bonne chevalerie qu'on disoit de lui que

ung jour aventure l'apporta apres maintes males journees a la forest de [a frase
não continua].

Si rencontra le chevalier aux armes vermeilles si jouterent ensemble puis se
combatirent aux espees tout a cheval si longuement qu'on ne congnoissoit qui en
5 avoit le meilleur. Toutes fois tant le hasta Lancelot de si pres que appertement le
mist a dessoubz. Et si n'eussent este avenues des escuiers du chevalier vermeil
qui congneurent aux armes mal lui en peust estre advenu. Mais surenilment qu'il
congneut que c'estoit Lancelot. Il se nomma que c'estoit Galinans du Bois
Verdoiant que aucuns appeloient l'Orgueilleux si lui fit moult grant joie
10 Lancelot et ainsi laisserent ceste bataille. Si le commanda a Dieu Lancelot puis
s'en ala son erre tant qu'il vint au Perron (f. 674r/col. I) Merlin la ou ame ne
cuidoit trouver. Si y trouva Tristan ainsi comme je vous compteray. Car c'estoit
le jour que Tristan se cuidoit trouver pour combatre a Palamides ainsi
qu'entrepris l'avoit. Et pour ce de si loing qu'il veoit messires Lancelot si lui
15 escrie: « - Sire chevalier, gardes vous de moy! » Si pense voirement que ci soit
Palamides. Et Lancelot qui de tel saluz est acoustume sur este et regarde que
riens ne lui faille.

Comment Lancelot et Tristan se combatent au Perron Merlin.

20

Que vous en diray je! Les deux chevaliers qui leans se sont arrester pour
aprester de la joute comme je le vous ay compte n'y font autre delayement, ains
brochent chevaulz des esperons si s'en vont si roidement comme si fouldre les
chassast. Tous deux sont fors et roides et ont chevaulz fors et isnelz. Si
25 s'entreferirent par mortel haine. Si que quant ilz vindrent au baisser les glaives
ilz s'entrehurtent sur leurs escus si roidement que les aiz persent et desmaillent
les haubers si qu'ilz font sentir les fers des glaives aux chars nues mais non pas
en parfont. Et ja soit ce qu'ilz fussent gros et fors si froisserent ilz jusques aux
poings. Puis s'entrehurtent de corps et de viz et d'escuz qu'ils s'entreportent a
30 terre, les chevaulz sur les corps si malement atornez qu'ilz ne sceuent relever ne
s'il est jour ou nuit. Ains gist tout pasmes comme filz (f. 674r/col. II) mors. Les
chevaulz se lievent tous estourdis et les escuiers les prennent que de ce sont bien
aprans. Et les chevaliers demeurent envers gisans sans movoir ne pie ne main. Et

quant ceulz qui ceste jouste veirent, pensent bien qu'ils soient mors quant ils ont
veu la jouste si cruelle. Et par ce je vous dy que Gouvernalt et les escuiers
Tristan en font ung moult grant dueil comme s'ilz veissent tout le monde mort
devant eulz. Et Gouvernail maudit sa vie que tant a vescu qu'il veu la mort son
5 maistre. Il arrache ses cheveulz et desrompt ses poings comme ung homme
desveez. Et le frere au Duc de Clarence et Brandeliz qui ont veu tout leur **comme**
ne se peuvent tenir de lermoier car bien sceuent que les chevaliers sont de grant
valeur et de haulte prouesse et si estoient ilz vroielement car en tout le monde n'y
10 avoit il mie deux si preudommes comme ilz estoient. Ilz gisent a la terre ainsi
atournez qu'ilz ne se remuent ne pie ne main d'eulz. A chief de piece ilz ouvrent
les oeilz. A Lancelot est bien advis que la terre va crollant, si dit bien a soy
mesmes qu'en sa vie n'avoit il eu si tres grant rencontre de lance si ne scet que
penser qui le chevalier peut estre. Une fois dit que c'est Lamorat et apres que
c'est Palamides, mais tout cela lui fault laisser car autre chose il a affaire. Et cil
15 se lieve en estant et s'apparaille de la bataille et bien semble chevalier de grant
affaire. Tristan qui de l'autre part gist est encore tout estonne et plus esbay que
n'est Lancelot car oncques ne fist jouste qui de ceste cy s'approchast. Si veoit
bien voirement que de la plus grant force et vigueur est le chevalier que a nul
qu'il joustast jamais. Une fois pense que ce n'est mie Palamides, autre fois pense
20 que si est car ausques d'une grandeur estoit et que ses armes sont effacees que
nul n'y peut neus congnoistre. Il demeure en son estant et s'appareille de la
bataille car il dit bien a soy mesmes qu'il est besoing que si jamais il avoit en lui
proesse que le besoing en estoit venuz car il sent bien que le cop qu'il a receu
n'est mie cop de chevalier car il lui semble que le fouldre l'a frappe. Ainsi
25 demeurent l'un devant l'autre pour reprendre leurs force et vigueur.

(f. 674v/col. I) Grant piece ont demoure ensemble sans aler avant ne
arriere. Et messire Lancelot, qui bien congnoit que ainsi ne peuvent demorer,
commenca a marcher le grant pas encontre messire Tristan et messires Tristan
qui le veoit venir marche devant le petit pas et son escu au devant car il veoit
30 bien que a la bataille est venu. Et lors messires Lancelot haulsse l'espee et
commence le premier cop comme cellui qui le savoit faire car il lui bailla tel cop
sur haume que Tristan dit bien a soy mesmes que jamais ne receut ung tel coup
comme cellui qui est tout encombres de le soustenir mais il lui rend tost le

guerdon car il lui en donne I si grant que c'est merveilles. Et lors commença la bataille si merveilleuse et si cruelle qu'oncques pareille ne fu veue par les corps de deux chevalierz car ilz s'entredonnent de gros cops car les espees sont fines et tranchans et les heaumes barres de bon acier mais en peu d'eure ilz les ont
5 tielz atournes qu'ilz les ont barres et fendus en plusieurs pars et tant ont de coups sur leurs escuz et les coupeaux en gisen a terre que a paine en ont de quoy ilz puissent leurs braz couvrir ne soustenir les grans cops que de hault a la force des bras ilz gectent l'un a l'autre et sont ambe deux fors ennemis et sceuent de la bataille ce que savoir en peuvent. Ilz assaillent saigement et se deffendent
10 vigoureusement. Ilz font comme deux lyons aspres car a riens n'entendent fors a leur bataille mener a chief. Si Tristan y met pover et force, Lancelot le fait an double car messires Tristan est encombrés des coups soustenir et Lancelot lui va gectant souvant et menu et ainsi est la bataille molt cruelle car ilz font feu saillir de leurs heaumes comme si se fussent estincelles de flambes. Ilz despiecent leurs
15 heaumes et desmaillent leurs haubers sur bras sur espauls et sur hanches que l'en y eust peu mettre la plaine paume en tel y a lieu. Ilz taschent a eulz frapper au descouvert et si font ilz et tant se sont en plusieurs lieux blecies que je cuide que le sang en va jusques a terre. Ilz (**fol. 674v/col. II**) essaient de gaingner terre l'un sur l'autre a force destruire et de faire bataille, mais ilz se sont si malmenez
20 que l'un ne peut gueres gaingner sur l'autre plain pie de terre. Ilz frappent, ilz maillent comme orfevres font sur enclumez mais la force et la vertus d'un chacun est si grande qu'il semble que nulle riens ne leur en est. Ilz sont ja si atournes que leurs espees sont toutes vermeilles de leur sang, leurs haubers et les cotez qu'ilz ont vestues n'ont ja mie de couleur et semblent ausques de sang
25 vermeil, de leur sang qu'ilz tirent l'un de l'autre. La bataille commença environ tierce, si se sont maintenus en tel estat jusques a heure de midi sans faire semblant de reprendre alaine ne force fors seulement tousjours frapper et mailler l'un sur l'autre par si grant hayne comme s'ilz commancassent la bataille. Ceulz qui ceste bataille regardent sont si merveilles qu'ilz ne sceuent qu'ilz doivent
30 dire car ilz ont veu la merveilleuse joust et le grant assault si aspre et si merveilleux sans forme de nul repos que jamais n'en oyrent parler de tiel. Si veoient qu'ilz ont ja tant perdu de sang que quatre autres en deussent estre mors. Ilz n'en font nul semblant ains sont plus aspres et plus fiers que jamais ne ne

font semblant de plaie ne de nulle bleceure qu'ilz aient ne autre plus que II lions enragés. Le frere au Duc de Clarence qui maintes batailles avoit veues comme cellui qui ja estoit ancien et aïné frere du Duc de Clarence et avoit veu la bataille d'entre Meliadus et Ariolan de Sessongne et aussi la riche bataille qui fu
5 du Chevalier Sans Peur contre Danain le Roux qui furent les plus fieres et merveilleuses que aparavant avoient este combien que durassent tout le jour, si ne y eust il point en toutes les II tant de cops frappes comme en cestui. Et pour ce pense il a lui mesmes qu'ilz ne soient point chevaliers mortelz car les autres estoient les meilleurs chevaliers et les plus renommez de prouesse qui de leur
10 temps feussent. Et pour ce pense (**f. 675r/col. I**) il que ce soit enchantement ou fantasie qui ainsi lui soit apparue, si dit a Brandeliz: « Beau Sire, que dictes vous de ceste bataille? » « Certes, fait Brandeliz, je ne sauroie qu'en dire car c'est la greigneur merveille que je oncques veisse. Et si ces II chevaliers estoient contre ung aussi ententalentes de bataille comme je les veoy il seroit bien grant s'ilz ne
15 le mectoit a desconfiture. » Et Gouvernail qui a veu ceste bataille depuis tierce jusques a midy, qu'en eulz n'a nul repos ains tousjours de plus en plus comme s'ilz congnoissoient la bataille, si a si sarre le cuer qu'il ne scet que dire car si la bataille est parfaicte ainsi comme elle est encommencee que son maistre n'entent saillir sans estre mort ou honnis veu que le chevalier a qui il se combat
20 semble estre plus vistes et plus legiers que de tout le jour n'avoit este. Por quoy en grant doubte est de ceste chose. Les II chevaliers se combatent moult fierement et n'atendent a autre chose fors a eulz gecter grans cops et pesans et a eulz domaiger l'un l'autre la ou ilz se peuvent actaindre. Quant chacun d'eulz veoit l'espee de son compaignon taincte de son sang le cuer leur creve d'ire et de mal talent. Si s'entrecommencent a donner si grans cops et pesans que c'est
25 merveilles de le veoir car ilz sont front a front et viz a viz et si fiers que nulz d'eulz ne faisoit place a son compaignon d'un doy, mais s'esforcent andeux entregrever comme mortelz ennemis. Helas! Ilz se sont si longuement qu'ilz en ont tant defere la vie l'un de l'autre qu'ilz eussent bien ose donner I royaume
30 pour eulz entr'acoïcter, hors se sont ilz trouvez en tel estrif que leur char et leur sang l'achapte moult chier. Ilz sont en tel estat qu'il semble qu'ilz soient vestuz de coites vermeilles tant sont couvers de leur sang. Male mercis ont l'un de l'autre car ilz semblent bestes enragees et non pas gens, tant se sont eschauffes

que mesure de bataille ont perdue et frappent a qui mieulz mieulz. Ilz sont tressuans qu'il semble que feu leur saille des visages. Que vous diray je! Tant se sont (**f. 675r/col. II**) combatus qu'il est passee heure de midi sans reprendre alaine ne force. Et si n'y a nul d'eulz qui n'ait plus de .XX. plaies grans et
5 profondes. De ce ne font ilz nul semblant.

Comment messire Lancelot et Tristan se combatent moult fort et se merveillent moult l'un de l'autre.

10 Tristan, quant il pense que ceste bataille est commancee a sa requeste, veu qu'il estoit ung des meilleurs chevaliers du monde, si fait semblant de reculer et de reprendre alaine a couardise lui pourroit estre retourne. Il prent vigueur et force et dit que mieulz ayme morir que de faire semblant de
15 couardise. Lancelot de sa part s'esmerveille de la resistance qu'il treuve en Tristan et ne scet que dire fors qu'il est le meilleur chevalier a qui il ot oncques a faire. Et par ce dit il a soy mesmes qu'il lui est mestier que plus saignement gecte les cops qu'il n'a fait jusques icy. A Tristan les fait il souvent perdre tant que
20 Tristan s'en apparoit bien. Et s'il ne use de sens en la bataille lui pourroit venir a meschief. Ains se vont entregrevant l'un l'autre comme entalentez qu'ilz sont de mectre son compaignon au dessoubz. La bataille avoit ja dure longuement de tierce jusques a nonne qu'il n'y avoit eu que ung assault. Ceulz qui regardent la bataille tant plus la regardent et tant plus se merveillent, mais ilz dient qu'ilz
25 fault qu'ilz veoient a qui l'onneur adviendra et Gouvernail n'est mie ainsi car il scet bien que c'est Tristan et congnoit bien que ce n'est pas Palamides a qui il se combat, ains est le meilleur chevalier qu'il oncques vit. Et les chevaliers autre chose n'actendent que a leur bataille congnoissent bien qu'elle a trop
30 longuement dure. Ilz s'entr'approchent de si pres qu'ilz s'entrehurtent si roidement qu'ilz s'entreporent a terre tous estourdis et les espees leur volent des poings. Et Lancelot prent moult vistement l'espee de Tristan et Tristan prent l'espee Lancelot si commencent a se entredonner grans cops et pesans comme s'ilz eussent repris alaine. Et quant ilz se veoient si mal menes et que la bataille ne peut durer sans mort de l'un ou par aventure de tous deux et ceulz qui la bataille regardent veoient bien que messire (**f. 675v/col. I**) Tristan est auques

plus greves. Tristan dit bien a soy mesmes qu'il n'en puet eschapper sans mort ou sans deshonneur se la bataille a duree. Lancelot de la sienne part dit que jamais ne trouva chevaliers qui tant lui donna a souffrir et se recommande a Dieu qu'il le vueille garder d'encombrier. Ainsi disoit chacun a soy mesmes en combatant la ou la bataille estoit plus cruelle. Et Tristan amene I cop d'en hault
5 a la force de ses bras sur l'eaume Lancelot qui I quartier en coupe jusques au cierge, mais le cercle est bon qu'il ne le pot empirer et puis l'espee lui tourna en la main et vole hors des poings et se baisse pour la recouvrer. Et Lancelot se treuve au devant et lui donne I tel coup sur l'eaume que I grant chantel emporte.
10 Et l'espee coule sur l'espaule et le blece ausques en parfont. Et quant Tristan veoit les choses ainsi aler si gecte son escu et court a Lancelot empoigner au bras. Et Lancelot gecte son escu et s'espee et s'entreprennent si roidement que tous deux tombent a genolz a la terre. Puis se redressent et se tiennent comme II thoreaux enrages. Et tant se sont tenuz que la place est toute couverte de leur
15 sang et maugre eulz commencent a affoiblir car tant ont perdu de sang que c'est merveilles qu'ilz peuent avoir vie mais le grant cuer qu'ilz ont leur fait endurer toutes paines et travaulz. Tant ont este en cest estat qu'ilz ne se peuent abatre l'un l'autre et par ce leur convient relacher et prendre leurs alaines. Et chacun prent son espee et son escu qui estoit a terre. Que vous diray je! Ilz sont telz
20 atournez qu'ilz n'ont ja besoing de recommencer la bataille. Et pensent a eulz mesmes qui peut estre contre qui il se combat. Et plus pense messires Tristan que Lancelot car il congnoit bien qu'il a le peieur de la bataille. Et commença a dire: « A! dame Yseut! comment vous series bien doulante de ces nouvelles quant vous les orres. He! Dieu pour quoy m'aves vous fait tant vivre en ce
25 monde pour prendre I tel deshonneur que me couvient prendre a ceste heure par la main de l'omme ou monde que plus hais. » Si fait Tristan des plus (**f. 675v/col. II**) greigneurs regrez du monde. Et ceulz qui regardent la bataille veoient bien que Lancelot en a le plus beau. Non pourtant ilz sont tous .II. telz atournez qu'il n'est nul cuer d'omme qui n'en eust pitie. Ainsi demeurent tant
30 regardant l'un l'autre et quant ilz ont reprins ausques alaine mes force ne se peuoit recouvrer. Et Tristan dit bien a soy mesmes que ce ne peut estre Palamides aux grans effors qui sur lui a moustres. Et pour ce se dresse et commence a parler en ceste maniere: « Seigneur chevalier, ja nous sumes

combatus par grant espace de temps si que a noz armes appiert asses. Et pour ce vous vouldroie prier que pour la riens ou monde que vous plus aymes que vostre nom me vueilles dire. » Lancelot qui ja marchoit comme cellui qui ja estoit prest de commencer la bataille si s'arreste et lui respond: « Sire chevalier tant m'aves

5 conjure que mon nom ne vous celeray je pas, ja soit ce que volentiers le vous escondisse, mais la grant chevalerie qu'en vous ay trouvee le me fera descouvrir a vous. Saichies que j'ay nom Lancelot du Lac. Or parfaites vostre bataille quant il vous plaira car je suis prest de la mienne part. » Quant Tristan entend ceste

10 parolle que c'estoit Lancelot du Lac, il est si liez qu'il ne scet qu'il doie dire. Il gecte son escu a la terre et prent son espee par la poincte et se met a genolz devant lui et lui dist: « - Sire, je vous crie mercis et me tiens pour outre de ceste bataille et a vous plus ne combatray car je n'y pourroie gaignier que honte et dommaige. Et veez cy Tristan, le vostre chevalier qui tant desire vous veoir. »

15 Quant messires Lancelot entend que c'est Tristan si le dresse et ne le veult recevoir ains lui dit qu'il lui pardonne de ce qu'il lui a meffait car c'estoit par mescongnoissance. « - A! Messires Lancelot, dist Tristan, a vous appartient l'onneur de ceste bataille et benoite soit l'eure quant je vous demanday vostre nom car je ne pourroie eschapper de ceste bataille sans mort ou sans deshonneur. »

20 Quant Lancelot entend ceste parolle si commance a oster son heaume et font la gragneur joye a Tristan et Tristan a lui car ilz s'entrebaissent et accolent plus de cent fois en grant joie. Et Tristan dit a Lancelot qu'ilz s'estoient entracevez (**f. 676r/col. I**) en autre entencion a la bataille que a ceste heure ne vous accolle, mais vous me rendistes dure accollee car si plus benignement eussies tenu mon fait estoit ja alez. « - Certes, fait Lancelot, cecy

25 n'est ja besoing de dire entre vous et moy car le meilleur et le plus bel avies de la bataille. Mais parlons d'aller a Kamelot devers mon Seigneur le roy Artus et nous faire apparailler noz bleceures car bien en avons mestier tous deux. » « - Certes, fait messire Tristan, la grant joie de ce que je vous ay trouve me oste la moistie de ma douleur. » « Or montons a cheval, fait Lancelot et appellons noz

30 escuiers et alons devisant de toutes choses entre cy et la car seurement vous estes l'omme ou monde que plus grant desir avoie de veoir et par qui plus je feroie apres mon Seigneur le Roy. » Si monte Lancelot a cheval et si fait Tristan a quelque paine car moult estoient grevez. Si s'en vont vers Camelot parlant de

maintes choses. Tant approcherent qu'ilz vindrent en la prairie ou ilz
trouverent messires Gauvain et autres chevaliers qui moult les conjoiret. Puis
descendirent au palais messires Lancelot et presenta Tristan au roy et a la royne
qui moult bien les receurent. Puis firent penser de leurs plaies et assez y ot qui
5 bien le sot faire. Ainsi comme je vous compte demoura Messire Lancelot malade
l'espace d'un mois pendant lequel messires Tristan tint tousjours compaignie et
en la maison l'avoit logie et visitoit III ou IIII fois le jour qu'il ne lui faillist
riens et qu'il ne lui feist comme a son frere charnel. Si le fist honorer a ses
chevaliers au mieulz qu'il pot. Le roy et la royne le visitoient bien souvent et
10 messires Gauvain et tous les autres chevaliers de la Table Ronde et lui firent
moult de plaisirs et de courtoisies comme cilz qui le savoient bien faire durant le
temps qu'il fut malade. Si fu tantost gueri por les bons remedes que les mires lui
donnerent.

15 Comment Messire Tristan fit le serment por estre compaignon de la
Table Ronde. Et comment Lancelot bailla la Joyeuse Garde a Tristan ou il revoit
la royne Yseult.

(f. 676r/col. II) **P**endant celui termine Lancelot pria moult le roy et la
royne et tous les autres chevaliers que messires Tristan fust compaigns de la
20 Table Ronde. Si lui fu octroie le siege de Marehault d'Yrlande qui encores
estoit vuit. Apres ces choses faictes Lancelot qui moult desiroit lui faire plaisir et
a qui messires Tristan avoit compte tout le fait de lui et de la royne Yseult si fit
tant Lancelot pour amour de lui qu'il envoya querir le roy Marc et les accorda
ensemble. Si l'enmena le roy Marc en son pais ou il demoura long temps. Si
25 devint fol et demoura par l'espace de V ans tant que que tout le monde cuidoit
qu'il fust mort. Apres retourna en son sens. Si le deschassa derrechief le roy
Marc hors de son pais. Et a son partir embla Tristan la royne et l'enmena et lui
presta Lancelot la Joyeuse Garde. Et la tint Lancelot X ans a ses despens. Si les
honnora et tint chiers comme c'ilz feussent yssus du propre corps du roy Artus.
30 Pendant celui termine Tristan fist de moult belles chevaleries qui ne sont mie
en ce livre. Car messire Gautier s'en remet a maistre Helies Borron qui en son
livre les met toutes sans riens laisser et maintes autres belles choses ainsi que la
se peut trouver. Apres le premier an de la Queste du Saint Graal Tristan et la

royne s'en retournerent en Cornoaille par certain appoinctement qu'ilz firent avecques le roy Marc. Et environ deus

(f. 676v/col. I) Comment messire Tristan, le bon chevalier et la royne
5 Yseult morurent tous deux ensemble par la plaie que le roy Mar son oncle luy ot faicte.

ans demourerent en bonne paix. Et au bout de II ans le roy Marc trouva Tristan trop pres de la royne en leurs secretes amors. Si le tresperca d'un
10 glaive envenime si que en briefz jours lui couvint morir. Et quant il veit la mort approncher si requist a parler a la royne soy parla et l'acolla et baisa si estrement que tous deux desvierent ensemble moult piteusement. Ainsi morut le bon Tristan de Leonnoys et la royne Yseut. Sagremor qui lors estoit avec Tristan prinst l'escu et l'espee et les emporta a Kamelot ou le roy estoit et la
15 royne. Si en firent moult grant dueilz tous les chevaliers de leans quant il lor ot dictes les nouvelles. Si se taist le compte a parler de la mort de messires Tristan et retourne a parler de Lancelot du Lac.

Comment messire Lancelot du Lac arriva a l'ermitage de l'Olivier
20 Vermeil et la nuyt songia Lancelot que Tristan et la royne Yseult venoient a luy tans embrase du feu.

Cy endroit dit le compte que quant Lancelot ot demoure a court environ
25 XV jours il avint qu'il lui prinst I jour talent d'aler a une fourest qui pres d'illecques estoit. Si s'arma et monta a cheval et n'avoit en sa compaignie que I seul escuier si ala chevauchant en celle maniere parmy la fourest jusques a basse vespres, si descendit de son cheval et le bailla a son escuier et osta son escu et son heaume. Si se assist au pres d'un chesne et commença a (f. 676v/col. II)
30 penser moult durement. Et quant il ot longuement pense s'endormy et dormy tant qu'il fut nuit noire et obscure. Et quant il se reveilla si veoit qu'il est nuyt, si sault sur et prent ses armes et monte a cheval, si s'en cuida retourner a cort mais c'est tout autrement qu'il ne pense, car il va vagant par la fourest une heure avant et autre arriere. Si congnoit bien qu'il estoit desvoie mais ne lui en chault.

Tant erra Lancelot toute la nuit qu'il fu jour. Si congneut bien qu'il avoit esloingnie la court de bien V lieues anglesches, si dit a soy mesmes qu'il ne tourneroit mie a court de deux ne de trois jours, si chevaucha ainsi sans trouver aventure qui a compter face. Ung jor lui advint entour heure de vespres qu'il vint
5 a une moult haulte fourest si chevaucha tant qu'il fu pres de nuit. Si ouy sonner une petite cloche ausques loing de luy, si ala cele part grant erre si vit que c'estoit I hermitage. Quant il ot ausques regarde si dist bien a soy mesmes que autre fois y a il este. Si descend et bailla son cheval a son escuier, si vient a l'ermitage et l'ermite le receu moult honnerablement et le aisa de tout quanque il
10 pot. Si s'en alerent couchier et Lancelot fist ung lit d'herbes et de fueilles. Et saiches que l'ermitage s'appelloit l'ermitage de l'Olivier Vermeil pour ce qu'il y avoit I olivier devant la porte que les fueilles et le fruit estoient tous vermeilz mais le demoirant de l'arbre estoit comme les autres oliviers. Que vous diroy je! Quant Lancelot se fu couchie il s'endormy moult fort. Si lui advint en son
15 dormant une moult merveilleuse advision car il lui sembloit qu'il estoit en I moult estrange lieu si ne savoit ou. Il veoit venir la royne Genievre toute nue et tenoit ses mains encontre son pis et estoit toute eschevelee et avoit la langue traicte hors de la bouche et ardoit la langue mesmes si cler comme se ce fust I gros cierge et elle avoit sur sa teste une couronne d'espines qui ardoient si cler
20 que merveilles estoit de les veoir. Et elle mesmes (**f. 677r/col. I**) ardoit de toutes pars la ou elle se seoit. Mais elle gectoit toutes voies ung plaing si grant et si douloureux cry que cil qui l'oist cuidast bien qu'elle fust oye par tout le monde. Et quant elle veoit Lancelot elle ne se povoit tenir qu'elle ne lui dist la mesmes ou elle estoit en celle grant douleur: « - Ha! Lancelot tant mar vous vy. Celz sont
25 les guerdons de vostre amours. Vous m'aves mise en ceste douleur grant ou vos me veez et je vous mectray en aussi grant ou en greigneur. Ce me poise durement car pour vous je me suis dampnee et mise en la douleur d'enfer. Ne vouldisse pas autretel de vous ains vouldisse s'il pleust a Nostre Seigneur que vous ja en sceussies la grant douleur que pour vous endure. » Telles parolles
30 disoit la royne Genievre a Lancelot et lui estoit advis la ou il dormoit qu'il estoit tant doulant de ceste chose qu'il vouldist bien mourir tout maintenant. Et apres ce lui avenoit si bien qu'il eschappoit sain et haities de Morgain et de toute sa compaignie. Et venoit en ung jardrin le plus bel et le plus delictable qu'il

oncques eust veu en sa vie et le veoit si bel et si gent et si bien actire qu'il lui ressembloit merveilles et ilz estoient tous si joieulz et si envoisiez comme si chacun eust ce qu'il peust penser. Ne il n'y avoit nul d'eulz qui n'eust couronne d'or en la teste si belle et si riche que c'estoit merveilles a la veoir. Il regardoit
5 la ungs et les autres qui ne actendoient fors qu'a joie mener. Et veoit en celle compaignie ung homme de grant eage, se lui estoit advis qui avoit en son chief une couronne moult belle et moult riche, en celle couronne estoit escript: « Ceste fut au roy Ban de Benoyc. » Et y avoit apres une dame couronnee autresi comme il estoit et y avoit lectres en sa couronne qui disoient: « Ce est Helaie qui jadis
10 fut royne de Benoic. » Lancelot qui bien avoit ouy dire que ses peres avoit este appelle le roy Ban de Benoic et sa mere la royne Helaine de Benoic, quant ilz veoit les lectres il se mectoit avant et disoit au Roy: « - Ne feustes vous mes peres ? » et le roy lui respondit: « - Dont se tu fuz mes filz ce poise moy car tu es telz que tu as guerpi et laisse le Createur du monde et moy qui (**f. 677r/col. II**) te
15 engendray et te es mis ou service de l'ennemy et en ces lieux. Ceans ou nous sommez n'as tu riens car ce lieu et ce siege est ja apparailies en la maison d'enfer avecques la royne Genievre qui t'a trayne a la pardurable mort d'enfer et tu elle, si entre vous deux ne laisses le pechie que vous aves maintenu long temps encontre Dieu et encontre Saint Eglise. Et pour loial t'es mis en la
20 Queste du Saint Graal que tu n'y avras se honte non, si surviendra se tu ne laisse ce pechie. » Quant le roy son pere lui avoit ce dit, lors sailli avant la royne Helaine sa mere qui lui disoit: « - Filz, mar te portasse je oncques qui des bonnes graces et de bonnes mors que le Createur du monde t'avoit octroiees as suivy l'ennemy jusques cy. Filz, Dieu t'avoit fait plus beau que autre chevalier et ta
25 beaulte est si perdue que tu l'as du tout mise et gastee au service de l'ennemy et t'es acointe de la royne Genievre qui mal fu nee et l'as maintenue long temps encontre Dieu et encontre raison et encontre droit. Cestui pechie te mecra en aussi grant douleur ou en greigneur que tu n'as la royne Genievre veue. Filz tu es mors et honnis, et cil pechie si tu le laisse te fera mourir a si grant a si grant
30 deshonneur que tous cilz de la parente qui en vie sont y avront honte. Et saiches que nul cuer mortel ne pourroit penser la grant douleur ne la grant misere que tu en souffreras et si en a le delitz asses este briefz et petits, car de l'avenir est telle l'apparance que les deliz en est assez briefz et la paine et douleur en est

pardurable si Nostre Seigneur n'y met conseil. Pour ce te dy je, filz chier, belle
creature que tu laisses cellui pechie. Car certes tu t'es tant meffait et a Dieu et au
monde que j'ay doubtaunce que tu n'en soyes dampnez pardurablement. » Si
s'esveilla Lancelot et raconta son songe a l'ermite et se confessa a lui de tous ses
5 pechies et moult le chastia le preudoms du pechie de lui et de la royne. Si
souvint a Lancelot du songe qu'il avoit fait a I hermitage que Perceval estoit
avecques lui avant qu'il s'en alast I pou avant a Sarras avec Galaad qu'il
emporta le Saint Graal et est tel le songe comme je le vous comperay.

10 **Cy finist la premiere branche du tiers livre de messire Lancelot du
Lac**

(f. 677v/col. I) **L**ancelot estoit I jour avecques Perceval en I hermitage.
Et quant ilz furent leans venuz et l'ermite les ot aaisies de tout quanque il pot si
15 s'en dormirent. Et en dormant fut advis a Lancelot ce que je vous diray. Car il
lui estoit advis que devant lui venoit Yvaings li Avoultres tout nud et tant lait et
tant ydeux que horrible chose et espaoventable estoit de le veoir. Et il estoit tout
environne de feu si qu'il ardoit de toutes pars aussi cler comme fait I gros cierge
bien alume et apres lui venoit une dame toute couronnee si doulente et si
20 exploree que bien sembloit qu'elle souffrist asses douleur et misere et avoit et
avoit la dame en son front lectres qui disoient: « Cy est Canance la royne de
Horlande la femme au roy Carados Briez Braz. » Apres celle venoit une autre
royne venir tout autre si couronnee et autre si triste et doulante et il la regardoit
si veoit que c'estoit la royne Yseult. Et apres li venoit I chevalier criant et
25 doulousant et faisant la plus angoisseuse fin que chevalier fist oncques car il
estoit de toutes pars espris de feu et l'autre qui le regardoit veoit que c'estoit
Tristan li beaux et la royne Yseult qui devant aloit disoit a Lancelot: « - He!
Lancelot telz sont les guerdons de mes amours. Autre tel ou pis peuz tu actendre
ou a avoir se tu ne laisses ta fole emprinse de la royne Genievre. » L'autre qui
30 tant s'esmerveilloit de ce qu'il veoit qu'il ne savoit qu'il deust dire, ne se povoit
tenir qu'il ne parlast si disoit Yseult: « - He! royne Yseult, est ce fait ou
enchantement dont tu es environnee? » « Ce n'est mie enchantement, dist
Yseult, ains est travail d'enfer et feu et si savras comme il est chault pour ce que

tu ne te chasties de ton pechie. » Si se trait maintenant vers Lancelot et le feroit d'un de ses dois en la cuisse qu'il avoit toute desarmee.

5 **E**n cellui point que la royne Yseult ot Lancelot feru en songe si comme le compte le devise, advint si grant merveilles que Lancelot qui se dormoit s'esveilla et gecta ung cri moult merueilleux. Et ce n'estoit mie merveilles car il sentoit que la cuisse lui (f. 677v/col. II) ardoit durement. Et c'estoit le feu si aspres et si angoisseux qu'il n'avoit oncques senti douleur que ceste ne fu plus aspre a C. doubles. Et il s'escrie a haulte voix: « - Ha! Perceval, beaulz doulz amis, secoures moy. Je meurs de la plus angoiseuse mort que oncques chevalier endurast. » Perceval s'esveilla et l'ermite si trouverent Lancelot moult effraie, si lui demanderent qu'il avoit. Et Lancelot leur dist qu'il avoit tant de mal en une cuisse qu'il lui sembloit qu'il l'eust au feu. Et Perceval et l'ermite si regardent la cuisse de Lancelot si la veirent moult noire et Lancelot crioit comme homme forsene. Et Perceval et l'ermite prièrent Dieu moult de bon cuer pour lui. 15 Perceval prinst de l'eaue benoiste et puis vint laver la cuisse et incontinent que la main de Perceval toucha la cuisse de Lancelot avint si bel miracle que le mal lui passa incontinent, mais de tant lui advint il une moult merueilleuse aventure car toute sa vie il ot noire la cuisse a l'endroit de la ou lui semble que la royne l'avoit touche du doy. Tout ce songe cy derrier compta Lancelot a l'ermite et 20 moult se confessa bien de lui et moult lui exposa bien ses songes. Si demoura leans Lancelot deux jours en prieres et en oroisons. Apres prinst congie de l'ermite et erra tant par ses journees qu'il vint a court. Si lui firent moult grant joye, car moult avoient grant paour de lui, car ilz ne savoient ou il estoit ale. Si taist le compte a parler.

25
Cy finist la premiere branche du *tiers livre de messire Lancelot du Lac* et a traicte du Saint Graal tout au long. Comment messire Galaad le tres bon et le tres beneure chevalier trespasa de ce ciecle en la cite de Sarras beneurement a Nostre Seigneur et estoit Galaad Seigneur de Sarras ou il avoit demore ung an.

30
Cy commence la seconde branche du *tiers livre de messire Lancelot du Lac* et parlera de la *Mort le Roy Artur* et du deffinement de la Table Ronde et comment le roy Artur fit grant chere a Bohort qui luy compta le trespasement

(f. 678r/col. I)

**Cy comence la seconde branche du tiers et derrenie livre de Messire
Lancelot du Lac**

5

de Galaad et de Perceval et comment Gauvain ot [a frase continua na primeira linha da segunda coluna do mesmo fólio] **occis XXIII chevaliers en la Queste del Saint Graal.**

10

Apres ce que maistre Gaultier Map ot traictie des aventures du Saint Graal asses souffisanment, si comme il fu advis au Roy Henri, son Seigneur, que ce qu'il avoit fait ne devoit souffrir s'il ne racontoit la fin de ceulz dont il avoit fait devant mencion, comment cilz morurent de qui il avoit les prouesses rementues en son livre, et pour ce comença il ceste derreniere partie et comme

15

il l'ot mise ensemble si appella *La Mort au Roy Artus*. Pour ce que vers la fin est estript comme le roy Artur fu navres es plains de Saleberes et comment il s'en parti de grif qui tant lui fist compaignie qui apres lui ne fu nulz homs qui le veist vivant.

20

Si commence maistre Gaultier ceste derraine partie.

25

Quant Bohors fu venuz en la cite de Kamelot a court asses trouva qui moult grant joie lui fist car ilz desiroient tous et toutes a veoir et quant il ot raconte le trespassement de Galaad et de la mort Perceval si en furent moult doulant a court, mais toutes voies s'en reconfortent ilz au plus bel qu'ilz porent. Lors fist mectre le roy Artus en escript tous (f. 678r/col. II) [**occis chevaliers en la Queste du Saint Graal**] les aventures que les compaignons de la Queste du Saint Graal avoient racontees. Et quant il ot ce fait si dist: « - Seigneurs regardes entour vous quans compaignons nous avons perdus en ceste Queste.» Et ilz regarderent tout maintenant si trouverent qu'il leur en failloit XXII par compte de leurs compaignons, ne de tous ceulz n'y avoit il nul qui ne fust mort par armes¹. Le roy Artus, qui avoit ouy consomner que messires Gauvain en avoit occis pluseurs, si le fist venir devant lui et lui dist:

30

¹ corrigido segundo TP2, Tome IX, edição Ménard, p. 283 / 17.

5

« **G**auvain, beau nieps, je vous conjur sur le serement que vous me feistes quant je vous fiz chevalier, premierement que vous me dictes ce que je vous demanderay. » « - Sires, fait messires Gauvain, vous m'aves tant conjure que je ne lairoie en nulle maniere que je ne le vous deisse et fu ce ma honte la greigneur qui oncques m'avint en mon vivant, ne a nul autre chevalier. » « Or vous demande, fait le roy Artus, quans chevaliers vous aves occis de vostre main en ceste Queste. » Et messire Gauvain pensa I petit et puis lui dist: « - Sire, fait il, vous voules estre certains de ma grant mesihance et je le vous diray car je veoy bien que a faire le me couvient. Je vous dy vraiment et pour voir que j'en ay bien occis

II. 3. Índice de nomes próprios e dos anónimos

ARIOLAN DE SESSONGNE, f. 674v/col. II, *príncipe saxão, vencido por Meliadus num combate.*

ARTUS, ff. 673r/col. II; 676r/col. II; 677v/col. II; 678r/col. I/II etc., *o rei de Logres, filho de Uterpendragon e o marido de Guenievre.*

BABILOINE, f. 673r/col. II

BAN DE BENOYC, BAN DE BENOIC, f. 677r/col. I, *pai de Lancelot e irmão do rei Bohort.*

BESTE GLATISSANT, f. 673v/col. I, *a besta perseguida por Palamedes.*

BOHORT, BOHORS, ff. 673r/col. I/II; 677v/col. II; 678r/col. I, *filho de Bohort, rei de Gaunes (irmão de Ban de Benoic), irmão de Lionel e primo de Lancelot, um dos três cavaleiros eleitos do Graal.*

BRANDELIZ, ff. 674r/col. II; 675r/col. I, *filho de Lac, cavaleiro da Mesa Redonda.*

BLANER DE GAUNES, f. 673v/col. I, *irmão de Blioberiz.*

BRUNS SANS PITIE, f. 673v/col. II, *cavaleiro desleal.*

CAMELOT, KAMELOT, ff. 673r/col. II; 676r/col. I; 676v/col. I; 678r/col. I etc., *cidade de Logres, destruída por Marc.*

CANANCE LA ROYNE DE HORLANDE, f. 677v/col. I, *la royne de Horlande la femme au roy Carados Briez Braz.*

CARADOS BRIEZ BRAZ, f. 677v/col. I, *sobrinho do rei Artur, marido de Canance.*

Ceulz qui ceste bataille regardent sont si merveilles, f. 674v/col. II

Ceulz qui regardent la bataille tant plus la regardent et tant plus se merveillent, f. 675r/col. II

Ceulz qui regardent la bataille veoient bien que Lancelot en a le plus beau, f. 675v/col. II

chevaliers qui leans se sont arrester, f. 674r/col. I

chevaliers demeurent envers gisans, f. 674r/col. II

chevalier aux armes vermeilles, f. 673v/col. II

chevaliers qui moult les conjoiret, f. 676r/col. I

chevaliers de la Table Ronde et lui firent moult de plaisirs et de courtoisies, f. 676r/col. I

chevaliers de leans quant il lor ot dictes les nouvelles, f. 676v/col. I

Chevalier Sans Peu[r], f. 674v/col. II

CORNOAILLE, f. 676r/col. II etc., *reino do rei Marc.*

Corpus Domini, f. 673r/col. I

Createur, f. 677r/col. I

DANAIN LE ROUX, f. 674v/col. II, *marido da dona de Maloaut (faz-se companheiro de armas de Guiron).*

dame, f. 677r/col. I, *Canance la royne de Horlande la femme au roy Carados Briez Braz.*

DIEU, ff. 673v/col. II; 675v/col. I; 677r/col. II; 677v/col. II

DINADIN (dinad), f. 673v/col. I, *filho do **bon chelerier sans peur**, rei d'Estrangorre e irmão de **Brunor le noir**, companheiro de Tristan.*

escuiers du chevalier vermeil, f. 673v/col. II

escuiers Tristan, f. 674r/col. II

escuiers les prennent que de ce sont bien aprins, f. 674r/col. II

escuiers, f. 676r/col. I

FRERE AU DUC DE CLARENCE, ff. 674r/col. II; 674v/col. II, *duque de Galescin.*

GAUVAIN, G, ff. 673v/col. I; 676r/col. I; 678r/col. II, *filho do rei Loth d'Orcanie, sobrinho do rei Artur e pai de Guinglain.*

GALAAD, ff. 673r/col. I; 673r/col. II; 677v/col. II; 678r/col. I etc., *filho de Lancelot.*

GALINAND, FILZ DE GURION LE COTOIE, f. 673v/col. II, *filho de Guiron.*

GALINANS DU BOIS VERDOIANT QUE AUCUNS APPELOIENT L'ORGUEILLEUX, f. 673v/col. II.

GAULTIER MAP, ff. 673r/col. II; 678r/col. I

GENIEVRE, ff. 676v/col. II; 677r/col. I; 677r/col. II; 677v/col. I, *filha de Léodagan de Carmelide, esposa do rei Artur.*

GIRFLET (girf.), f. 678r/col. I, *filho de Do, cavaleiro da Mesa Redonda, (o cavaleiro que na **Mort Artu**, tira a espada do rei Artu no lago)*

GOUVERNALT, GOUVERNAIL, ff. 674r/col. II; 675r/col. II, *fidalgo/cavaleiro nobre de Gaule, mestre de Tristan.*

HELAIE, HELAINE DE BENOIC, ff. 677r/col. I; 677r/col. II, *esposa do rei Ban de Benoic, mãe de Lancelot.*

HELIES DU BOURRON, f. 673r/col. II, *possível autor de um **Tristan** e do **Palamedes**.*

HENRY, ROI, ff. 673r/col. II; 678r/col. I, *rei da Inglaterra Henri II.*

ISLE DES FEES, f. 673v/col. II.

JOIEUSE GARDE, f. 676r/col. II, *palácio, jadis Douloureuse Garde.*

JOSEPHES, LE FILZ JOSEPH DE ARIMATHIE, f. 673r/col. I, *filho de Joseph de Arimathie*.

JOSEPH DE ARIMATHIE, f. 673r/col. I, *discípulo de Jesus, primeiro guardião do Graal*.

LAMORAT DE GAULES, f. 674r/col. II, *filho do rei Pelinor de Listenois, amante da rainha d'Orcanie, mãe de Gauvain*.

LANCE, f.673r/col. I

LANCELOT, ff. 673r/col. I; 673v/col. II; 674r/col. I; 674r/col. II; 674v/col. I; 675r/col. II; 675v/col. I; 675v/col. II; 676r/col. I; 676r/col. II; 676v/col. I; 676v/col. II; 677r/col. I; 677r/col. II; 677v/col. I; 677v/col. II; Lanc, f. 674v/col. I; Lanc~, ff. 676r/col. II; 677v/col. I; 677v/col. II; LANCELOT DU LAC, ff. 675v/col. II; 676v/col. I; 677v/col. II, *filho do rei Ban, descendente de david et meio-irmão de Hector de Mares*.

LIVRE TRISTAN, f. 673v/col. I.

LIVRE DU BRET, f. 673v/col. I.

LOGRES, ROYAUME DE, f. 673r/col. II; Logres, f. 673v/col. I, *reino de Artur*.

MARC, ff. 676r/col. II; 676v/col. I, *rei de Cornualha, pai de Meraugis, tio de Tristan, de Andret, marido de Iseut*.

MORAUT D'IRLANDE, f. 676r/col. II, *tio de Iseut*.

MELIADUS, ROI, ff. 673r/col. II; 674v/col. II, *rei de Léonois, pai de Tristan*.

MORGAIN, ff. 673v/col. I; 677r/col. I, *irmã do rei Artur, fada instruída por Merlin*.

NOSTRE SEIGNEUR

OLIVIER VERMEIL, ERMIDA, ff. 676v/col. I; 676v/col. II, *eremitério onde Lancelot tem visões*.

PALAMIDES, ff. 673r/col. II; 673v/col. I; 673v/col. II; 674r/col. I; 674r/col. II; 675r/col. II; 675v/col. II, *cavaleiro pagão, filho preferido de Babylonien Esclabor e irmão de Saphar*.

PERRON MERLIN, ff. 673r/col. II; PEIRRON MERLIN, f. 673v/col. II, *lugar onde Tristan e Lancelot combatem*.

PERCEVAL, ff. 673r/col. I; 677v/col. II; 678r/col. I; PECVAL, f. 673r/col. II; 677v/col. II, *filho de Pelinor de Listenois, um dos três cavaleiros eleitos*.

ROBERT DE BORRON, f. 673v/col. II.

SAGREMOR, f. 676v/col. I, *parente de Helain le blond*.

SALEBIERES, f. 673r7col. II.

SAINCT EGLISE, f. 677r/col. II

SANCT GRAAL, f. 673r/col. I; SAINT GRAAL, f. 673r/col. I; 673r/col. II; S' GRAAL, f. 677v/col. II; SÃIT GRAAL, f. 678r/col. II.

SARRAS, f. 673r/col. II; 677v/col. II.

TABLE RONDE, f. 676r/col. I etc., *établi par Merlin e Artur, foi destruida por Marc.*

TRISTAN DE LEONNOIS, f. 673r/col. II; TRISTAN, 673v/col. II; 674r/col. II; 674v/col. I; 675r/col. II; 675v/col. I; 675v/col.II; 676r/col. I; 676r/col. II; 676v/col. I; 677v/col. I; T, f. 676r/col. II, *filho do rei Meliadus de Léonois, sobrinho do Rei Marc de Cornualha, parente do rei Pharamont de Gaule, primo de Andret et de Alexandre l'Orphelin, descendente de David.*

VAISSEL, f. 673r/col. I.

YSEUT, ff. 673v/col. I; 675v/col. I; 676r/col. II; 676v/col. I; YSEULT, ff. 676r/col. I; 676v/col. I; 677v/col. I; Y, f. 677v/col. I, *filha ro rei Hanguin d'Irlande, esposa do rei Marc.*

YVAINGS LI AVOULTRES, f. 677v/col. I, *meio-irmão de Ivain de Galles, filho do rei Urien.*

SIGLAS USADAS

QV – *La Queste del Saint Graal*, ed. Albert Pauphilet, Paris, Librairie Ancienne Honoré Champion, 1923. Trata-se da *Queste* da Vulgata, atribuída a Gautier Map (também designada «*Queste Map*»)

QPB – *La Version Post-Vulgate de la Queste del Saint Graal et de la Mort Artu, troisième partie du Roman du Graal*, Tome II, Paris, Société des Anciens Textes Français, 1991

DP – Manuscrito 2594 da Biblioteca Nacional de Viena (fac-símile, 2º vol., ed. Augusto Magne, *A Demanda do Santo Graal*, Rio de Janeiro, INCM, 1971)

TP – **Tristan en prose**

TP1 – Versão breve de **TP**

TP2 – Versão longa de **TP**

S – Paris, Bibliothèque Nationale, fr. 112 (incluído na edição **QPB**)

D – Manuscrito 2594 da Biblioteca Nacional de Viena (incluído na edição **QPB**)

MA - *La Mort le roi Artu. Roman du XIIIème siècle*, ed. J. Frappier, Paris, Dorz, 1936

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA ACTIVA

Ms. Bibliothèque Nationale de Paris, fr. 116

Ms. Bibliothèque Nationale de Paris, fr. 112 (incluído na *La Version Post-Vulgate* de Fanni Bogdanow, Paris, 1991, vol. II)

Ms. Biblioteca Nacional de Viena, 2594 (fac-símile, vol. 2, ed. Augusto Magne, *A Demanda do Santo Graal*, Rio de Janeiro, INCM, 1971)

A Demanda do Santo Graal, ed. Irene Freire Nunes, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.

A Demanda do Santo Graal, ed. Augusto Magne, 3 voll., Rio de Janeiro, INCM, 1944, (vol. 3: *Glossário*).

A Demanda do Santo Graal, ed. Augusto Magne, 2 voll., Rio de Janeiro, INCM, 1955 (1º vol.); 1971 (2º vol.; contém o fac-símile do ms. 2594 B.N. Viena).

A Demanda do Santo Graal, ed. Joseph-Maria Piel completada por Irene Freire Nunes, Lisboa, INCM, 1988.

CRETIEN DE TROYES, *Romans (Erec, Cligès, Le Chevalier de la Charrette, Le Chevalier au Lion, Le Conte de Graal, Chansons, Philomena)*, Paris, Librairie Générale Française, 1994.

CURTIS, Renée L., *Le roman de Tristan en prose*, (édition critique du début du *Tristan en prose* d'après le manuscrit Carpentras 404), ed. Renée L. Curtis, Max Hueber, Munich, 1963 (T. I); Leiden, Brill, 1976 (T. II); Cambridge, D.S. Brewer, 1985 (T. III).

GODFROY, Frédéric, *Dictionnaire de l'ancienne langue française du IXe au XVe siècle*, 10 voll., Genève/Paris, Slatkine, 1982, (réimpression de l'édition de Paris, 1891/1902).

La Demanda del Sancto Grial. Segunda parte: La Demanda del Sancto Grial con los Maravillosos Fechos de Lanzarote e de Galaz su Hijo, ed. Adolfo Bonilla y San Martin, Madrid, Nueva Biblioteca de Autores Españoles, 1907.

Lancelot. Roman en prose du XIIIème siècle, édition critique avec introduction et notes par Alexandre Micha, Paris/Genève, Librairie DROZ, 1978-1983, 9vols.

La Mort le Roi Artu. Roman du XIIIème siècle, ed. Jean Frappier, Genève/paris, Droz/Minard, 1964.

La Partie Arthurienne du Roman du Brut (Extrait du manuscrit B.N. fr. 794), édition avec introduction, glossaire, notes et bibliographie, par I.D.O. Arnold et M.M. Pelan, Paris, Librairie C. Klincksieck, 1962.

La Queste del Saint Graal, Roman du XIII-ème siècle, ed. Albert Pauphilet, Paris, Ed. Champion, 1923.

Le Roman de Tristan en prose, dir. Philippe Ménard, Genève, Librairie Droz, 1991, T. I (1987) ed. Ph. Ménard; T. II (1990) ed. Marie-Luce Chênerie&Thierry Delcourt; T. III (1996) ed. Gilles Roussineau; T. IV (1991) ed. Jean-Claude Faucon; T. V (1992) ed. Denis Lalande&Thierry Delcourt; T. VI (1993) ed. Emmanuèle Baumgartner&Michèle Szkilnik; T. VII (1994) ed. Danielle Queruel&Moniqu Santuci; T. VIII (1995) ed. Bernard Guinot&Jean Subrenat; T. IX (1997) ed. Laurence Harf-Lancner.

Le Roman de Tristan en prose (version du ms. fr. 757 de la Bibliothèque Nationale de Paris) dir. Philippe Ménard, Paris, Champion, T. I (1997) ed. Joël Blanchard&Michel Quéreuil; T. II (1998) ed. Noëlle Laborderie&Thierry Delcourt; T. III (2000) ed. Jean-Paul Ponceau; T. IV (2004) ed. Monique Léonard&Francine Mora.

MONMOUTH, Geoffrey de, *Histoire des rois de Bretagne*, trad. et commenté par Laurence Mathey-Maille, Paris, Les Belles Lettres, 1992.

*La Version de la Post-Vulgate de la **Queste del Saint Graal** et de la **Mort Artu**, troisième partie du **Roman du Graal***, ed. Fanni Bogdanow, Tome I, II, III, Paris, Société des Anciens textes français, 1991.

LÖSETH, E., *Le roman en prose de Tristan, le roman de Palamède et la Compilation de Rusticien de Pise – analyse critique d’après les manuscrits de Paris*, Paris, E. Bouillon, 1891.

TORMO, Teresa García-Sabell, *Léxico francés nos Cancioneiros-Portugueses*, Revisión Crítica, Vigo, Galaxia, 1991.

BIBLIOGRAFIA PASSIVA

BANNIARD, Michel, *Genèse culturelle de l’Europe, V^e – VIII^e siècle*, Paris, Éditions du Seuil, 1989.

BAUMGARTNER, Emmanuèle, «*Le Tristan en Prose*». *Essai d’interprétation d’un roman médiéval*, Genève, Droz, 1975.

BLECUA, Alberto, *Manual de crítica textual*, Madrid, Editorial Castilia, 1983.

BLOCH, Marc, *La société féodale*, Paris, Éditions Albin Michel, 1968.

BOGDANOW, Fanni, *The Romance of the Grail. A study of the structure and genesis of a thirteenth-century arthurian prose romance*, New York, Manchester University Press, 1965.

Idem, «La chute du royaume d’Arthur – évolution du thème», *ROMANIA*, CVII, 1986, pp. 504 – 519.

Idem, «The Spanish *Demanda del Saint Grial* and a Variant Version of the Vulgate *Queste del Saint Graal*. Part II: A Hitherto unnoticed manuscript of the Variant Version of the Vulgate *Queste del Saint Graal* and Galaad's final adventures in the Spanish *Demanda*» in BOLETIM DE FILOGIA, Tomo XXXI, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1986 – 87, pp. 79-131.

Idem, «The Relationship of the Portuguese and Spanish *Demandas* to the extant french manuscripts of the Post-Vulgate *Queste del Saint Grial*», BULLETIN OF HISPANIC STUDIES, 52 (1), 1975, pp. 13 – 32.

CARTER, Henry Hare, *Introduction, Linguistic study, Notes, Plates & Glossary, in The Portuguese Book of Joseph of Arimathea*, the University of North Carolina Press, Chapel Hill, North Carolina, 1967.

CASTRO, Ivo, *Introdução a Demanda do Santo Graal*, ed. Joseph-Maria Piel completada por Irene Freire Nunes, Lisboa, INCM, 1988.

Idem, *Curso de História da Língua Portuguesa*, Lisboa. Universidade Aberta, 1991.

Idem, *Introdução à História do Português: Geografia da Língua; Português Antigo*, Lisboa, Colibri, 2004.

Idem, *História da Língua Portuguesa*, 2000, in http://www.instituto_camoes.pt/cvc/hlp

Idem, «Sobre a data da introdução na Península Ibérica do Ciclo arturiano da Post-Vulgata», BOLETIM DE FILOGIA, XXXVIII, 1983, pp. 81 – 98.

CINTRA, Luís Filipe Lindley, *Crónica Geral de Espanha de 1344, edição crítica do texto português*, Introdução, Vol. I, Lisboa, INCM, 1983.

CORREIA, Isabel Sofia Calvário, *A Construção da “Linhagem Escolhida” no Livro de José de Arimateia, versão portuguesa da Estoire del Saint Graal*. (Tese policopiada), Lisboa, Universidade de Lisboa, 2003.

Idem, *Os sonhos e a comunicação da Ideologia da Linhagem no Livro de José de Arimateia*, IV Colóquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura

Medieval, “Da decifração em textos medievais”, Separata, Ebições Colibri, pp. 235 – 245.

CURTIUS, Ernst Robert, *European Literature and The Latin Middle Ages*, Princeton, New Jersey, Princeton University Press, 1953.

GAFTON, Alexandru, *După Luher. Traducerea vechilor texte biblice*, Iași, Editura Universității „Alexandru Ioan Cuza”, 2005.

GRENIER, Albert, VENDRYÈS, Joseph, TONNELAT, Ernest, UNBEGAUN, B.-O., *Les Religions Étrusques et Romane. Les Religions des Celtes, des germains et des anciens Slaves*, Paris, Presses Universitaires de France, 1948.

LAGE, Guy Raynaud de, *Manuel pratique d'ancien français*, préface de G. Gougenheim, Paris, Picard, 1983.

LAPA, Rodrigues, *A “Demanda do Santo Graal”. Prioridade do texto português*, Lisboa, 1930; *Miscelânea de Língua e Literatura Portuguesa Medieval*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1982, pp.303-340.

LARANJINHA, Ana Sofia, *Artur, Tristão e o Graal. A Escrita Romanesca no ciclo do Pseudo-Boron*. (Tese policopiada), Porto, Universidade do Porto, 2005.

LE GOFF, Jacques (com a colaboração de Jean-Maurice de Montremy), *Em Busca da Idade Média*, Lisboa, Editorial Teorema, LDA, 2004.

Idem, *Os Intelectuais na Idade Média*, Lisboa, Gradiva, 1983.

LOT, Ferdinand, *La fin du monde antique et le début du moyen âge*, Paris, Éditions Albin Michel, 1968.

MATTOSO, José coord., *História de Portugal*, Lisboa, Círculo de Leitores, Segundo Volume: *A monarquia feudal (1096-1480)*, 1993.

MEGALE, Heitor, “A *Demanda do Santo Graal*: tradição manuscrita e tradição impressa” in ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, XXXIV, pp. 135-140, 2005.

MICHA, Alexandre, “La tradition manuscrite du *Lancelot en prose*”, ROMANIA, LXXXV (1964), pp. 293-318 e 478-517; LXXXVI (1965), pp. 330-359.

Idem, “Les manuscrits du *Lancelot en prose*”, ROMANIA, 81, 1960, pp. 151-156.

MIRANDA, José Carlos, *Galaaz e a Ideologia da Linhagem*, Porto, Granito, Editores e Livreiros, 1999.

Idem, *A Demanda do Santo Graal e o Ciclo Arturiano da Vulgata*, Porto, Granito, Editores e Livreiros, 1998.

Idem, *Conto de Perom, o Melhor Cavaleiro do Mundo. Texto e comentário de uma narrativa do “Livro de José de Arimateia”, versão portuguesa da “Estoire del Saint Graal”*, Porto, Granito, Editores e Livreiros, 1998.

Idem, *A dimensão literária da cultura da nobreza m Portugal no século XIII*, Separata da Revista da Faculdade de Letras – História, II, Série, Vol. XV, Porto, 1998, pp. 1551-1565.

Idem, *A edição castelhana de 1535 da “Demanda del Sancto Grial”: o retorno de Excalibur às águas...*, Porto, Península. Revista de Estudos Ibéricos, nr.1, 2004, pp.53-63.

MOUNIN, Georges, *Les problèmes théoriques de la traduction*, Paris, Gallimard, 1969.

PICKFORD, Cedric Edward, *L'évolution du roman arthurien en prose vers la fin du moyen Age, d'après le manuscrit 112 du fonds français de la Bibliothèque Nationale*, Paris, A. G. Nizet, 1960.

Idem, “La Priorité de la version portugaise de la «Demanda do Santo Graal»”, BULLETIN HISPANIQUE, LXII (1961), pp. 211-216.

ROSSI, Luciano, *A Literatura Novelística na Idade Média*, Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa – Biblioteca Breve, 1979.

TEYSSIER, Paul, *História da língua portuguesa*, trad. de Celso Cunha, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1987.

VINAVER, E., *Études sur le Tristan en prose. Les sources, les manuscrits, bibliographie critique (Thèse complémentaire présentée à la faculté de Lettres de l'Université de Paris)*, Paris, Champion, 1925.

WILLIAMS, Edwin, *Do Latim ao Português: Fonologia e Morfologia Históricas da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, [Trad. portuguesa do original inglês, 1961], 3ª ed., 1975.

Índice

Nota Prévía	3
Introdução.....	4-9
I. Estudo do texto.....	10
I.1. A matéria narrativa	10-13
I.1.1. A morte de Galaad e Perceval	
I.1.2. O combate entre Tristan e Lancelot no Perron Merlin	
I.1.3. Os sonhos de Lancelot	
I.1.4. O regresso de Boorz à corte de Artur	
I.2. Avaliação da matéria narrativa.....	14-19
1.2.1. A morte de Galaad e Perceval.....	20-37
1.2.2. O combate entre Tristão e Lancelot no Perron Merlin	38-50
1.2.3. Os sonhos de Lancelot.....	51-85
1.2.4. O regresso do Boorz à corte de Artur.....	86-94
I.3. Conclusões.....	95-97
II. Edição de texto.....	98
II.1. Normas de transcrição.....	99-102
II.2. Texto: ms. B.N., fr.116, ff. 673r – 678r.....	103-120
II.3. Índice de nomes próprios e anónimos	121-124
Siglas usadas.....	125
Bibliografia.....	126-132
Bibliografia activa	
Bibliografia passiva	
Índice	133